

ALESSANDRO DOS SANTOS ROSA

**A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (1946-1988)**

**CURITIBA
2010**

ALESSANDRO DOS SANTOS ROSA

**A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (1946-1988)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, pelo Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

**CURITIBA
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

Rosa, Alessandro dos Santos

A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988) / Alessandro dos Santos Rosa. – Curitiba, 2010. 103f.

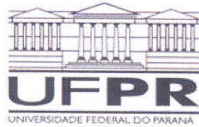
Inclui bibliografia

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curso de Pós-Graduação em História.

1. Brasil. Exército. Força Expedicionária Brasileira - História. 2. Ex-combatentes – Condições sociais – 1946-1988. I. Oliveira, Dennison de, 1964-. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 940.5381



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Alessandro dos Santos Rosa, intitulada: ***A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira***, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovacao, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, vinte e nove de outubro de dois mil e dez.

Prof. Dr. Dennison de Oliveira (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz (UEL)
1º Examinador

Prof. Dr. Renato Lopes Leite (UFPR)
2º Examinador

TERMO DE APROVAÇÃO

ALESSANDRO DOS SANTOS ROSA

A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (1946-1988)

Dissertação aprovada como requisito Parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Dennison de Oliveira
Departamento de História, UFPR
Orientador

Prof. Dr Francisco César Alves Ferraz
Departamento de História, UEL
1º Examinador

Prof. Dr. Renato Lopes Leite
Departamento de História, UFPR
2º Examinador

Prof. Dr. Antonio César de Almeida Santos
Departamento de História, UFPR
Suplente

Curitiba, 29 de outubro de 2010.

DEDICO

Aos meus filhos,
Matheus e Eduarda,
por existirem e serem a razão do meu viver.

A minha esposa, Rosângela
por estar ao meu lado dando força
e apoiando as minhas aspirações.
Aos meus pais, Arnildo e Loreci,
pelo amor e apoio incondicional
na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Dennison de Oliveira, meu orientador, pelo acompanhamento e atenção dedicados a este trabalho. Suas orientações foram imprescindíveis para o enriquecimento e desenvolvimento dessa pesquisa. Agradeço, igualmente, a banca examinadora de qualificação, composta pelo Prof. Dr. Antonio César de Almeida Santos e pelo Prof. Dr. Renato Lopes Leite, que contribuíram com questões fundamentais para a finalização deste trabalho.

Aos funcionários do Museu do Expedicionário e da Biblioteca Pública do Paraná, por reconhecerem o valor de uma pesquisa, e tornarem disponíveis dados e informações.

De forma muito especial agradeço a Prof^a Claídes, que além de sua amizade de longa data e solidariedade, prestou um suporte técnico de extrema importância em vários momentos deste trabalho.

Aos meus queridos companheiros de mestrado: Narcélio, Débora, Maria Cristina, Dilma, Lizandro, Marcio Macedo, Marcio Martins, Jaci, Elza, Celma, Martha, Vanessa, Kátia e Anita, que ombrearam as angústias dessa jornada e, de forma ou outra, auxiliaram no direcionamento deste trabalho. Juntos construímos laços fortes de amizade.

A todos os amigos que presenciaram meus momentos difíceis, minhas angústias, minhas aflições. Não vou elencar aqui nomes pra não ser injusto e esquecer alguém. Pessoas que, em momentos oportunos, trouxeram conforto e ânimo para que esta jornada chegasse ao fim.

O meu agradecimento especial a minha amada esposa Rosângela, que desde o início dessa caminhada esteve ao meu lado incentivando, demonstrando seu companheirismo e sua compreensão. Participou de todas minhas angústias, alegrias e esperança e, com carinho e paciência, sempre me apoiou, ajudando com suas palavras de incentivo a continuar a caminhada sem desistir. A você, minha esposa, muito obrigado por tudo.

Agradeço a Deus, meu amigo fiel de todas às horas que, através de minhas orações, fortaleceu meu espírito, possibilitando que eu tivesse coragem e superasse as dificuldades que às vezes pareciam infinitas dentro desse período. Elevo os meus pensamentos aos céus e agradeço por tudo que recebo, por tudo que sou e faço, onde sempre encontro fé e esperança, permitindo renovar sempre minhas forças.

A todos vocês, muito obrigado!

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	8
LISTA DE FIGURAS.....	9
RESUMO	10
ABSTRACT.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 BRASIL: CONDUZIDO AO CONFLITO ARMADO	21
1.1 O Brasil sai de “cima do muro”: a criação da FEB	26
1.1.1 A seleção: apadrinhamentos	32
1.2 Partida rumo ao desconhecido: A FEB chega a Itália	36
1.2.1 A americanização da FEB	39
1.3 As dificuldades e superações nos campos de batalha	43
1.3.1 Combatentes e as facilidades proporcionadas pela guerra	47
2 AS DIFICULDADES E CONSEQUÊNCIAS DA REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES	58
2.1 O retorno e a receptividade da FEB	66
2.2 As decepções e a nova batalha	68
2.3 Reconhecimento	70
2.4 Ex-combatentes ou perturbados mentais: a discriminação	72
2.5 À volta para casa: uma luta diária para sobreviver	74
3 ONDE ESTÃO MEUS DIREITOS?.....	77
3.1 As legislações	80
3.2 As entidades	85
3.3 A Legião Brasileira de Assistência	86
3.4 A Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
DOCUMENTOS/ DEPOIMENTOS PUBLICADOS.....	102
ENTREVISTADOS	103
ENTREVISTAS ORAIS	104

LISTA DE ABREVIATURAS

- CLT** – Consolidação das Leis de Trabalho
- CRIFA** – Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas
- DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda
- DIE** – Divisão de Infantaria Expedicionária
- EUA** – Estados Unidos da América
- FEB** – Força Expedicionária Brasileira
- FUSEx** – Fundo de Saúde do Exército
- LBA** – Legião Brasileira de Assistência
- RI** – Regimento de Infantaria
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- TO** – Teatro de Operações

LISTA DE FIGURAS

Foto 01 - Presença de mulheres italianas no depósito de pessoal da FEB	50
Foto 02 - Mais um Flagrante da presença das lavadeiras no depósito de pessoal	51
Foto 03 - O trânsito livre das lavadeiras	52
Foto 04 - Flagrante de uma formatura no depósito de pessoal da FEB	53

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o processo de reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira, entre 1946-1988. No total 25.334 militares singraram as águas do oceano Atlântico, sendo enviados para a frente de combate na Campanha da Itália, entre 1944-1945. Após o final da Segunda Guerra Mundial, ainda em solo italiano, teve início o processo de desmobilização e dissolução da FEB. Logo após a chegada do efetivo febianos em terras brasileiras, principiou uma nova batalha: a luta por reconhecimento histórico de sua participação na guerra e inserção social da sua memória, em função das dificuldades encontradas no processo de reintegração social e profissional. Para tanto, foram organizadas associações de ex-combatentes, entidades para prestar apoio e leis de amparo foram criadas. A primeira lei especificamente para prestar assistência aos ex-febianos foi editada no ano de 1946. Porém, passaram-se mais de quatro décadas para que todos ex-combatentes fossem assistidos por essas leis. No ano de 1988, com a promulgação da nova Constituição, de uma forma geral, todos ex-integrantes do efetivo expedicionário foram amparados pela legislação. Paralelo a isso, foram travados embates contra o isolamento e esquecimento por parte das autoridades governamentais e da sociedade da sua história e memória.

PALAVRAS-CHAVE: Força Expedicionária Brasileira; ex-combatentes; reintegração social; história.

ABSTRACT

This study aims to analyze the process of social reintegration of former combatants of the Brazilian Expeditionary Force, from 1946-1988. In total, 25,334 soldiers sailed the waters of the Atlantic Ocean, being sent to the battlefield in the Italy Campaign, between 1944-1945. After the end of World War II, even on Italian soil, began the demobilization process and dissolution of the FEB. Soon after the arrival of effective Febian in Brazilian lands, began a new battle: the fight for historical recognition about your participation in the war and the social status of his memory, depending on the difficulties encountered in social and professional reintegration. It had been organized associations of former combatants, entities to provide support and protection laws were created. The first law specifically to assist former Febian was edited in 1946. However, it took more than four decades for all ex-fighters were assisted by these laws. In the year 1988 with the promulgation of the new Constitution, in general, all former members of the expedition were supported by effective legislation. Parallel to this, battles were waged against the isolation and neglect by government authorities and society in its history and memory.

KEY-WORDS: Brazilian Expeditionary Force; former combatants; social reintegration; history.

INTRODUCAO

O objetivo principal do estudo focalizado por essa dissertação é desenvolver uma análise sobre o processo de reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1943/1945), por intermédio de uma tardia legislação, que visava trazer um amparo legal. Será realizada uma abordagem geral sobre a FEB, sendo que se dará uma ênfase sobre o surgimento da legislação, na década de 40, especificamente no ano de 1946, um ano após o retorno dos expedicionários da Itália por término da Segunda Guerra Mundial (1939/1945).

Mesmo com o surgimento dessas legislações, um grande número de expedicionários obteve seu benefício somente na década de 1980. Em alguns casos, foram mais de quarenta anos de demora para que, aqueles que permaneceram vivos, fossem assistidos pelo Estado. A historiografia militar, aqui especificamente sobre a Força Expedicionária, ficou por um longo período no esquecimento da sociedade e dos próprios pesquisadores. Alguns contatos com ex-combatentes, que fizeram parte do efetivo da FEB e estiveram diretamente envolvidos no combate ou, ainda, que ficaram como reservas no depósito de pessoal, aguçaram meu interesse em procurar uma compreensão a respeito desse processo.

A academia apresenta, na atualidade, pesquisas de vulto importantíssimos para uma compreensão de como foi realizado o processo de desmobilização e sobre como foi trabalhada a reintegração social dos ex-combatentes. Porém, o objetivo é adicionar uma reflexão junto com essas pesquisas e tentar compreender as formas e razões que conduziram a criação dessas legislações, de modo específico, para aqueles que estiveram de forma direta envolvidos nos campos de batalha na década de 1940 e, em alguns casos, foram contemplar quem tinha direito somente na década de 80.

Essa pesquisa não tratara de casos nem de lugares específicos. Por intermédio de depoimentos, colhidos aleatoriamente, buscaremos uma compreensão do que ocorreu, de uma forma geral, com os homens e mulheres que compuseram o efetivo febiano. O processo pelo qual se desenvolveu a participação do Brasil, no episódio da Segunda Guerra Mundial, foi conturbado e desorganizado, deixando a sociedade distante. Os sacrifícios realizados nos campos de combate também ficaram, de certa forma, alheios ao conhecimento social, causando um esquecimento por parte da sociedade e por parte dos estudiosos.

Não seria diferente o procedimento no retorno, pois o povo brasileiro não estava interligado com seus militares combatentes. Em decorrência da forma como foi realizada a

mobilização não havia uma relação de proximidade com o processo da participação na guerra, ficando os combatentes, dessa forma, ignorados, esquecidos. Como foram recebidos pela população seus ex-combatentes? Como a maioria dos ex-febianos passaram a viver seu cotidiano? Houve algum tipo de discriminação da sociedade em relação aos ex-componentes da FEB? Que tipo de amparo foi prestado pelo Estado? Esses amparos conseguiram reparar as injustiças ocorridas? Todos ex-combatentes foram beneficiados pelas leis criadas? Essa pesquisa tentara responder questões como essas e outras que possam surgir.

Outras abordagens, ainda, serão realizadas, as quais passam pelo processo de convocação e seleção, em que a questão dos apadrinhamentos será aprofundada. Incluem-se, assim, em nossas análises, investigações sobre os seguintes aspectos: a participação no confronto, bem como a participação na guerra, buscando-se dar ênfase, de uma forma inédita, sobre as facilidades oferecidas em situação de guerra; o que aconteceu aos ex-combatentes, após seu retorno ao país; qual foi a reação frente ao processo de desmobilização; como ficou marcado o momento da chegada e suas festividades por ocasião do retorno; quais as preocupações das autoridades político-militares, de uma forma geral, em relação aos expedicionários.

Na historiografia brasileira as pesquisas realizadas sobre esse grupo social, com teor mais profundo, datam de um momento recente. Alguns trabalhos realizados tiveram seu início no eixo Rio/São Paulo, na década de 1970, com a pesquisa de Maira de Lourdes Lins¹ (1972), a qual fazia parte do programa de pós-graduação. Nos anos que compõem a década de 1980 dois trabalhos, um do ex-combatente da FEB, Francisco Cabral² (1982) e outro do tenente-coronel, João Felipe Sampaio Barbosa³ (1985), são apresentados, sendo que o último realiza uma abordagem específica sobre a questão social dos ex-componentes da FEB.

Outros trabalhos, não relacionados com a questão social da FEB, mas com a historiografia vem surgir na década 1990. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial começa, então, a ganhar espaço e destaque entre os estudos acadêmicos, com

¹ LINS, M de L. F. **A Força Expedicionária Brasileira**: uma tentativa de interpretação. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (publicada em 1975 pela Editora Unidas de São Paulo).

² CABRAL, F. **Um batalhão no Monte Castelo**. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo.

³ Este é a única pesquisa encontrada abordando alguns tópicos sobre a questão social da FEB. BARBOSA, João Felipe Sampaio. Regresso e desmobilização da FEB: problemas e consequências. (**A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro. Ano 71, n. 719, mai./jun. 1985).

pesquisadores como Luís Felipe da Silva Neves⁴ (1992), Alfredo Oscar Salum⁵ (1996) e Patrícia da Silva Ribeiro⁶ (1999).

É perceptível que são poucas pesquisas realizadas em torno do assunto que envolve a participação efetiva do Brasil, no episódio da guerra. Em países do continente europeu, América do Norte, alguns países da Ásia e Oceania, nunca se deixou de pesquisar o ramo da História Social, que estuda as guerras e os homens que as fazem. Do mesmo modo, nunca se deixou de pesquisar sobre os ex-combatentes, seu impacto social. Um trabalho, que tem por objetivo uma abordagem em torno da questão social e tem uma representatividade historiográfica de grande importância, é a pesquisa do historiador Francisco César Alves Ferraz⁷, o qual surgiu quase 60 anos após o encerramento da participação do Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial. Pode ainda ser citado como destaque, o empenho do pesquisador Dennison de Oliveira,⁸ o qual se dedica, no desenvolvimento dos trabalhos desenvolvidos, à ênfase a uma Nova História Militar Brasileira. Este autor coordena grupos de pesquisa, desenvolvendo projetos e artigos que visam valorizar a história militar

Um longo período se passou até que houvesse interesse, por parte dos estudiosos, em desenvolver pesquisas em torno da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, referente à criação da Força Expedicionária Brasileira. Conforme explica Francisco César Alves Ferraz⁹, nas quase seis décadas que separam o fim da guerra aos dias atuais, o tema da participação na Campanha da Itália teve pequena relevância na disciplina de História e nos livros didáticos.

Esse desinteresse acabou deixando um permanente abismo entre os ex-combatentes, componentes da FEB e o meio social. Para a pesquisadora Sirlei de Fátima Nass¹⁰, a participação da FEB na Segunda Guerra não implicou nem em perdas substanciais de vidas humanas, nem a ocupação estrangeira do território brasileiro, sendo vista à distância pela

⁴ NEVES, L. F. da S. **A Força Expedicionária Brasileira: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁵ SALUM, A. O. **Zé Carioca vai à Guerra**. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica.

⁶ RIBEIRO, P. da S. **As batalhas da memória: uma história da memória dos ex-combatentes brasileiros**. Niterói, 1999. Dissertação (Mestrado em História): Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

⁷ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese de doutorado. São Paulo, 2003. p. 5

⁸ O doutor Dennison de Oliveira, além de coordenar grupos de pesquisa em torno da historiografia militar brasileira é autor de várias obras podendo ser citadas aqui “**Os soldados alemães de Vargas**” e “**Os soldados brasileiros de Hitler**”, dentre outras obras.

⁹ FERRAZ, F. C. A. **O Brasil na guerra: um estudo de memória escolar**. Comunicação apresentada no IV Encontro Perspectiva do Ensino de História. Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto, 24 de abril de 2001. Anais da ANPOC.

¹⁰ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943-1951)**. Dissertação – UFPR, 2005. p.17.

sociedade. Fato esse que foi fundamental para o rápido esquecimento por parte da sociedade. Porém, para o pesquisador Dennison de Oliveira¹¹, essa falta de proximidade com os efeitos violentos da guerra não justifica o silêncio e a omissão, na medida em que o mundo acadêmico brasileiro mantém-se, curiosamente, distante do enfrentamento dos problemas suscitados pela necessidade de se interpretar a história militar e as memórias a ela associadas. O que poderia ter propiciado o pouco interesse em pesquisas relacionadas a assuntos militares, segundo os pesquisadores Dennison de Oliveira¹² e Francisco César Alves Ferraz¹³, foi o difícil relacionamento existente entre a universidade e o Regime Militar (1964/85), sendo que, mesmo depois de terminada a ditadura, a FEB continuou sendo desprezada na historiografia acadêmica.

Outros interesses se interligavam com essas problemáticas, pois as autoridades político-militares, temendo que pudesse haver uma mobilização política mediada pelo contingente que havia retornado dos campos de batalha da Europa, procuravam manter a sociedade distante da FEB. Ficava, dessa forma, mais enfraquecida a imagem da Força Expedicionária e de seus componentes, apagando-se, rapidamente, da memória da sociedade. Embora no período da ditadura tenha ocorrido um grande desenvolvimento nas áreas de pesquisas, graduação e pós-graduação dentro do meio acadêmico, as tensões políticas distanciavam as produções científicas. Nem mesmos os livros didáticos traziam grandes informações. Nesse material constavam algumas poucas informações sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, desprezando posteriormente a FEB também.

A sociedade, por não conhecer o processo pelo qual passaram os ex-combatentes, por não saber das dificuldades enfrentadas, desde a mobilização, a passagem pelo processo da participação efetiva nos campos de batalha, encerrando por uma desmobilização desorganizada e rápida, não teria condições, também, de oferecer apoio, de reconhecer seus heróis. Como nos explica Dennison de Oliveira¹⁴, dependendo das avaliações do desempenho da tropa brasileira na Itália, feitas por essa história, a memória da FEB assumiu dimensões simpáticas e generosas, hostis e negativas, ou mesmo heróicas ou depreciativas.

Dessa forma, se tornava fácil distorcer os feitos dos expedicionários, seguindo as divulgações e pesquisas, o critério que interessasse àquelas pessoas que detinham o poder e visavam preservar seus interesses. Essas possibilidades poderiam transformar pontos positivos

¹¹ OLIVEIRA, D. **História e memória entre ex-combatentes**: o caso da Força Expedicionária Brasileira (1943-2000).

¹² Idem.

¹³ FERRAZ, F. C. A. **A Guerra que não acabou....** op. cit. . p. 10

¹⁴ Idem.

em negativos sem questionamentos, pois não havia na memória social informações concretas. Como analisado por Sirlei de Fátima Nass¹⁵, tal entendimento exerceu grande influência, para melhor ou para pior, no conjunto de questões, na diversidade de memórias, nas representações sobre a atuação dos expedicionários na guerra, bem como na busca por reconhecimento e inserção social da sua memória e história.

No momento em que se oficializou o retorno do efetivo da Força Expedicionária, a mesma já nem existia mais. Havia sido diluída através de decreto baixado quando ainda na Europa. Com atitudes como essa, tomadas de forma muito prematura naquele momento, uma das consequências foi a abertura de caminhos que poderiam conduzir a uma problemática social, situação essa que ainda era invisível e acabaria afetando uma grande parcela da população brasileira. Devido à forma como iniciou o processo de desmobilizar a FEB, ficariam as dúvidas acerca da representatividade que teriam, perante a sociedade, os ex-combatentes e, da mesma forma, como esses passariam a ser vistos pelo meio social. Tais atitudes dificultavam ainda mais uma ligação sólida entre ambas as partes, aumentando a possibilidade de ocorrerem fatos como a discriminação e isolamento.

Todo esse novo cenário, que teve início com a desmobilização, ainda em solo italiano. Configurou-se como algo que se posicionava contra o que idealizavam os vitoriosos combatentes. Estes tinham o anseio de não somente reencontrar suas famílias, mas restabelecer contato com seu povo. Esperavam uma recepção calorosa, o que de fato aconteceu, mas não esperavam que fosse tudo tão rápido. Queriam uma continuidade do reconhecimento e viver com dignidade, pois precisaram partir para o cenário da guerra, na Europa, arriscar suas próprias vidas em combate, e agora contavam com o reconhecimento público.

Contrariando as orientações realizadas pelos norte-americanos, foi efetivada uma desmobilização rápida, sem preocupações básicas, como por exemplo, ter uma legislação específica que oportunizasse uma preparação para um restabelecimento em meio à sociedade, capacitando estes novos cidadãos a, novamente, sintonizarem-se com o seu meio social. As orientações dos norte-americanos eram a de se manter a FEB como tropa de ocupação ou, pelo menos, como alavanca pra a modernização do exército brasileiro.

Como consequência dessas decisões, tomadas de forma precipitada e sem cautela, os ex-combatentes ficaram sem uma estrutura para se readaptar. A brutalidade de uma guerra possivelmente pode acabar interferindo no sistema nervoso do ser humano, principalmente em

¹⁵ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário....** op. cit. p.18

sua dimensão psicológica. O desamparo que vai acabar ocorrendo, principalmente por parte das autoridades político-militares, traz problemas de efeito “cascata”. Inicia afetando os ex-combatentes; posteriormente, familiares e amigos, que convivem de forma direta com os mesmos; e, por final, traz prejuízos incalculáveis para a sociedade e, finalmente, até mesmo para a memória historiográfica.

Após a desmobilização, algumas medidas começam a ser adotadas na tentativa de minimizar as dificuldades sociais, pelas quais estavam passando os ex-componentes da FEB. No ano de 1946 é editada a primeira lei de amparo, a qual procura atender, primeiramente, aqueles que ficaram mutilados nos campos de batalha. Ainda, na década de 1940, outras leis foram criadas, seguindo pelas décadas subsequentes. Porém, a legislação será um assunto abordado à parte, especificamente em um capítulo dessa pesquisa.

Com essa legislação a situação dos ex-combatentes começa a ser minimizada, embora tardiamente, inicia-se um processo demorado para reparar os prejuízos causados aos ex-militares e seus familiares. Existiram alguns entraves, o que fez a aplicação dessa leis sofrerem de lentidão. O principal motivo que levava as leis demorarem em ser votadas e aprovadas era a constante solicitação daqueles militares que, em nada tinham a ver com o episódio da Segunda Guerra Mundial, em querer receber os mesmos benefícios.

Com a dificuldade encontrada pelos ex-febianos para se restabelecer dentro da sociedade, de se reintegrar ao meio social, ao longo das décadas inicia-se um processo de aproximação com as Forças Armadas, de forma especial com o exército, fato que se explica por ser desse o maior efetivo de componentes. Essa proximidade, ocorrida entre ambos os lados, fazia com que houvesse uma fusão de idéias, “onde era referir-se aos pracinhas e ao Exército como se fossem uma coisa só.”¹⁶

Alguns esclarecimentos se fazem necessários. Essa dissertação, em seu título, privilegia o termo FEB, referindo-se a todos aqueles que participaram de forma efetiva do Teatro de Operações na Itália, de uma forma generalizada, como sendo parte da Força Expedicionária Brasileira, por assim termos essa compreensão. Porém, o efetivo em seu número maciço era da Força Expedicionária, tendo ainda o Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira e do Corpo de Enfermeiras. Esses dois últimos possuíam um número de componente bastante reduzido, fato que não diminui de importância sua participação, pois vivenciaram o mesmo momento e processo histórico, partilharam das mesmas dificuldades e tensões. Todos os grupos citados reúnem-se nas mesmas associações, sem usar de distinções

¹⁶ FERRAZ, F. C. A. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 09.

de unidades e subunidades a que fizeram parte. Para referir-me aos grupos citados acima utilizarei os termos, *ex - combatentes*, *ex - febianos*, *ex - expedicionários* e *veteranos*. Para referir-me ao conjunto de componentes utilizarei *Força Expedicionária*, *Força Expedicionária Brasileira* e *FEB*.

No primeiro capítulo abordarei a criação da Força Expedicionária Brasileira, procurando relatar sobre a seleção e os apadrinhamentos, isto é, as atitudes tomadas para que determinado militar, mesmo sendo convocado, conseguisse criar mecanismos para não participar do efetivo que partiria para a Itália. Farei uma análise de como foi a partida da FEB e a chegada, após singrar o mar até a Europa. As tropas brasileiras conduziram materiais de baixa qualidade, ocorrendo, dessa forma, um reaparelhamento procedido pelos norte-americanos, ou seja, uma “americanização” da Força Expedicionária. Faremos uma abordagem sobre as grandes dificuldades enfrentadas para que houvesse uma adaptação ao novo cenário que se apresentava as superações ocorridas devido à determinação dos soldados brasileiros. Abordaremos, ainda, sobre alguns tipos de facilidades proporcionadas no Teatro de Operações, fato que, em algumas obras são negadas, principalmente naquelas de cunho militar e que foram pesquisadas realizadas por oficiais do alto-escalão. Em outras análises referentes à historicidade da FEB, existem pesquisas que não aprofundam muito o assunto.

Esse aspecto não será tratado de forma depreciativa, com o intuito de denegrir ou desvalorizar a participação do efetivo expedicionário, ao contrário, tem por objetivo destacar alguns pontos sensíveis do campo de batalha que, por falta de esclarecimento oportuno na época, fez com que a sociedade, em alguns momentos, tivesse uma visão distorcida levando a comentários infundados. Ainda, analisarei como foi o retorno, momento tão esperado por todos que participaram, de forma efetiva, nos campos de batalha e como se desencadeou a receptividade organizada no país.

No segundo capítulo será abordado, de forma específica, a reintegração social dos ex-combatentes. Procuraremos analisar a problemática social gerada com a desmobilização que foi executada de maneira rápida e sem um planejamento mínimo. Os ex-integrantes da Força Expedicionária sofreram uma forte decepção ao se deparar com a realidade que, de uma hora pra outra, lhes foi imposta, nascendo um sentimento de abandono por parte do Estado e por parte da sociedade. Essa última agiu dessa forma principalmente por não ter sido preparada pelas autoridades para acolher seus heróis de guerra.

Uma luta pior do que aquela enfrentada nos dias e noites gélidos dos Apeninos, na Itália, estava por vir. Iniciaram-se as novas lutas, verdadeiras batalhas, agora em solo pátrio, para que se recebesse, no mínimo, o reconhecimento. Passaram a ser discriminados dentro da

sociedade, que isolava e rotulava aqueles que estiveram em frente de combate, afirmando que haviam se tornado perturbados mentais. Mesmo aqueles que conseguiram voltar para seus lares, suas famílias e amigos, enfrentaram grandes dificuldades em se readaptar sem um tratamento psicológico adequado. Esses aspectos citados acima serão trabalhados de forma detalhada em subtítulos, tentando trazer a luz a realidade vivenciada pelos ex-combatentes.

No terceiro capítulo, será abordado, de forma específica, a busca constante que durou décadas, pelos amparos, por leis que assegurassem o mínimo de dignidade aos ex-combatentes e seus familiares. Amparos esses que foram tardiamente aplicados, agravando a precária condição social que grande número de ex-febianos, que ainda estavam vivos, vivenciavam. As legislações criadas, muitas vezes demoravam décadas para chegar e atender aqueles que se encontravam deslocados, morando em regiões afastadas dos grandes centros. Esse aspecto será abordado de forma mais profunda.

Muitos desses ex-componentes da FEB já haviam ido a óbito ou viviam em situação de pedintes, numa condição lamentável à margem da sociedade, verdadeiros mendigos, vivendo de restos, de sobras, quando as leis foram sancionadas. Será, ainda, realizada uma análise sobre entidades e instituições que foram criadas pelo Estado para dar amparo e levantar fundos para os ex-combatentes e sua famílias, os quais passavam por uma dificuldade extrema e careciam de toda ajuda possível. Além das entidades, os próprios estados, municípios, aos quais pertenciam os ex-integrantes da Força Expedicionária, procuravam dentro de suas possibilidades, oferecer benefícios que pudessem minimizar suas precárias condições sociais. Os aspectos sobre as entidades serão abordados, de forma mais detalhada, em subtítulo exclusivo, que procurará esclarecer em que pontos contribuíram para minimizar o problema social gerado e se foi de forma positiva ou negativa.

As fontes orais utilizadas nessa pesquisa, com ex-integrantes da Força Expedicionária Brasileira, serão trabalhadas no sentido de trazer informações inéditas, que auxiliem na compreensão das dificuldades enfrentadas no momento da reintegração social. Essas entrevistas não ficaram limitadas somente a esse aspecto, mas ilustrarão outros momentos, como a organização do efetivo expedicionário, participação efetiva nos campos de batalha, as adversidades enfrentadas e superações, trazendo um aspecto inédito, como as facilidades proporcionadas pela guerra, mesmo não sendo esse o tema central da pesquisa. Essas informações trarão grande enriquecimento em detalhes, a fim de contribuir para uma melhor compreensão desse momento da história militar brasileira, qual seja a participação no episódio da Segunda Grande Guerra Mundial, agregando informações inéditas coletadas junto aos ex-combatentes.

Visando facilitar a compreensão e a leitura dessa pesquisa, por parte daqueles que possuem pouco contato com denominações militares, algumas delas usadas nesse trabalho, farei um breve resumo da composição da Força Expedicionária Brasileira. A apresentação dessa forma organizacional tem a finalidade de passar a idéia de como foi distribuído esse efetivo. A FEB, seguindo as novas doutrinas norte - americanas e se adequando a ela, teve participação efetiva com uma divisão de exército, foi composta de vários tipos de unidades, que cumpriam finalidades específicas, auxiliando umas as outras no cumprimento de missões no campo de batalha. As unidades mais citadas são os Regimentos de Infantaria, pelo fato de que essa estrutura foi a que melhor se adaptava ao terreno em que haveria a participação brasileira, como explicado por Francisco César Alves Ferraz¹⁷:

A estrutura da FEB era “ternária”, ou seja, cada unidade dividia-se em três menores, que se dividiam em outras três menores e, assim, sucessivamente, até chegarmos aos Grupos de Combate. Esta é a unidade básica, formada por 13 homens, sendo 11 soldados, um cabo e um sargento, que o comanda. Um pelotão é composto por três Grupos de Combate, que soma 41 homens, comandados por um tenente e tendo como auxiliar direto um segundo sargento, a praça mais antiga, ocupando a função de adjunto. Três Pelotões de fuzileiros e mais um Pelotão de Petrechos Leves (morteiros e metralhadoras leves) compõem uma Companhia (193 homens), comandada por um capitão. Três Companhias de fuzileiros e mais uma Companhia de Petrechos Pesados (com 166 homens, possui dotação de metralhadoras e morteiros pesados, de maior calibre) formam um Batalhão (871 homens), comandado por um major. Três Batalhões constituem um Regimento de Infantaria (R. I.), que possui 3.256 homens e é comandado por um coronel. Dessa forma, os três Regimentos que compuseram a FEB formaram a Infantaria de sua Divisão. Mesmo que cada unidade abrigasse soldados de todos os Estados brasileiros, era maior a concentração de soldados de sua sede. Assim, o 1º R. I., com sede no Rio de Janeiro, concentrou mais expedicionários cariocas e fluminenses. O 6º R. I., com sede em Caçapava, São Paulo, reuniu mais paulistas. O 11º R. I., com sede em São João Del Rei, Minas Gerais, teve a maior concentração de mineiros. A composição da Artilharia era de quatro Grupos de Obuses, três dos quais com 12 canhões de 105mm e um, com 12 canhões de 155mm. Um Grupo de Obuses era dividido em três baterias, de quatro canhões. A Artilharia tinha como auxiliar, o Esquadrão de Ligação e Observação, que usava aviões pequenos e frágeis para monitorar, por via aérea, os alvos a serem atingidos pela Artilharia. O Batalhão de Engenharia, o Batalhão de Saúde, o Esquadrão de Reconhecimento (possuía 13 carros blindados (sobre rodas) e 5 carros de meia-lagarta, tendo como comandante um capitão, eram unidades e subunidades que completavam o quadro operacional. Outras companhias como de Transmissões, de Manutenção, de Intendência e de Polícia, além daquela destinada ao Quartel General da Divisão, faziam parte. Pequenas unidades e quadros completavam a FEB, como os capelães militares, os componentes do Pelotão de Sepultamento, os padioleiros, a Justiça Militar, a Banda de Música e a agência do Banco do Brasil.

¹⁷ FERRAZ, Francisco César Aves. **A Guerra que não acabou...** op. cit. 10-11; BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra:** os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p. 134-135; e MASCARENHAS DE MORAES, João Batista. **A FEB pelo seu Comandante.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947, p. 263-264.

CAPÍTULO 1

BRASIL: CONDUZIDO AO CONFLITO ARMADO

A abordagem sobre o direcionamento político, que aconteceu no cenário brasileiro, se torna importante para que possamos ter um entendimento de como foi demorada a tomada de decisão de apoiar, militarmente, os países aliados. Também, auxilia na compreensão de como teve que se organizar às pressas e de forma desordenada esse efetivo, que comporia a Força Expedicionária. Esse contingente foi mobilizado sem organização, fruto, principalmente, da inexperiência em guerras, situação que permaneceu presente na mobilização, participação e desmobilização da FEB, direcionando para a problemática social que se apresentou ao findar da participação brasileira no episódio da Segunda Guerra Mundial.

Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas é levado à presidência da República, conforme análise de Ricardo Seitenfus:¹⁸ “Em outubro de 1930, um movimento armado conduz o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas à presidência da república. A Primeira República conhece seu ocaso e tem início a Era de Vargas”. Após passar pelo governo provisório (1930-1934) e pelo governo constitucional (1934-1937), apoiado por militares e pela população, Getúlio Vargas derrubou a constituição e declarou o Estado Novo (1937-1945). Com o advento do Estado Novo, em novembro de 1937, “Vargas passou a governar com poderes ditatoriais, iniciando oito anos de domínio incontestável.”¹⁹

Iniciava-se um período de ditadura na História do Brasil. Alegando a existência de um plano comunista para a tomada do poder (Plano Cohen) Getúlio fechou o Congresso Nacional e impôs ao país uma nova Constituição, que ficaria conhecida mais tarde como "Polaca", por ter se inspirado na Constituição da Polônia, de tendência fascista. O governo de Getúlio Vargas contava com grande apreço popular e tinha como meta principal enquadrar o Brasil em uma era de desenvolvimento. Procurando uma autonomia em bens industriais, não desejava que o país continuasse tão dependente das economias internacionais.

O país contava com uma economia muito dependente. O que vem dar mostras dessa fragilidade econômica foi à crise de 1929, na qual foi grandemente reduzida à compra do café

¹⁸ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. 3. ed. Barueri, SP: Mamole, 2003. p.01

¹⁹ BRANDI, Paulo. **Vargas**: da vida para a história. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 03.

brasileiro, produto que servia como base da economia nacional, fazendo com que as preocupações de uma industrialização tomassem lugar de destaque, como explica Ricardo Seitenfus:²⁰

A crise econômica mundial de 1929 mostrou bem que o Brasil não mais poderia continuar a depender inteiramente do estrangeiro para o suprimento de bens industriais. A importância da siderúrgica para o Brasil e para sua política externa é imensa: Getúlio Vargas a considerou o “problema básico” da economia brasileira. Enquanto não resolvido, o Brasil não reconheceria “a opulência econômica”. A partir de outubro de 1930, a implantação de um complexo siderúrgico tornou-se um dos elementos chave do programa getulista, condicionando a atitude brasileira em relação à Alemanha e aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial (p. 04)

A política comercial brasileira partiu para a tentativa de diminuir as barreiras que o protecionismo internacional impunha, procurando uma aproximação com as nações que dominavam os mercados pelo mundo. O Estado Novo foi marcado pela expansão industrial e pelo crescimento das exportações nacionais: “O país apresentava uma estrutura agrária, com o café respondendo por 70% das exportações e 60% dos seus quase 40 milhões de habitantes vivendo em áreas rurais.”²¹

Desde o final de 1935 o governo havia reforçado sua propaganda anticomunista, amedrontando a classe média e de certa forma preparando a mesma para prestar seu apoio. O Golpe de Getúlio Vargas teve sua articulação com apoio dos militares, contando também com o apoio maciço da sociedade. Dessa forma, conseguiu uma centralização política que, desde então, se desencadeava. Vargas impôs a censura aos meios de comunicação, reprimiu a atividade política, perseguiu e prendeu inimigos ligados a ela, adotando medidas econômicas nacionalizantes e deu continuidade a sua política trabalhista com a criação da CLT²², em 1943.

Desde a sua ascensão ao poder, a política getulista sempre seguiu a esteira das políticas totalitárias e ditatoriais. Fato esse que, com a proximidade do evento da Segunda

²⁰ Idem. p.4

²¹ EICKHOFF, Renato. A Força Expedicionária Brasileira e os seus veteranos. 2005. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005. p.5

²² Consolidação das Leis do Trabalho. Criada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. A consolidação das leis trabalhistas era uma necessidade do governo Vargas, populista e dependente da aclamação popular. Nesse período foi criado o Ministério do Trabalho, e a maioria das leis trabalhistas nasceram após 1930, quando triunfou a revolução que levou Vargas ao poder. O sindicalismo crescia sob as asas do governo e foram feitas muitas leis para regulamentar o trabalho.

Guerra Mundial, a sociedade e até mesmo o meio militar ficava duvidoso de qual seria sua decisão, a quem prestar apoio, como analisado por Roney Cytrynowicz²³:

Como terceiro e “outro” fator aparece a guerra que já em 1939 “produzia seus efeitos no Brasil, pois, como se não bastasse a ditadura do Estado Novo, havia o temor de que Getúlio Vargas optasse por alinhar o país ao lado da Alemanha nazista.

Embora identificado com os regimes totalitários europeus, o Estado Novo getulista conservava-se neutro em relação ao conflito que eclodira em 1939, neutro quanto aos Estados liberais e ao nazi-fascismo europeu. As riquezas minerais, como, por exemplo, o minério de ferro em grande quantidade, era estrategicamente ambicionado pelos dois lados, pois essas matérias-primas seriam utilizadas para a fabricação de arsenais de guerra, tecnologia que, nesse período, estava em pleno desenvolvimento.

Apesar das pressões norte-americanas, o governo continuava indeciso. E essa indecisão era reflexo das tendências contraditórias dos homens do governo: enquanto Filinto Müller, chefe da polícia do Rio de Janeiro, e Francisco Campos, Ministro da Educação, eram favoráveis às potências fascistas do eixo Berlim – Roma - Tóquio, Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, colocava-se contra. Entre as duas tendências oscilavam os generais Góis Monteiro e Dutra.

Todavia, muito preocupavam aos Estados Unidos as ligações comerciais que o Brasil mantinha com a Alemanha e, principalmente, a postura tomada por Vargas diante da ideologia dos países do Eixo. Em 1940, Vargas citou em um discurso as qualidades do Eixo. Isso fez com que todos acreditassem na possibilidade do Brasil, em breve, se unir a eles, até porque o Estado Novo era um governo que se identificava com os regimes totalitários europeus. Mas apesar do fato do presidente ser um simpatizante do regime alemão, “economicamente, nas circunstâncias, o Brasil não podia viver sem os Estados Unidos. A Alemanha não era bastante grande para substituí-lo em nossos negócios.”²⁴

Segundo Roberto Gambini²⁵:

Deve ficar bem claro que essa possibilidade de um duplo sistema comercial foi usada, mas não criada pelo Brasil. À medida que se concretizava as medidas que definiam a aliança entre Brasil e Alemanha, os Estados Unidos concentravam seus esforços para subverter o comércio entre os dois países, visando impedir que a Alemanha prosseguisse em sua marcha armamentista.

²³ CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Edusp, 2000. p.292

²⁴ BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República: de 1930 a 1960**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p. 122.

²⁵ GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977. p. 165

Sendo assim, o governo determinou através do DIP²⁶, que qualquer meio de comunicação permanecesse neutro ao relatar notícias da guerra que acontecia na Europa, uma vez que a censura era rigorosamente exercida em todas as ocasiões. A inclinação a favor das potências aliadas deu-se a partir do sucesso das negociações de empréstimos entre o Brasil e o Eximbank, em 1941. Já na II Conferência de Consulta dos Chanceleres no Rio de Janeiro, em meados de janeiro de 1942, a aliança política entre Brasil e Estados Unidos foi efetivada. Tornou-se inevitável naquela ocasião o rompimento das relações diplomáticas com o Eixo. Em março do mesmo ano, o comprometimento do Brasil se aprofundou, com a assinatura de um acordo que permitia aos Estados Unidos a utilização das costas nordestinas como bases aeronavais.

A participação direta do Brasil no conflito mundial aconteceu após repetidos ataques aos navios brasileiros por parte da força submarina alemã. Cerca de dezoito navios foram perdidos nesses ataques, realizados até em águas brasileiras. Além das perdas materiais, foi grande o número de brasileiros mortos, conforme analisado pelo Marechal Floriano de Lima Brayner²⁷:

Foram grandes as nossas perdas, em embarcações e vidas preciosas. E deste modo registrou-se a inevitável exaltação do amor próprio nacional, e mais de se acentuou a nossa aproximação aos Aliados Ocidentais. Em 22 de agosto de 1942, o Brasil rompia relações com os países do Eixo Berlim-Roma em seguida ao cruel afundamento do *Afonso Pena*, por um submarino, nas costas da Bahia, e do *Aníbal Benévolo*, *Baependi*, *Araraquara*, *Itagiba* e *Arara*, entre 15 e 16 de agosto de 1942, a 8 milhas da costa de Sergipe, fazendo 653 vítimas.

Até o momento que ocorreu o fato acima citado, a política getulista tinha um alinhamento com as ideologias ditadas pelos países do eixo, em especial com a Alemanha, como abordado anteriormente. Quando ocorre esse episódio, o sentimento de simpatia transforma-se em sentimento de justiça como explicado por Italo Conti²⁸:

²⁶ O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em dezembro de 1939, foi o principal responsável pela legitimação de Vargas e do Estado Novo perante a opinião pública. Com maior amplitude de ação que o Departamento Nacional de Propaganda, o DIP, dirigido por Lourival Fontes, tornou-se porta-voz autorizado do regime e o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão até 1945.

²⁷ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe do estado-maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 19

²⁸ Ítalo Conti. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR. Natural da cidade de Mallet – PR, de origem italiana, participou como voluntário. Após a declaração de guerra do Brasil contra as nações do eixo, todos os oficiais receberam do ministro um telegrama, solicitando que compusessem o efetivo da FEB, o qual ele fez prontamente. Fez parte do efetivo do 1º Grupo de Artilharia em apoio ao 11º RI. Tinha a função de oficial de ligação, era capitão naquela oportunidade, tendo como seu superior o coronel Valdemar Levi Cardoso, comandante do 1º Grupo de Artilharia. Após passar para a Reserva, desempenhou funções como chefe de segurança do Estado do Paraná e

Realmente era admirável a forma da política alemã e Getúlio Vargas fez um discurso muito ambíguo, dizendo que forças novas estavam surgindo no mundo, realmente dava a entender que estava com pensamento a apoiar as ideologias alemãs, as quais estavam sendo vitoriosas. Mas no instante que virou a opinião pública do Brasil, inclusive a simpatia do exército brasileiro que tinha pelo exército alemão, virou em 24 horas.

Evidentemente, isso provocou reações espontâneas que resultaram em manifestações populares, exigindo a entrada do Brasil na guerra. Em 21 de agosto de 1942, finalmente, Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, declarou oficialmente guerra contra a Itália e a Alemanha. O país acaba participando do episódio da Segunda Guerra Mundial, não porque estava na eminência de ser atacado ou ocupado, mas sim, porque as articulações políticas e econômicas acabaram conduzindo ao desfecho desse processo.

A participação inicial do Brasil ficou limitada ao fornecimento de matérias-primas estratégicas e ao auxílio no policiamento do Atlântico Sul. Somente em 1944 foi enviado à Itália um contingente de soldados, que compuseram a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que foi criada um ano antes, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, a qual passará a ser analisada em item específico.

A sociedade brasileira tinha em todos os seus segmentos, sejam eles políticos, instituições de segurança, comércio, indústria, produção rural, uma ligação muito forte com os imigrantes alemães e italianos, dificultando de forma expressiva a tomada de decisão contrária aos países do eixo, em especial a Alemanha. Essa atitude, depois de tomada, acabaria afetando até mesmo a forma como seria tratado o povo germânico aqui residente, o que acabou acontecendo de fato.

Ainda, conforme abordagem dos autores Roberto Ganbini, Leôncio Basbaum, Renato Eickhoff, Roney Cytrynowicz, Ricardo Seitenfus e Paulo Brandi, nos possibilita uma visão de como foi articulado dentro do Estado Novo uma situação que pudesse beneficiar a economia brasileira até os últimos momentos, em que uma decisão havia de ser tomada: tomar partido e apoiar os países do Eixo, seguindo as políticas totalitárias, ou apoiar os países aliados e lutar contra essas ideologias. Dentro do exposto acima, fica possível uma análise de como acaba se desencadeando o processo que leva o país aos campos de batalha da Europa, desde suas dificuldades, devida à relação construída com os imigrantes germânicos, ideologia política alinhada com os regimes ditatoriais e, ainda, interesses econômicos.

foi também, por algumas vezes, eleito Deputado Estadual. Configura uma das grandes personagens do Estado do Paraná. Conta atualmente com 94 anos.

1.1 O Brasil sai de “cima do muro”: a criação da FEB

As primeiras providências tomadas em torno da Força Expedicionária Brasileira deixaram evidente que, mesmo parte dos militares responsáveis por tal mobilização, não acreditavam na possibilidade da participação brasileira no cenário da Segunda Guerra Mundial. Atitudes negativas como essa, somadas a outras tantas, direcionaram para a desorganizada desmobilização no pós-guerra.

Como analisado anteriormente, o governo de Getúlio Vargas foi direcionado a apoiar os países aliados, pois havia uma ampla e profunda diplomacia entre ambos os países. Surgem então, os episódios dos torpedeamentos dos navios brasileiros na costa brasileira e em águas internacionais, no ano de 1942, sendo os alemães responsáveis pelos atos. Dessa forma, nos grandes centros, onde as pessoas acompanhavam com maior proximidade a evolução dos acontecimentos e era possível uma junção de massas sociais, pessoas ligadas principalmente a instituições políticas, manipulavam esses grupos para que solicitassem uma atitude dos políticos e demais autoridades do país. Eles exigiam a participação do Brasil no conflito armado, pois o principal argumento que se utilizava era que a honra dos brasileiros estava manchada sendo necessária uma reação.

Contudo, esse é um ponto de vista que autores como Joaquim Xavier da Silveira²⁹ defendem: “o clima era de total repúdio e, como acontece nessas ocasiões, desmandos são feitos, agitadores profissionais encontram clima para suas tendências. Multidões acorreram ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, exigindo a guerra”, segundo um ponto de vista oficial, não sendo único e verdadeiro.

Concomitante a todo esse cenário, os norte-americanos pressionavam para que Getúlio Vargas decidisse a quem apoiaria, ofertando um investimento na parte de infra-estrutura no campo industrial do país e o reaparelhamento das Forças Armadas, as quais se encontravam sucateadas, conforme já analisado. O desencadear dessas promessas de investimentos tem como objetivo central, legitimar a entrada do Brasil na guerra o que, de fato, acaba acontecendo com a declaração de guerra no dia 22 de agosto de 1942, conforme abordagem anterior.

Em relação à bibliografia que aborda o contexto da historiografia da FEB, o processo de mobilização, atuação e retorno foi realizado, num primeiro momento, a partir de uma análise de pesquisas ligadas a história militar oficial. A maioria dessas obras enaltece a

²⁹ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. p. 43.

imagem dos militares, principalmente daqueles que se encontravam no alto-comando da força expedicionária e combateram contra os regimes ditatoriais, e fazem reflexões sobre os problemas sociais surgidos após a desmobilização. O maior número dessas obras foi de contribuições realizadas por oficiais do alto escalão da FEB, tendo como editora a BIBLIEx, Biblioteca do Exército.

Pelo fato das obras, em sua maioria, serem de autoria de militares, acabam convergindo em uma mesma direção, pois mesmo se tratando de relatos do campo de batalha, há uma preocupação com a própria memória da instituição. A preservação da integridade desta está relacionada à capacidade dos líderes militares se destacarem como comandantes. Na obra do comandante da FEB, General João Batista Mascarenhas de Moraes³⁰, há destaque do momento em que se dá a criação da FEB, pela organização do efetivo que partiria para a Itália, e contempla a chegada no Teatro de Operações³¹(TO).

Ainda, comenta como devem ser os procedimentos de um General, comandante de um contingente em situação real de guerra, como o mesmo deve se portar frente a grandes peças de manobras, que sejam os batalhões, e como direcioná-las no campo de batalha. Faz, também, reflexões sobre decisões tomadas com correções e outras que foram deixadas de ser aplicadas e que poderiam ter trazido resultados mais positivos. Ou seja, a obra também traz uma abordagem em torno do aspecto de que o chefe militar, no caso, General deve colocar em prática os altos estudos realizados em escolas com essa finalidade dentro das forças armadas.

Outra obra analisada é a do Chefe do Estado Maior da Força Expedicionária Brasileira, coronel Floriano de Lima Brayner³², que procura enaltecer o papel desempenhado pelo estado-maior da FEB, sendo ele um dos componentes deste. Apresenta-se como grande crítico de como foi organizado e mobilizado o efetivo expedicionário, utilizando da crítica também para analisar como algumas autoridades do governo do Estado Novo se utilizaram de mecanismos para a mobilização de artifícios contra a FEB. Ainda, realiza reflexões sobre o retorno dos expedicionários e o fim da Força Expedicionária.

As obras acima mencionadas, mesmo procurando relatar sobre o episódio da participação da FEB no contexto da Segunda Guerra Mundial, mantêm-se quase sem críticas a instituição e a possíveis falhas ocorridas nas ordens emitidas nos campos de batalha, com exceção feita à obra do coronel Lima Brayner. Em situação contrária, os oficiais de postos

³⁰ MORAES, J. B. M. de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

³¹ Se compõe de todas as peças de manobra em um campo de batalha. Envolve a parte logística, alimentação, roupa, etc, e a parte operacional, viaturas, armamentos, pessoal, etc.

³² BRAYNER, F de L. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um Chefe do Estado Maior na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

inferiores, como no caso dos oficiais da reserva³³, lançam uma coletânea - *Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950 – em que acabam criticando seus chefes militares, colocando-se contra alguns discursos apresentados pelo general Mascarenhas de Moraes e, em parte, pelo coronel Brayner.

Essa coletânea, logo após a sua edição, foi apreendida. Isso ocorreu em função da obra contestar, como falamos acima, muitas ordens vindas do escalão superior. Seus depoentes eram oficiais que se encontravam no comando de pequenas frações, eram executores de ordens e, segundo consta na obra, uma quantidade expressiva de ordens das quais discordavam. Se essas ordens tivessem sido mais bem analisadas, teria evitado consequências mais graves, como a perda de militares em situações de combate desnecessárias. Essa coletânea teve, ainda, mais duas edições entre o final da década de 1950 e início da década de 1960.

Obras como a de Joaquim Xavier da Silveira³⁴, permitem uma análise da formação da FEB e de quem estava sendo comandado, das dificuldades enfrentadas no Brasil e em solo italiano, das aspirações da soldadesca, do cotidiano do campo de batalha e realiza, de forma mais suave, algumas críticas sobre os militares que estavam no comando dos expedicionários. Silveira também escreve sobre a dissolução e a desmobilização da FEB. Interessante frisar que o autor realiza ainda observações sobre como ficaram os ex-combatentes após o retorno, as legislações e associações, mencionando sobre o descaso das autoridades frente aos ex-combatentes.

O autor Francisco Ferraz César Alves³⁵, em sua pesquisa de doutorado, faz uma abordagem sobre a historiografia internacional, relacionando os ex-combatentes e a sua inserção dentro da sociedade em lugares diferentes do mundo. Fala sobre a formação da FEB, sua partida para a Itália e sua participação em combate. Ainda, analisa a receptividade e desmobilização da FEB, trazendo à luz problemas ignorados por entidades, tanto políticas como também militares, como a reintegração social dos veteranos de guerra. Seu estudo se encerra verificando até onde trabalha o ex-combatente como agente de memória.

A autora Sirlei de Fátima Nass³⁶ também pesquisa sobre a mobilização da FEB, sua partida e retorno. A ênfase trabalhada em sua pesquisa é no que tange a forma como foi realizada a desmobilização e o problema social gerado por essa atitude mal planejada.

³³ **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950.

³⁴ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit, 2001.

³⁵ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 127-145

³⁶ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. 2005

Essas duas últimas obras, principalmente, abordam temas que eram evitados pelo alto-escalão das Forças Armadas. Ambas as pesquisas alinham-se com o objeto principal da aqui proposta, qual seja, o de realizar uma análise de como ocorreu o processo de inserção social dos ex-combatentes, com ênfase na legislação e sua aplicação. Essas pesquisas já possuem uma abordagem em torno desse processo, são estudos importantes, porém, não esgotam o assunto. Buscaremos uma compreensão de como as legislações, que foram criadas logo após findar a guerra, demoraram tanto até chegar ao destino final, ou seja, naquele combatente que se encontrava distante, retirado dos grandes centros.

O assunto sobre a reintegração social será devidamente abordado em capítulo específico dessa dissertação, mas não nos restringiremos a esse tema. Também falaremos como foi o retorno para a vida civil, as discriminações sofridas e as lutas diárias. Realizaremos, também, uma abordagem sobre as facilidades surgidas durante a guerra, aspecto a ser abordado no transcorrer dessa pesquisa.

O Brasil se colocava, frente ao cenário da Segunda Guerra Mundial, dentro de uma faixa de neutralidade camuflada. No ano de 1942, conforme analisado anteriormente, muita pressão e vários acontecimentos acabaram direcionando e aproximando, de forma definitiva, as ideologias brasileiras junto daquelas apresentadas pelos países aliados.

Além dos acontecimentos citados acima, ocorreram acordos políticos, o que permitia a utilização das costas marítimas brasileiras pelos norte-americanos, de onde seriam desencadeadas operações militares aeronavais. No conjunto de acordos ficou acertado a participação do Brasil com tropas militares e, também, uma modernização das forças armadas.

No dia 15 de março de 1943, Getúlio Vargas aprovou o envio de tropas brasileiras para combater na Segunda Guerra Mundial. O primeiro passo para a concretização da Força Expedicionária Brasileira foi a criação da Portaria Ministerial 47-44 do dia 13 de agosto de 1943, que regulamentou a criação da 1ª DIE - Divisão de Infantaria Expedicionária. Ficou definido que seria composta da seguinte forma: de um Quartel Geral, Estado-Maior Geral, Estado Maior especial e Tropa Especial, Infantaria Divisionária, Artilharia Divisionária, Batalhão de Engenharia, Esquadrão de reconhecimento, Batalhão de Saúde, Companhia de transmissão e esquadrilha de Aviação.

Importante lembrar que aquele momento não era nada favorável para tal evento, pois as Forças Armadas se deparavam com dificuldades de grande porte. As barreiras a serem ultrapassadas eram complexas e exigiam um esforço de grande vulto, apesar do aumento de

efetivos que se deu na década de 30 e do aumento do orçamento destinado para as Forças Armadas, como analisado por Dennison de Oliveira³⁷:

O exército possuía, em 1930, um efetivo de quase 48 mil homens, passando a pouco mais de 80 mil, em 1936, e atingindo mais de 171 mil, em 1944. Tamanho crescimento nos efetivos correspondeu também ao aumento de verbas alocadas para o exército. Em 1930, lhe eram destinados 12,3% das verbas do orçamento federal, passando para 17,6% em 1936, e 19%, em 1940.

O autor não nos proporciona, por intermédio dessas informações, um entendimento da precariedade orçamentária e pessoal que assolava e debilitava a operacionalidade das instituições militares. O sucateamento dos materiais destinados ao emprego militar ainda era presente, sendo outro aspecto que comprometia a eficiência militar e treinamentos. Para termos idéia da real situação, as Forças Armadas faziam uso de equipamentos utilizados na Primeira Guerra Mundial e contavam com um exército que se movimentava, em grande parte, por meio de transporte hipomóvel, ou seja, no lombo de cavalos. Até mesmo as doutrinas militares encontravam-se ultrapassadas. Para agravar ainda mais todo esse contexto, havia resistências dentro do próprio meio político e meio militar contra a formação da FEB.

A organização da Força Expedicionária estava fadada a romper barreiras, a ultrapassar grandes obstáculos. A operacionalidade e estratégia militar seguiam a Doutrina Francesa, a qual já se encontrava, nesse momento, ultrapassada, sendo necessária uma adaptação nos estabelecimentos de aperfeiçoamento militar e seguir as novas e modernas diretrizes norte-americanas. Após o rompimento desses primeiros obstáculos iniciava-se uma nova e importante atividade da recentemente criada FEB, a seleção daqueles que comporiam o único efetivo sul-americano a participar de forma prática das atividades de “combate em campanha”³⁸ nos solos da Europa.

A expectativa ambicionada, inicialmente, era mobilizar em torno de cem mil homens para singrar o oceano atlântico e chegar à Europa. Devido às dificuldades e a demora da mobilização, foram enviados pouco mais de 25.000 homens. O conflito já se encontrava em um estado bem adiantado, fato esse que não tirou a importância e o brilhantismo da participação brasileira nesse episódio. A primeira medida tomada pelo Estado-Maior das forças armadas, após a criação da FEB, foi formar uma Comissão Militar Brasileira, chefiada pelo General Mascarenhas de Moraes. Este grupo tinha por objetivo específico realizar um

³⁷ OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2008. p. 52.

³⁸ Atividades de combate em conflito armado.

reconhecimento nos campos de batalha da Europa, principalmente no continente africano, cuja intenção, inicialmente, era empregar as tropas brasileiras.

A atividade era considerada pelas autoridades político-militares de grande importância, pois seriam verificadas as condições gerais dos campos de batalha que se apresentariam para os expedicionários. Seria possível analisar as condições climáticas, de terreno, as necessidades de emprego de material militar, que tipo de uniforme se fazia necessário e tantos outros aspectos peculiares. Porém, tal missão não foi levada tão a sério por aqueles que constituíram a Comissão, já que nem foi realizado um planejamento minucioso, como analisado por Floriano de Lima Brayner³⁹:

Não houve um planejamento adequado para a constituição da comissão, nem para o desenvolvimento de sua missão. O chefe do Estado-Maior Divisionário não acompanhou o Comandante da Divisão. Subestimou-se, de um modo geral, a missão de alta importância que a FEB deveria cumprir nesse primeiro contato com a realidade da guerra.

Essa narrativa mostra, de forma evidente a descrença que imperava entre as altas autoridades que compunham a FEB. Não se tinha a certeza da participação brasileira na guerra devido à conjuntura precária em que se encontravam as forças militares, fato esse que acabava desacreditando a possibilidade de viabilizar a constituição desse efetivo, como abordado por Joaquim Xavier da Silveira⁴⁰: “os obstáculos iniciais para organizar a FEB foram enormes, tanto no campo material, como no político – neste, houve eficiente passividade na colaboração, acompanhada por uma campanha de descrédito”.

Procedimentos de tamanha irresponsabilidade trouxeram como principal consequência o despreparo. A participação concretizava-se a todo instante, porém as preocupações com organização e preparação mais minuciosa acabavam ficando relegadas a um segundo plano. Até mesmo porque os responsáveis em adequar as tropas para o emprego em condições adversas não demonstravam grande interesse e entusiasmo. Ao que se pode analisar, assim seguiu até o momento da partida.

³⁹ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe do estado-maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.21.

⁴⁰ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p. 56.

1.1.1 A seleção: apadrinhamentos

O processo para selecionar aqueles que comporiam o efetivo febiano se tornou um momento de favorecimento. Aqueles militares que eram de carreira procuravam meios de não fazer parte da Força Expedicionária. Porém, no retorno triunfal dos expedicionários, os militares que aqui permaneceram, inclusive aqueles que se apadrinharam para não ir, tratavam os ex-combatentes com rancor, inveja e despeito. Sendo assim, dentro dos próprios quartéis houve uma exclusão, algo que provavelmente era desejado pelo próprio governo. A problemática social não ficou restrita somente àqueles que voltaram à vida civil, mas também dentro das Forças Armadas.

A seleção foi outro fator que dificultou muito a formação da Força Expedicionária Brasileira, pois mais de um ano após a decisão de efetivar apoio militar aos países aliados, não se tinha organizado um regimento de infantaria. O que teria imposto o atraso seria, principalmente, o desconhecimento dos resultados das inspeções de saúde e de seleção de seus homens. Portanto, a falta de preparo não estava só no meio político-militar, mas também em áreas técnicas, como a da saúde.

Pela própria inexperiência faltavam padrões para uma seleção eficiente, como analisado por Floriano de Lima Brayner⁴¹: “As juntas de Inspeção de saúde não tinham critérios uniformes. Não estavam mesmo adestradas para tal atividade, nem dispunham de material especializado, além de empregarem processos burocráticos arcaicos e de parco rendimento”.

Os exames médicos eram todos centralizados no Rio de Janeiro, com o principal objetivo de não haver “facilidades”, para que todos tivessem um tratamento nivelado e igual, não existindo distinção de classe social, status ou, ainda, qualquer tipo de contato com pessoas influentes, situações que poderiam trazer algum tipo de benefícios.

Dessa maneira, ficou comprometida a qualidade de saúde dos expedicionários, sendo que alguns desses componentes desembarcaram em Nápoles e passaram a apresentar problemas básicos de saúde como, por exemplo, dor de dente, conforme explica o ex-expedicionário, reformado, Sr. Eronides João da Cruz⁴²:

⁴¹ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe do estado-maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 31.

⁴² Eronides João da Cruz. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009 na cidade de Curitiba – PR. O senhor Eronides participou da campanha da Segunda Guerra Mundial como soldado de manutenção de aeronaves do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira.

Olha vou até usar uma linguagem meio fora de uso, “foi feito nas coxas”, porque naquele tempo não se tinha material, nós não tínhamos nada. Porque as nossas técnicas eram vindas ainda da Primeira Guerra Mundial. Utilizava-se a doutrina francesa no exército. Não havia critérios para selecionar quem comporia a FEB, basta ver a quantidade de analfabetos que saíram das lavouras, do interior e compuseram o efetivo. Ai aconteceu que foram para a Itália, para a guerra pessoas que necessitavam até mesmo de cuidados básicos, foram despreparados para enfrentar o melhor soldado do mundo, porque queiram ou não, os alemães eram os melhores soldados do mundo.

As dificuldades da seleção foram tão profundas que houve inúmeros casos de militares que chegaram a Nápoles já sem condições de combater. Torna-se perceptível que não houve uma rigidez no momento de se escolher quem realmente teria condições de ir para uma linha de combate, ou ainda, faltaram meios mais eficientes, conforme mostra a explicação do depoimento acima, confirmando as abordagens realizadas pelos pesquisadores Francisco César Alves Ferraz e Sirlei de Fátima Nass.

Grande parte do efetivo que compôs a FEB era totalmente desconhecedora do ofício que desempenhava o militar. A grande massa que se somaria o efetivo dos expedicionários era de poucas condições financeiras, trabalhavam em pequenas propriedades de terra praticamente para a subsistência, conforme analisado pelo senhor Eronides João da Cruz⁴³. Eles eram mais conhecidos como “colonos”. Além disso, com uma grande parcela do efetivo dos expedicionários analfabeta, como adaptarem-se aos treinamentos ministrados em inglês, na Itália, por militares instrutores norte-americanos?

Dessa parcela de jovens que passaram a compor o efetivo expedicionário, parte eram voluntários e os outros seguiam o que estava previsto na Lei do Serviço Militar, de 1939. Onde estava preconizado que o “tributo de sangue” era um ato de cidadania a que estavam sujeitos os jovens brasileiros. A prestação do serviço militar era uma das obrigações que condicionava aos direitos políticos e civis da população masculina adulta. Porém não havia um nivelamento nesse cumprimento do dever, pois aqueles que eram de famílias mais abastadas, acabavam utilizando de artifícios para realizar suas fugas desse compromisso com a pátria, ocorrendo que a grande maioria atingida por esse ato de cidadania, eram os pobres e analfabetos.

Tinha como seu chefe superior imediato o 1º Tenente Prado. Não participou efetivamente dos combates. Sua função acabava restringindo-o a oficinas de manutenção de aeronaves. Porém, viveu dentro do contexto da guerra e sofreu os mesmos problemas para ser reinserido em meio à sociedade. O referido ex-combatente é natural de Aracaju – SE, conta com 88 anos.

⁴³ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Enquanto essa massa era recrutada, aqueles que seguiam carreira e seriam os mais indicados e habilitados para enfrentar uma situação dessa natureza acabaram não participando desse episódio. Isso ocorreu porque há indícios de que militares da ativa recorreram a conhecidos políticos para não compor o efetivo febiano e combater em solo italiano⁴⁴. Buscaram pessoas influentes que pudessem apadrinhá-los, de forma que pudessem ser dispensados de combater na guerra. Outro problema era referente aqueles que não queriam ir para o Teatro de Operações⁴⁵. Essa situação acabou ocorrendo com grande incidência dentro da caserna.

Até mesmo doenças, diagnósticos e outros mecanismos eram inventados, forjados para que determinado militar não participasse, como analisado por Demócrito Cavalcante de Arruda⁴⁶:

Essa dança de oficiais no comando, às vésperas do embarque, verificou-se, em pelo menos cinco companhias de fuzileiros das nove existentes no regimento, por motivo de doenças, de cirurgias de última hora. Desses substituídos, só um, baixado por pneumonia, apareceu depois na Itália.

Dentro do exército, a considerar postos (oficiais) e graduações (praças⁴⁷), era entre o oficialato que se encontravam os maiores beneficiários, pois esses contavam com maior prestígio e, também, tinham relacionamentos sociais com pessoas mais influentes. As respectivas características vão promover, entre esses beneficiários, possibilidades para que realizassem suas fugas das unidades expedicionárias.

O depoimento do General da reserva, Ítalo Conti, reforça essas informações sobre falsas doenças⁴⁸: “Teve muito caso, houve gente que pegou doença venérea, pra ser licenciado na hora da inspeção de saúde, outros que inventaram doença, mas foram casos esporádicos, na minha unidade não me lembro de isso ter acontecido”.

As possibilidades de haver esse tipo de ocorrência eram maiores por parte daqueles que possuíam um amparo financeiro elevado, como afirmado pela ex-integrante da Força Expedicionária Brasileira, a enfermeira Virginia Leite⁴⁹:

⁴⁴ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 82-86.

⁴⁵ CASTELO BRANCO, Manuel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960. p. 139-140.

⁴⁶ Demócrito Cavalcante de Arruda. **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950. p. 42.

⁴⁷ Compõe o grupo de praças todo militar que estiver com graduação de Subtenente, Sargento, Cabo ou Soldado.

⁴⁸ Ítalo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁴⁹ Virginia Leite. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Olha, era só ter dinheiro que ele sempre valeu né. Comentavam, eu nunca presenciei, mas se eu presenciasse eu reclamaria, se eu mulher estava pronta para servir o Brasil, por que o soldado tinha que ficar aqui? Aconteceu muito disso, não tenho dúvida, os “filhinho de papai”, claro que não de um modo geral, acabavam se valendo de influências e poder aquisitivo. Tinha o bom elemento e o mau elemento.

Essas análises acima, nos remetem a uma compreensão de que realmente houve a procura por padrinhos, ocorrendo que, um grande número de militares da ativa, que estavam preparados, devido aos constantes treinamentos, se beneficiaram dessas possibilidades para não compor o efetivo de expedicionários. Essas informações confirmam aspectos abordados em pesquisas já realizadas, porém trazem relatos inéditos, vivenciados por componentes do efetivo expedicionário

Daqueles que foram às ruas, ou seja, a população urbana, que havia solicitado e conclamado que o Brasil compusesse uma tropa expedicionária, poucos foram os voluntários, como explicado pelo ex-combatente reformado Eronides João da Cruz⁵⁰:

Bom, acontece o seguinte, quem solicitou que o Brasil participasse da guerra, quem foi as ruas pedir e gritar, esses foram os primeiros a não se voluntariar, nem 10% destes foram, são os falsos patriotas. Muitos fingiam doenças e outras desculpas, tudo para não ir, comprando autoridades pra dar certificado falso pra não ir pra guerra. Procurando padrinhos.

Valendo-se dos depoimentos e afirmações, pode-se concluir que a grande massa, a maioria dos expedicionários, tinha origens camponesas. Essas pessoas têm como características mobilizarem-se mais em prol do outro, apresentam um sentimento de solidariedade mais afluente, devido ao sistema em que estão inseridos. Esses valores são mais arraigados e cultuados em pessoas interioranas. Já as pessoas citadinas, com costumes mais individuais, não tinham esse sentimento de dever. Essas fizeram agitações, mobilizados por articuladores que tinham outros interesses. Porém, no momento em que foram solicitados para participar do efetivo expedicionário, poucos foram os voluntários.

Pode-se afirmar, ainda, com base no depoimento acima, que houve a ocorrência das facilidades para serem realizadas fugas, por parte dos militares profissionais, para que não permanecessem nas unidades expedicionárias e, assim, não compoem o corpo da Força Expedicionária que partiria para a guerra. Ainda, abordando sobre questões de facilidades, uma das práticas que ocorriam com frequência, eram os subornos, a compra do “passe” para

⁵⁰ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

livrar-se da possibilidade de integrar o efetivo de expedicionários, conforme analisa Demócrito Cavalcante de Arruda⁵¹:

Sabemos que a centralização burocrática não impediu os casos de suborno, numerosos por sinal, nesses exames de seleção, a ponto de chegar ao absurdo de só terem permanecido nas fileiras os desprotegidos, os humildes e abnegados, evadindo-se para os cursos de última hora do C.P.O.R., os filhos da chamada classe média, ou de volta à vida civil, através de arranjas incapacidades ou por motivos os mais inconsistentes.

O procedimento de centralização, utilizado estrategicamente para que diminuísse a possibilidade de suborno, acabou, na realidade, só dificultando a chegada dos voluntários aos locais que ocorriam as inspeções. Acredita-se, assim, que quem tinha condições e interesse acabou burlando o sistema, não compondo as fileiras que marcharam para os navios e partiram rumo à Itália, no continente europeu.

Porém, essas medidas tomadas, acabaram dificultando o deslocamento daqueles que eram voluntários, pois saindo das mais remotas regiões, tinham que se deslocar por seus próprios meios para apresentarem-se as unidades expedicionárias. Muitos chegavam com grandes dificuldades e nem sabiam se seriam “aproveitados” ou não, se estariam aptos. O que motivava o voluntariado, em sua grande maioria de regiões interioranas foi, em alguns casos, o patriotismo; outros, para aventurarem-se em algo diferente; e, ainda, havia aqueles que nem sabiam o que estavam fazendo ali.

1.2 Partida rumo ao desconhecido: A FEB chega a Europa

Todo contexto que originou a Força Expedicionária não foi o mais favorável. Vários interesses e dificuldades permearam essa constituição do efetivo. O Estado, mal organizado e despreparado, permitia que um grande número de falhas fosse ocorrendo no transcorrer desse período de mobilização. Desorganização essa, que não possibilitou que as instituições pensassem na tropa expedicionária como um processo que teria seu início e, também, haveria um possível fim, como ocorreu. A falta de mecanismos definidos convergiu para dificuldades de grandes proporções no momento em que os ex-expedicionários retornariam ao convívio social.

⁵¹ Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB... op. cit. p. 41.

Mesmo diante das grandes dificuldades que se apresentaram para a Força Expedicionária Brasileira, o primeiro escalão, compondo o 6º Regimento de Infantaria e alguns grupos de apoio, partiu para a Itália. A partida não tinha dia certo nem hora marcada. Essa estratégia era utilizada com o objetivo de dificultar o vazamento de informações que poderiam ocorrer e colocar em risco a segurança do transporte, pois se os alemães soubessem dos detalhes, os expedicionários poderiam não chegar ao seu destino, conforme explica, em depoimento abaixo, o ex-combatente da FEB, Ítalo Conti.

Nós estávamos nos preparando no Rio de Janeiro, sempre orientados pelos norte-americanos e num determinado dia o comandante nos alertou, quem tiver família aqui mande embora, que a hora está chegando. Num determinado instante, em 24 horas foi determinado que nós iríamos para o navio, fomos, entramos no navio, cada um sabia pra onde deveria ir e o lugar a ocupar. Embarcamos, havia uma disciplina rigorosa, não se podia jogar nada no mar, nem uma bituca de cigarro, o que nos dava medo era a situação do navio ser atacado. Quando soava o alarme saía todo mundo correndo, quando chegávamos nas posições, mandavam retornar, pois era só treinamento. Isso por 12 dias, depois chegamos à Itália e de lá fomos para Livorno.⁵²

Grandes obstáculos haviam sido enfrentados. Havia uma longa caminhada ainda e outras estariam por vir logo à frente, pois a própria viagem passaria a representar um tormento, já que havia uma constância de treinamentos exaustivos no navio, como visto também em depoimento de Ítalo Conti. Todos os procedimentos executados tinham como única finalidade a segurança da tripulação.

Um fator que implicava muito no moral daqueles que estavam partindo era o próprio descrédito quanto à participação na guerra, pois estavam cientes do despreparo e da desorganização, fatos, aliás, muito evidentes e que não podiam ser encobertos. Como explicado pelo ex-combatente Demócrito Cavalcante de Arruda⁵³: “A F.E.B. não foi só uma contribuição modesta, foi, também *“mal organizada”*”.

Essas características negativas refletiam na própria opinião da sociedade, a qual comentava de que a Força Expedicionária estava indo somente pra cumprir acordos. Assim, mostra a ex-enfermeira FEB, Virginia Leite⁵⁴: “Olha, eu ouvia os comentários, pois os brasileiros saíram daqui pra ser bucha de canhão [...]”.

⁵² Ítalo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁵³ **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB...** op. cit. p. 48.

⁵⁴ Virginia Leite. Ex-enfermeira da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR. Natural da cidade de Irati – PR e descendente de família luso-brasileira. Foi a primeira voluntária do Estado do Paraná, participou do Corpo de Enfermeiras, órgão criado pela Cruz Vermelha. Esta, por sua vez, criou em várias cidades um curso de enfermagem para que o exército pudesse compor um corpo de saúde de enfermeiras. Ficou designada ao corpo de saúde da FEB, seguindo para África e,

Além de todos os pontos negativos, ainda deveria existir a adaptação dos expedicionários ao navio. Essa situação provocava grandes distúrbios estomacais nos tripulantes, devido aos constantes enjoos. Além de adequar-se ao navio, ainda, deveriam acostumar-se com a rigidez dos horários, inclusive no que diz respeito à alimentação e diferença da mesma. Houve casos em que integrantes do contingente viajaram mais de 12 dias somente comendo frutas, como abordado em depoimento pelo ex-combatente Aristides Saldanha Verges⁵⁵:

No dia 24 de junho de 1944, nesta noite já embarcou um batalhão nos trens, deslocando para o porto e nós embarcamos no dia 30 de junho, lá pelas 11h00min, entramos no navio, era o “General Man”. Ficamos em torno de dois dias dentro do navio parado, no terceiro dia o navio começou a se mexer e soou um apito, estávamos partindo. Uma hora depois, quando foi autorizada a nossa subida para o convés, vimos a cidade já bem distante, mas também não sabia para onde nós íamos. O primeiro escalão foi assim, imaginávamos que poderia estar indo para África, devido ao clima ser semelhante. Depois de uns 12 dias de viagem, na entrada do Mar Mediterrâneo, anunciaram que nós estávamos indo para a Itália. Depois de 12 dias ficamos sabendo o nosso destino. Na viagem eram duas refeições por dia, tive companheiros que passaram a base de duas maçãs e companheiros acabaram enfraquecendo, debilitados, a comida era diferente, tivemos que nos adaptar.

Além das dificuldades de adaptação, tiveram os componentes da FEB que contar com a pouca importância dada pelos próprios chefes militares quando estiveram em reconhecimento no continente africano ao Teatro de Operações, passando por constrangimentos desnecessários. Conforme explica o senhor Aristides Saldanha Verges⁵⁶: “Dia 16 de julho de 1944, que desembarcamos em Nápoles, na Itália, os italianos falavam “tedesco, tedesco”, achando que nós éramos alemães, devido ao nosso uniforme ser muito parecido com a dos alemães, depois perceberam que se tratava de brasileiros”.

A abordagem acima é uma afirmação que vem a comprovar um grave erro cometido, uma vez que, depois de quase duas semanas a bordo de um navio-transporte, na chegada em Nápoles, os expedicionários foram, assim que desceram no porto, insultados pela população

depois, partindo para Itália, desembarcado do avião em Nápoles, chegando depois do segundo escalão. Conta, atualmente, com 93 anos.

⁵⁵ Aristides Saldanha Verges. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR. Natural da cidade de Curitiba – PR. Incorporado em 01 de dezembro de 1943 no 23º BI. Em fins de março de 1944, foi designado para viajar, sendo transferido para a cidade do Rio de Janeiro, sendo incorporado ao 6º RI. A sede dele era em Caçapava, mas já estava deslocado para a cidade do Rio de Janeiro. Iniciaram treinamentos em diversos lugares na cidade, como preparação para a Guerra. Quando partiu, no primeiro escalão, pertenceu a Cia Cmdo do 3º batalhão, do 6º RI., tendo como chefe direto o Tenente Silvio Miscov e comandante do batalhão o Capitão Antonio Barcellos. Conta na atualidade com 88 anos.

⁵⁶ Aristides Saldanha Verges. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009 na cidade de Curitiba – PR

italiana. O motivo de tais agressões foi devido à farda ser muito semelhante à vestimenta utilizada pelos alemães e ainda de péssima qualidade. Os napolitanos acreditavam que se tratava de prisioneiros de guerra. Fato esclarecido logo depois, quando o efetivo já se encontrava em terra, como abordado por Joaquim Xavier da Silveira⁵⁷:

O plano de uniforme para a FEB havia sido aprovado e regulamentado pelo decreto nº 15.100, de 20 de março de 1944. O documento detalhava os vários tipos de roupa, calçados e acessórios (luvas, cintos, distintivos e outros) para oficiais, graduados e praças, mas o material empregado na confecção foi de qualidade inferior. As roupas e uniformes lavados a bordo do navio-transporte, ou no acampamento da Itália, encolheram demasiadamente, e as cores não eram firmes. Foi um grande problema para o Alto Comando da FEB, acrescido de outro fator, de influência psicológica negativa: a cor verde-escura era semelhante à do uniforme alemão e só de perto, observando-se os distintivos e outras características, é que se podia fazer a diferença.

Houve uma preocupação em criarem-se diretrizes que regulamentavam os uniformes, como analisado acima. Porém, o que faltou foi uma preocupação com a cor e tipo de material utilizado na confecção dos mesmos, sendo que além de sua péssima qualidade, não eram apropriados para o clima gélido que seria enfrentado. Sendo assim, a Força Expedicionária Brasileira contou mesmo com seus homens, mas eles encontravam-se desprovidos de vestimentas apropriadas, sem equipamentos, sem uma doutrina própria de guerra e ainda sem armamentos.

Com o decorrer do tempo foi possível observar que se tratava de um efetivo flexível e adaptável, aliás, como precisou ser. A FEB ficou integrada dentro do 5º Exército Norte-Americano, que tinha como comandante o General norte-americano, Mark Clark, ao qual era subordinado o 4º Corpo de Exército, que estava sob o comando do General Grittenberger, conforme documento básico do Comando brasileiro que foi expedido em 12 de setembro de 1944, que fixava tais determinações e condições das atividades militares.

1.2.1 A americanização da FEB

A tropa expedicionária, após estar na Itália, passou a contar com tecnologias de última geração em todas as áreas. Foi apoiada com a logística mais avançada, adaptou-se rapidamente com a eficiência e praticidade, proporcionada pela eficiente organização norte-americana. Com o findar da guerra, essa assistência é rompida e ocorre o retorno. Grande

⁵⁷ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p. 58.

número desse efetivo residia nas precárias regiões interioranas e já não aceitava mais voltar para aquela vida de simplicidade e sofrimento que se apresentou no pós-guerra, ocorrendo uma grande dificuldade de adaptação.

Como vimos no item anterior, foi o elemento humano o que de melhor o Brasil pode levar para os campos de batalha na Itália, mesmo com a seleção precária, com tantos problemas básicos de saúde. Até porque, o precário material que as forças armadas brasileiras possuíam não teve utilidade, como analisado pelo ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira que seguiu no 2º escalão, Vitório Germano Giacomini⁵⁸: “Não, o material do exército não foi empregado, recebíamos material e armamento dos norte-americanos, lá se aprendia atirar, tinha algumas horas de treinamentos e ia pra frente de combate executar o que aprendeu”.

Dessa forma, o próprio treinamento que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, dentro das unidades expedicionárias, foi insuficiente e ineficaz. Militares conheceram o material que seria de sua utilização específica somente em solo europeu, como analisado por Joaquim Xavier⁵⁹:

Dada a carência do material colocado à disposição da tropa no Brasil, o treino era em parte teórico, com a utilização de manuais traduzidos do inglês. Muitos soldados brasileiros, designados, por exemplo, para serem “bazuqueiros” em seu grupo de combate, só foram travar conhecimento com a bazuca quando chegaram à Itália.

O efetivo da Força Expedicionária, mesmo contando com grande parte de seu efetivo de analfabetos, que desconheciam a escrita e a leitura, demonstrou facilidade em adequar-se às novas situações que passaram a se apresentar. Os treinamentos realizados nos campos de instrução no Brasil foram poucos e, ainda, na maioria das vezes, com materiais que não seriam empregados no campo de batalha, como analisado pelo ex-combatente da FEB, Eronides João da Cruz⁶⁰:

⁵⁸ Vitório Germano Giacomini. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2009, na cidade de Coronel Freitas – SC. Prestou serviço militar em um Tiro de Guerra na cidade de Bom Retiro, hoje Luzerna. Após, prestou serviço militar por 1 ano, como voluntário, deu baixa e nesse mesmo ano foi trabalhar em uma serraria. Recebeu uma correspondência no local, onde trabalhava que dizia o seguinte: “Ilmo Sr Vitório Germano Giacomini, deverá se apresentar no 13 BC em Joinville, até 06 de dezembro de 1942. Aquele que não se apresentar será considerado desertor de guerra, será preso e poderá ser fuzilado”. Pertenceu ao 11º Batalhão de Infantaria no Rio de Janeiro, onde ficou mais uns 6 meses, depois seguiu no 2º escalão. Serviu como soldado granadeiro. Esteve em linha de combate como Montese e Monte Castelo. Conta com 88 anos. Natural de Bento Gonçalves, tem descendência italiana.

⁵⁹ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p. 59.

⁶⁰ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Não, não tinha nada pra levar de bom, era tudo material obsoleto. Não tínhamos armamento, não tínhamos aviação. Simplesmente tínhamos fuzis para treinamento, eram ainda da Primeira Guerra Mundial, carregados pela boca (SIC). Foi tudo americanizado, o que foi utilizado do Brasil, somente o homem, o restante tudo dos EUA.

O ex-combatente Ítalo Conti também comenta⁶¹: “Nenhum material pertencia ao exército brasileiro, todo material era dos norte-americanos, a FEB foi americanizada, os nossos calçados não resistiam ao frio. Recebemos toda roupa, tudo que se tem pra usar, armamento e equipamentos”.

Na realidade, não se tinha idéia da verdadeira precariedade em que se encontrava tudo o que se fazia necessário utilizar em um teatro de operações. Nem mesmo os chefes militares tinham essa noção, talvez devido à inexperiência de participação em situação de guerra. Como abordado pelo Marechal Floriano de Lima Brayner⁶²: “Somente quando cheguei a Nápoles foi que comecei a compreender a extensão de nosso desaparelhamento. Estávamos mal fardados, mal calçados, e mal equipados. E, ainda por cima, desarmados. Poucos, muito poucos oficiais falavam inglês”.

Os próprios chefes militares perceberam tal precariedade, de modo que se tornou evidente que as Forças Armadas, de um modo geral, estavam ultrapassadas e não contavam com tecnologias atualizadas. O grande problema é que a realidade foi percebida somente em solo italiano, se houvesse uma preparação antecipada, grande parte dos transtornos vivenciados teriam sido evitados.

A preocupação, principalmente a respeito de calçados e uniformes, não partia somente por parte dos chefes militares brasileiros. Era ainda maior entre os comandantes norte-americanos, pois, como já estavam inseridos na prática dentro dos combates, possuíam a perfeita noção de que o despreparo desse material possibilitaria um grande número de baixas.

Sobre estas questões comenta Floriano de Lima Brayner⁶³:

[...] o oficial americano, apoiado pelo intérprete, mostrou que sua preocupação principal era outra, ao mesmo tempo que exaltava o excelente estado moral. Era o lamentável estado dos uniformes e calçados, que não tinham um mês de uso. As capas ditas “impermeáveis”, não o eram absolutamente. As chuvas as haviam encharcado e os oficiais que as portavam molhados até a medula.

⁶¹ Ítalo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁶² BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe do estado-maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 115.

⁶³ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe do estado-maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.120.

A precariedade era tamanha que, após verificados todos os problemas individuais dos expedicionários, foi ordenado que o General Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira, fizesse um pedido de material, por escrito, a “*Peninsular Base Section*” (PBS), que prestava apoio logístico dentro da Itália. O comandante da FEB foi encaminhado, juntamente com seu Estado Maior, para conversar com o General responsável pela logística, tendo como pergunta principal: “Afim de contas, o que o senhor trouxe para brigar?”, conforme aborda o Marechal Lima Brayner⁶⁴.

Passagens como essa revelam que, também, foi necessário passar por grandes constrangimentos causados pela inexperiência e despreparo, não só dos soldados, mas também dos chefes militares brasileiros. O contato maior com os materiais norte-americanos, que seriam empregados pelos expedicionários, teve uma pequena demora até ser distribuído aos soldados febianos. Depois da distribuição, havia necessidade de treinamentos para proporcionar uma adaptabilidade ao novo material empregado, uma vez que os exercícios realizados no Brasil se tornaram inúteis, como explicado por Roger de Carvalho Mange⁶⁵:

Uma vez em território italiano, e em contato com os campos de instrução dos americanos, preparados e adaptados para todos os tipos de exercícios, pudemos nos certificar da inutilidade dos nossos que até então considerávamos aceitáveis, principalmente o Campo de Gericinó na Vila Militar, onde se conseguiria fazer alguma coisa, se nos fosse possível utilizá-lo diariamente e em toda sua extensão.

Os treinamentos ministrados pelos norte-americanos eram totalmente direcionados para a situação real de um campo de batalha, o que acabava levando os expedicionários à fadiga. Os instrutores elogiavam os brasileiros pela vontade demonstrada em todas as instruções e pela rápida adaptabilidade.

Embora as deficiências apresentadas, o expedicionário possuía um interesse e força de vontade, que acabavam convertendo suas dificuldades em rápido aprendizado, características que eram observadas positivamente entre os militares estrangeiros. Tiveram que adaptar-se em todos os sentidos. O uniforme, de qualidade muito superior àquele que havia sido conduzido do Brasil, contava também com uma novidade, como explica Sirlei de Fátima Nass⁶⁶: “no fardamento onde quase não se distinguia o soldado de patente inferior do seu superior”. Esse procedimento era estrategicamente utilizado pelos países aliados, para não fazer, daqueles que estavam no comando, alvos ambulantes, pois esses eram os mais buscados

⁶⁴ Idem, p. 120.

⁶⁵ Roger de Carvalho Mange. **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950. p. 151.

⁶⁶ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. p.44.

dentro das pequenas frações pelos atiradores de elite. Se não havia quem comandasse, com certeza a fração estaria dispersa e frágil, ante o fogo inimigo, sendo abatida com facilidade.

A americanização da Força expedicionária foi mais efetiva nos uniformes, equipamentos e armas, mas a estrutura da FEB, em relação à estrutura de “Caxias”, não durou muito.

1.3 As dificuldades e superações nos campos de batalha

O efetivo que compôs a Força Expedicionária adaptou-se rapidamente ao cenário de destruição que se apresentou no território italiano. Preparou-se, treinou e combateu. Porém, essa participação efetiva no campo de batalha fez com que houvesse um choque de concepções, e os expedicionários tiveram que lutar contra seus princípios de não fazer mal ao seu próximo. Essas mudanças acarretaram numa série de dificuldades para retornar a conviver socialmente ao seu meio de origem no momento do retorno.

Após já estarem acomodados, mesmo que em situação nada confortável, mas em melhores condições do que a bordo do “General Man”, navio-transporte que havia conduzido o 1º escalão da FEB, os expedicionários preparavam-se agora para uma nova etapa: partir em busca de condicionamento físico e mental.

Nessa preparação eram utilizados armamentos e munições reais, acompanhados, ainda, de artifícios que reproduziam, com precisão, a situação de estar em meio a um combate. Tais atividades se faziam necessárias para dar um preparo físico e psicológico dos expedicionários, que, logo, se confrontariam com soldados veteranos e que apresentavam um dos melhores desempenhos no campo de batalha. Característica essa adquirida pelo longo tempo em que se encontravam combatendo e o convívio com as adversidades do campo de batalha.

Já tinham se passado quase dois meses desde o desembarque em Nápoles. Após longos treinamentos, era chegada à hora de colocar em prática o aprendizado, momento que era muito ambicionado pelos expedicionários, pois era para isso que estavam lá e queriam mostrar o valor do soldado brasileiro, como analisado pelo Marechal Lima Brayner⁶⁷: “Quase dois meses depois de marchas e estacionamentos prolongados, íamos, enfim, encontrar o inimigo num setor calmo e desambicioso, de parte e parte”. Estar em frente de batalha,

⁶⁷ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB...** op. cit. p.156.

naquele momento, era algo que se fazia necessário para os expedicionários resgatarem sua própria auto-estima.

Após iniciada a participação dos soldados brasileiros nos campos de batalha, nos Apeninos gélidos da Itália, o combatente deparou-se com uma adversidade de situações, sendo necessário superar. Era a difícil realidade do combate, pois a morte disputava, lado a lado, espaço com a vida.

Um dos momentos de maior temor para a maioria da tropa que compunha a Força Expedicionária Brasileira aconteceu quando se deu a substituição dos postos onde estavam localizados os militares dos EUA, pois essa atividade se desenvolveu à noite, o que dificultou a observação inimiga. Ninguém conhecia o terreno e qualquer suspiro alto já soava como um alarme, como explicado pelo ex-combatente Aristides Saldanha Verges⁶⁸: “A hora que mais sentimos medo, foi quando substituímos a tropa norte-americana, era à noite, não sabíamos onde estávamos, se um galho de árvore caía a gente já ficava antenado”.

Fato também confirmado pelo ex-combatente da FEB, Ítalo Conti⁶⁹: “A grande dificuldade foi substituir a divisão norte-americana de imediato, tomamos meia dúzia de tiros e corremos, pois desconhecíamos todas as técnicas básicas de combate”.

Os depoimentos acima nos deixam a par das primeiras tensões sentidas pelos expedicionários. A cada patrulha que se organizava, ali estava também a incerteza do retorno. Essa atividade era a mais temida, pois, sem que esperassem os combatentes se deparavam com a posição inimiga. Por vezes, o descuido acabava expondo os combatentes ante armadilhas preparadas pelos alemães, como explicado pelo ex-combatente reformado, Vítório Germano Giacomini⁷⁰: “Uma das maiores dificuldades que eu encontrei como soldado foi a realização de patrulhas, pois quando menos se esperava se estava em cima do inimigo”.

Os componentes da FEB deveriam realizar operações de patrulhas, principais atividades desenvolvidas devido às condições apresentadas pelo terreno montanhoso. Operações essas que eram exigências ditadas pelo próprio terreno, por ser essa uma região montanhosa e de difícil acesso, não permitindo a utilização de forças blindadas.

Outra grande dificuldade do soldado brasileiro foi lidar com a baixa temperatura, pois começaram a chegar à Itália, em meados do mês de julho de 1944. Grande parte dos expedicionários desconhecia o frio intenso, já que eram pessoas que moravam em regiões quentes do país, exceto àqueles que partiram dos estados sulinos. Conforme análise de José

⁶⁸ Aristides Saldanha Verges. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁶⁹ Ítalo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁷⁰ Vítório Germano Giacomini. Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2009.

Álfio Piason⁷¹: “Após o dia de chuva, seguiu-se a primeira queda de neve, intempérie que a maioria daqueles brasileiros jamais provara e os obrigou a permanecer encostados uns aos outros para secar a roupa e aquecer um pouco mais o corpo”.

Além do frio intenso, a umidade foi outra grande inimiga, e isso ocorria por estarem aferrados ao terreno, dentro de suas trincheiras, e a mesma comprometia uma das partes mais importantes de um combatente, seus pés. Ocorreu um grande número de baixas devido ao “pé de trincheira”, ou seja, um tipo de ferimento ocasionado pelo excessivo tempo em que o pé ficava exposto ao frio e a umidade.

Este problema já havia ocasionado uma porcentagem grande de baixas dentro do exército norte-americano e dos demais países estrangeiros. O combatente brasileiro, demonstrando sua facilidade em se adaptar as adversidades, qualidade essa desconhecida deles mesmos, procurava por artifícios que pudessem amenizar o seu sofrimento. Desse modo, em meio às dificuldades surgem soluções “abrasileiradas”, como analisado pelo ex-combatente Eronides João da Cruz⁷²:

Houveram muitas dificuldades, pra se adaptar ao frio, muitas dificuldades, mas o brasileiro tem essa graça de se adaptar com facilidade, de querer ser o melhor, isso não foi para nós nem um empecilho que não pudesse ser superado, como foram superadas todas as dificuldades. Algumas vezes os norte-americanos vinham copiar dos brasileiros as invenções. Queriam saber porque nós não estávamos tendo muito problema de congelamento dos membros inferiores. O “combat boot”, coturno utilizado e de fabricação norte-americana, acabava apertando as pernas e dificultava a circulação sanguínea, os brasileiros fizeram modificações e utilizavam palha de feno, com jornal, mantendo os pés e pernas mais secos e com melhor circulação, evitando as gangrenas, quando se estava dentro dos “Fox holes”, ou seja, as trincheiras.

Além de conviver com o fantasma da morte, agora o combatente tinha também que superar o gelo esparramado pelos campos de batalha. No período em que os combatentes brasileiros estiveram presentes em combate em solo italiano, o inverno foi o mais rigoroso em relação à épocas anteriores, o que fez com que a guerra ficasse resumida a patrulhas. O período de frio intenso se estendeu do final dezembro de 1944 até início de abril de 1945, momento em que se deu a entrada da primavera.

Até o próprio deslocamento, a pé ou de viaturas, por mais simples que fosse, ficava comprometido devido à grande quantidade de gelo depositado em meio às ruas e estradas. Os soldados brasileiros superavam mais essa dificuldade, de acordo com a análise de Joaquim

⁷¹ Jose Álfio Piason. **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950. p.94-95.

⁷² Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Xavier da Silveira⁷³: “A adaptação dos soldados à rígida disciplina do navio-transporte (para a qual não foram treinados), ao frio, à neve – com a formação de grupos de esquiadores – foi altamente elogiada”.

Valendo-se da imaginação e de invenções, acabaram minimizando um pouco o sacrifício das intempéries na batalha, como apresentado por Roger de Carvalho Mange⁷⁴:

A engenhosidade com que os nossos soldados se defenderam dos efeitos do frio, quer descobrindo meios de fortuna para prevenir a incidência de “pé de trincheira”, quer introduzindo, na organização do terreno, modificações tendentes a evitar a entrada de neve ou chuva em seus abrigos, revelaram também uma grande capacidade de adaptação e uma boa dose de imaginação criadora, que devem ser consideradas como aspectos interessantes da capacidade intelectual do homem brasileiro.

Os militares brasileiros possuíam como característica uma agilidade muito grande para procurar por alternativas simples e que davam certo, como fica destacado na afirmação acima. Os febianos não conseguiram somente o reconhecimento de seus chefes militares e daqueles que combateram, lado a lado, o calor da guerra, mas dos próprios inimigos. No livro “*Monte Cassino*”, de autoria do Coronel do exército alemão Rudolf Böhmler, comandante de uma unidade de pára-quedistas, podemos ler referências positivas direcionadas às tropas brasileiras. Também, muitos elogios partiram do próprio General Mark Clark, comandante do 5º Exército, ao qual a FEB estava subordinada. Fatos esses que acabam se confirmando através de depoimentos como da senhora Virginia Leite⁷⁵:

O soldado brasileiro foi extraordinário e no hospital onde eu trabalhei, os soldados feridos alemães diziam: os melhores soldados do mundo são os alemães e depois os brasileiros. Outro aspecto que eu considero muito importante, eu ficava apavorada, pois os militares feridos fugiam dos leitos onde estavam baixados, mas não pra fugir da guerra e sim para ir ao campo de batalha onde estavam seus companheiros. Teve muitos casos assim, me lembro muito bem disso.

Fatos relatados, conforme mostram os depoimentos transcritos, em que o próprio inimigo reconhece a desenvoltura do opositor, demonstra que não se trata simplesmente de tentar alimentar o ego de pessoas, mas sim de trazer às claras a personalidade forte de grandes homens. O fato de o soldado estar baixado em um leito em uma enfermaria e fugir para ir lutar com os seus, demonstra também o espírito de lealdade e camaradagem que se

⁷³ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p.138

⁷⁴ Roger de Carvalho Mange. **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950. p.120.

⁷⁵ Virginia Leite. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

desenvolveu, fruto de tantas dificuldades compartilhadas e vencidas. Essa fuga para o front ocorria também nas demais tropas militares aliadas e do eixo.

1.3.1 Combatentes e as facilidades proporcionadas pela guerra

Nesse item serão elencadas algumas das possibilidades oferecidas aos componentes do efetivo febianos, como o fato de estar em território estrangeiro, ser assistido pelas tecnologias mais avançadas do momento, ter a possibilidade, nos momentos de folga, de conhecer lugares inimagináveis, mesmo em condições inadequadas, entre outras facilidades. Quando se deu o momento do retorno, o ex-combatente deparou-se com a sua antiga situação, e encontrou grande dificuldade em aceitar essa dura realidade, sendo necessário se readaptar.

Como se pode imaginar, o cenário de uma guerra é indescritível, pois o que se percebe nesse conjunto é destruição, miséria, ruína, tanto dos centros populacionais como também das áreas rurais, sem desconsiderar a própria incerteza da vida daqueles que estão em frente de combate, num convívio constante com a morte. Obviamente, não é possível deixar de analisar o conjunto de sacrifícios e a vida dura daqueles que participam efetivamente de uma guerra. Porém, não se pode deixar de abordar, também, outra perspectiva, na qual se integram as facilidades que foram encontradas, mesmo em um território que estava minado pela tristeza da guerra.

Analisando-se as situações das quais saiu a maioria dos ex-combatentes brasileiros, provenientes de vidas interioranas, de subsistência no campo, torna-se pertinente uma compreensão deste ponto de abordagem, pois mesmo em combate os soldados passaram a contar com um vencimento regular todos os meses e recebiam o apoio logístico mais avançado até o momento: a logística norte-americana. Nas circunstâncias em que recebiam as dispensas dos campos de batalha, realizavam viagens que permitiam conhecer lugares até então inimagináveis. Encontravam outras diversões com grande facilidade, fato esse confirmado por César Campiani Maximiano⁷⁶ em sua tese de doutorado: “Uma parte da literatura memorialista trata principalmente de passeios empreendidos ao redor da Itália e Europa”.

⁷⁶ MAXIMIANO, César Campiani. **Trincheiras da memória**: brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945. Tese de doutorado. São Paulo, 2004. p. 285.

Ainda, sobre as folgas, elas ocorriam com todo efetivo que participou do contingente da FEB, como analisa em depoimento o senhor Eronides João da Cruz⁷⁷: “Nós todos tínhamos algo chamado de “Day off”, quer dizer um dia fora, um dia livre, pra poder respirar, aliviar a cabeça. Assim, como nós da Força Aérea tínhamos esse tempo livre, o pessoal do exército tinha seu tempo livre também”.

A própria situação de miséria dentro da Itália acabava gerando situações desumanas. Quem mais sentiu os efeitos da guerra foi a população civil local, pois teve a grande maioria de seus meios de produção e suas casas destruídas. A própria cultura, de uma forma geral, sofreu prejuízos irreparáveis. Quem está combatendo, compondo um efetivo, está em uma situação de extremo risco, porém tem todo suporte necessário: possui alimentação, vestuário e toda assistência médica. O oposto ocorre com a população civil, que sente de forma direta o impacto do conflito armado.

A prostituição acaba sendo uma das soluções para conseguir o próprio alimento, passa a ser um meio de sobrevivência. Porém, esse tipo de comportamento pode constituir problema, já que o grande número de relações sexuais sem proteção acaba possibilitando a transmissão de doenças que podem vir afetar dessa forma o próprio desempenho de uma tropa em combate. No caso da FEB, houve uma enormidade desses envolvimento, algo que se torna natural em uma situação de guerra.

Mesmo dentro de uma sociedade que cultivava costumes tradicionais, como a comunidade italiana, em momentos e situações que trazem o desespero, como aconteceu no período em que a Itália esteve envolvida no cenário da Segunda Guerra Mundial, esses valores perdem seu sentido. Atitudes que jamais seriam imagináveis, tornaram-se corriqueiras, como no caso da prostituição, procedimento que acabou, devido às necessidades, sendo vista com naturalidade.

As consequências da guerra não atingem somente os adultos, mas afeta pessoas de todas as idades. Atitudes julgadas anormais pela sociedade em tempo de paz se tornam corriqueiras em tempos de conflitos armados. Como abordado em depoimento de Eronides João da Cruz, ex-componente da FEB⁷⁸:

A guerra é a maior desgraça, porque quem sofre mais é a população civil, que não tem nada a ver com a situação, isso acaba gerando uma situação de miséria tal que a prostituição vira um meio de sobrevivência, onde o próprio pai acaba negociando a filha. Como eu tive oportunidade de falar para um pai, mas essas são suas filhas, o senhor veio aqui negociar elas, e o pai me respondeu, sim e vamos fazer o que,

⁷⁷ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

⁷⁸ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

morrer de fome? As mulheres eram de 12 a 60 anos, todas as idades, eu jamais me aproveitei de qualquer mulher que seja, mas vi muitos que se aproveitavam dessa situação. Se trocava sexo por chocolate mesmo.

No território italiano era normal encontrar meninas de onze anos e até de bem mais idade realizando “favores sexuais”, por chocolate, cigarros, alimentos, entre outros. Conforme explica o ex-combatente da FEB, Lindolfo Guilherme Arendt⁷⁹: “Outra coisa que era muito comum de se presenciar era a troca de sexo por uma carteira de cigarro, uma barra de chocolate, até dava pena de se ver aquelas meninas de 11, 12, 13 e 14 anos se oferecendo pra sexo, essa é uma verdade”. Fato ainda confirmado pelo general da reserva e ex-combatente, Italo Conti⁸⁰: “A respeito da prostituição, existia mesmo a troca de barra de chocolate por sexo, mas não era coisa generalizada, era casos esporádicos e que não eram de chamar a atenção”.

Analisando-se os depoimentos, percebe-se que há versões diferentes. Nos dois primeiros depoimentos tratava-se de um efetivo de maior proporção, em que acabava sendo grande o número de militares envolvidos em situações de “trocas de favores”. Já no terceiro depoimento, provavelmente esteja relacionado a um grupo mais restrito e de menor quantidade de componentes, por isso se trata de um número menor da ocorrência dessas praticas.

Essas “trocas” eram mais visíveis onde havia concentração de tropa e sem riscos dos combates atingirem essas posições, como por exemplo, no depósito de pessoal e onde se localizavam, também, as bases de apoio a quem estava em combate, no caso aqueles que trabalhavam diretamente com mantimentos, tal como explica o senhor Lindolfo Guilherme Arendt⁸¹, que permaneceu no depósito de pessoal:

No depósito não se lavava roupa, haviam as lavadeiras, que vinham lá mesmo e apanhavam as roupas, em troca de material de higiene. O respeito no Depósito de

⁷⁹Lindolfo Guilherme Arendt. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009, na cidade de São Miguel do Oeste – SC. Natural de São Pedro do Sul – RS, nasceu em uma colônia de imigrantes alemães. Antes de partir efetivamente para a guerra, pertenceu ao 3º Pel. 7º Batalhão de Infantaria, o qual ficou fixado em diversas instalações na cidade de Santa Cruz do Sul – RS. Embarcou para Santa Maria, onde foi formado um contingente de todo o Rio Grande do Sul. Partiu daí para o Rio de Janeiro, em 25 de dezembro de 1944, chegando lá dia 01 de janeiro de 1945. Compuseram o efetivo de 96 militares, sendo 1º Sgt, 14 Cbs e 81 Sds. Esse efetivo foi dividido entre as diversas frações que partiriam para a Itália compor o Depósito de Pessoal em StoFolli. Não receberam nenhum tipo de treinamento, somente rigorosa inspeção de saúde, permanecendo até o dia 28 de janeiro de 1945, data em que se deu a partida do 3º escalão com destino ao depósito de pessoal na Itália, devido às baixas ocorridas nas tentativas da tomada de Monte Castelo. O referido ex-combatente conta, atualmente, com 89 anos. Conseguiu seus benefícios de aposentadoria somente na década de 80.

⁸⁰ Italo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁸¹ Lindolfo Guilherme Arendt. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009.

pessoal era mantido, se houvesse interesse por parte de algum militar por alguma lavadeira, marcava-se encontro na sua própria casa ou em algum outro lugar longe do Depósito. “Fora do depósito todos tinham seus relacionamentos”. Muitos militares acabaram casando com italianas que vieram para o Brasil posteriormente.

As relações que acabavam acontecendo, não tinham somente o cunho da exploração sexual. Muitos foram os militares brasileiros que acabaram, algum tempo depois, do fim da guerra, trazendo suas mulheres italianas para o Brasil. Porém, no caso do depósito de pessoal, acaba se tornando um centro de negociação. Por mais que não se pudesse consumir “os favores sexuais” dentro dessa organização militar de campanha, era ali que se marcavam os encontros e se estabeleciam os valores. Nesse local deslocavam-se mulheres de todas as idades, gerando um tipo de comércio não declarado, tendo como artifício para usar de “cortina de fumaça” e não deixar tão perceptíveis as evidências, a apanha de roupas sujas e entrega das limpas.



Foto 01: Presença de Mulheres italianas no depósito de pessoal da FEB⁸².

Na foto observa-se o momento em que as lavadeiras iam ao depósito do pessoal da FEB para levar ou apanhar roupas. Nessa imagem é perceptível que há diferenças etárias entre as mulheres, o que vem comprovar que havia a existência de meninas com idades que oscilavam entre a pré-adolescência e adolescência. Essas jovens meninas, muitas vezes orientadas pelos próprios pais, procuravam os militares para efetivar as “trocas de favores”. Como moeda de negociação por produtos de limpeza, produtos alimentícios, chocolate e cigarros os combatentes tinham a seu dispor o sexo.

Quem são essas mulheres? De onde vinham? Eram mães? Esposas? Filhas? Vinham a mando de seus esposos? De seus pais? Que tipo de negociação ocorria? Essas e outras

⁸² Foto cedida do acervo particular do Senhor Lindolfo Guilherme Arendt.

perguntas podem ser questionamentos de uma pesquisa exploratória sobre esse aspecto especificamente, não sendo objeto dessa pesquisa.

A imagem acima contextualiza o depósito de pessoal. Esse cenário serviu, não somente como um lugar onde as lavadeiras pegavam as roupas sujas e deixavam roupas limpas. Oferecia como possibilidade, ainda, um ponto onde eram efetivados contatos e se marcavam os encontros. Encontros esses que iriam ocorrer nos arredores de onde estavam concentrados esses militares, porém não era permitido qualquer tipo de envolvimento dentro da unidade militar.



Foto 02: Mais um flagrante da presença das lavadeiras no depósito de pessoal.⁸³

⁸³ Idem.



Foto 03: O trânsito livre das lavadeiras⁸⁴.

Nessas imagens acima, observa-se a realização dos contatos, momentos que possibilitavam conversas e acordos. Se a miséria era um fator determinante para a ocorrência desses procedimentos de “trocas sexuais”, juntavam-se a esse outro forte motivo: os militares encontravam-se distante de suas famílias por um tempo prolongado.

As atividades desenvolvidas no cotidiano dentro do depósito de pessoal, não passavam de algumas formaturas e tiragem de falta do efetivo. Dessa forma, a tropa acabava ficando ociosa por um longo período, propiciando o desencadeamento desses procedimentos que, depois de certo tempo, eram vistos com naturalidade por ambas as partes.

⁸⁴ Idem.



Foto 04: Flagrante de uma formatura no Depósito de Pessoal da FEB⁸⁵.

A imagem acima possibilita a confirmação de umas das poucas atividades desenvolvidas por esse contingente, isto é, as formaturas e conferências dos efetivos, como abordado anteriormente. Esses militares aguardavam os resultados da frente de combate, pois tinham como objetivo completar os claros abertos, que poderiam ocorrer por morte, ferimentos ou ainda distúrbios daqueles que estavam combatendo os alemães nos Apeninos.

Além do depósito de pessoal, aqueles que tinham acesso principalmente aos gêneros alimentícios, tinham essa facilidade de “troca”, como abordado pelo senhor Aristides Saldanha Verges⁸⁶:

Na frente onde eu estava era meio difícil de acontecer atos como a troca de sexo por algum tipo de material, por exemplo, chocolate, cigarro, mas tinha uma mulher, de uns 50 anos, mais ou menos, e a gente ia lá pra fazer as trocas, mas ela inspecionava bem a gente, era meio difícil de pegar doença com ela. Ela mesma fazia os exames. Passaram umas três meninas, e outros companheiros acabaram conseguindo trocar sexo por “escatuleta”, uma espécie de barra de chocolate. Mas quem se deu bem nesse sentido foram as pessoas que trabalhavam com os alimentos, eles eram procurados para negociar. Nós sempre levávamos a ração C e a ração K, tinha bolacha, café solúvel, tudo em lata e prático. A cozinha sempre funcionava fora da área da artilharia inimiga. Nós sempre recebia o café com pão e começou faltar manteiga, aí as pessoas se perguntavam mas cadê a manteiga? O que houve será? Tinha um cabo escrevente da companhia, ele fazia o boletim, e

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Aristides Saldanha Verges. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

então criou um jornalzinho chamado “Veneno”, ali escrevia coisas do Front, um dia colocou assim “gratifica-se quem descobrir o paradeiro da manteiga da companhia”. Ai os superiores foram atrás pra ver porque não tinha manteiga, foram ver com os cozinheiros e descobriram que eles trocavam com as mulheres por “favores”, então eles estavam com tudo. O pessoal do depósito de pessoal, saco “B”, também teve essas oportunidades.

Na frente da linha de combate, essas relações de “favores” inexistiam, pois colocava em risco de morte quem transitasse por essas regiões e poderia ocorrer o fato da distração, atitude essa, inimaginável. O que estava ali em jogo eram posições estratégicas no campo de batalha e a própria vida do combatente. Esses fatos ocorriam, porém com uma distância de segurança, como confirmado em depoimento. Como fica explicito acima, o depoente relata sobre quem detinha os poderes de barganha nesse cenário. Aquele que tinha acesso e controle, principalmente, aos materiais de alimentação, possuía a possibilidade de usar isso a seu favor. Nesse caso, era indiferente a hierarquia, o que valia mesmo era a possibilidade do livre acesso a esses gêneros.

Em período de guerra também aconteciam as dispensas, pois para aliviar as tensões daqueles que estavam em linha de frente era realizado um tipo de rodízio. Assim, enquanto dois terços combatiam, um terço ficava na retaguarda, descansando e desfrutando de algumas atividades de recreação, procurando oferecer uma recuperação. Como explicado pelo senhor Italo Conti⁸⁷: “Nós tínhamos essa possibilidade, a isso nós chamávamos de “Tocha”, quando íamos para um momento de folga. Tínhamos centros de recreações, em Firenze era para os soldados, para os oficiais era em Roma. Cada seis meses na frente de combate o indivíduo ficava uma semana de folga nesses campos”. Como ainda abordado pelo ex-combatente José Edgar Eckert⁸⁸:

Dia 21-06-1945 – Quinta-Feira. Juntamente com quarenta Sargentos do nosso Batalhão fui escalado a fazer uma excursão a Pompéia. Saímos após o almoço, às 13:00 hs, embarcados em três caminhonetes Dodge. Passando por Cápua e Anversa, seguindo sempre pela auto-estrada, chegamos a Nápoles às 14:45 e às ruínas de Pompéia, as 15:15.

As “tochas” eram muito comuns dentro do depósito de pessoal. Esses militares que ficaram na reserva e nunca foram para linha de frente, eram conhecidos também como saco “B”. Os mesmos sofriam as piores acusações de prática de turismo. Aqueles que estavam na frente de combate, os sacos “A”, não tinham essa possibilidade por estarem sendo

⁸⁷ Italo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁸⁸ ECKERT, José Edgar. **Memórias de um ex-combatente**: relato de um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Florianópolis: Editora Insular, 2000. p.335.

empregados. Havia uma diferença funcional entre os combatentes que estavam na frente de luta e os da retaguarda. Aqueles combatentes que estavam na linha de frente combatendo, os sacos “A”, usufruíam de um moral elevado entre os companheiros, isso independia de posto ou graduação. Aqueles que permaneciam no depósito de pessoal, a retaguarda, os sacos “B”, eram naturalmente desvalorizados, vistos de forma irônica. Desaparecendo no pós-guerra essa distinção entre os componentes expedicionários.

Essas folgas proporcionavam um descanso e em alguns casos havia até a possibilidade de realizar um turismo, como abordado em depoimento pelo senhor Lindolfo Guilherme Arendt⁸⁹:

Sim, sim, havia possibilidades de conhecer outros lugares sim. Por exemplo, uma determinada frente de combate, possuía 4 batalhões, 3 ficavam na linha de combate e 1 ficava na reserva, a retaguarda, os soldados pegavam um jipe em 4 ou mais e como se dizia lá “acedia a tocha”, termo utilizado pelos brasileiros para se referir as viagens turísticas. Eu me encontrei em Roma com gente da frente de combate, Vaticano e outros lugares que eram turísticos.

Com as possibilidades de desfrutar de viagens e outros benefícios que a miséria causada pela guerra acaba proporcionando, uma grande parcela de militares componentes da FEB usufruiu dessas vantagens. Porém, em meio a todo esse contexto, ocorriam casos em que os próprios militares se tornavam violentos, chegando a usar da força física para conquistar seus objetivos, que acabavam caracterizando o estupro, fato esse que poderia ser comprovado através de registros da Justiça Militar da FEB e de outros países em pesquisa específica.

No caso dos militares brasileiros, conforme informações coletadas nas entrevistas, foram raros os casos em que isso aconteceu, pois na maioria das vezes, os febianos agiam com um comportamento de respeito para com a sociedade, fato esse explicado pelo carinho mantido e preservado dos italianos pelos soldados brasileiros.

Situação oposta aconteceu por parte dos militares alemães, pois agiam com maior frieza e usavam a força para conseguir o que almejavam, como esclarecido pelo senhor Lindolfo Guilherme Arendt⁹⁰: “Onde os alemães pernoitavam com suas tropas nas cidades, eles reuniam todas as mulheres daquela comunidade e forçavam elas a fazer sexo com todos os soldados. Essas coisas as tropas brasileiras não faziam de modo algum”.

Mesmo com o findar da guerra, com a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã no dia 29 do mês de abril de 1945, a FEB permaneceu em solo italiano até o momento do

⁸⁹ Lindolfo Guilherme Arendt. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009.

⁹⁰ Idem.

retorno para o Brasil, dia 06 de julho de 1945. Dessa forma, as possibilidades de “trocas de favores” permaneceram, como abordado pelo senhor Aristides Saldanha Veges⁹¹:

Retornamos para Nápoles, em Francolise, ali perto desse local tinha um mato, umas árvores, e os militares iam lá pra fazer fila. Tinham três meninas que ficavam lá, esperando o pessoal pra “negociar”. Quando elas chegavam, os militares já gritavam, “olha a fila, olha a fila”, não sei como elas aguentavam. Ficamos alguns dias nesse lugar. Quando já tinha findado os combates, nós guardávamos os chocolates durante a semana para trocar por favores femininos nos finais de semana.

Em sua obra o ex-combatente da FEB José Edgar Eckert⁹² confirma os fatos, pois ele relata, por meio de seu diário, as vivências e acontecimentos ocorridos em solo italiano. Em seu depoimento diz:

Vimos e presenciamos alguns fatos curiosos e vexatórios nas imediações do local de banho: um americano negro, dono de um vasto corpanzil, bancando o cafetão de três mulheres que ele escondeu lá no meio do mato que circunda a cachoeira. No único trilho que conduz até elas, postou-se, com o seu enorme corpo, e cobra 200 liras a cada soldado que quiser visitar alguma das mulheres. Diz ele que esta cobrando para elas. Vi-as de longe e repugnei! Além disso, ainda vimos alguns soldados que traziam suas mulheres, penetravam no mato num outro local e lá dentro “faziam amor”; enquanto uns 10 ou 20 soldados seguiam pelo mesmo trilho, “aguardando sua vez”.

Aparentemente, pode-se dizer que os febianos aproveitaram as oportunidades apresentadas, mas, ao que se pode analisar, sem abusos, e o que depõe a favor disso é a própria admiração conquistada pelos brasileiros por parte da sociedade italiana, como já citado anteriormente. O que permite tais análises são os depoimentos daqueles que participaram do contexto da guerra e em diferentes níveis. Os instrumentos, por conseguinte, são relatos de oficiais e praças, que acabam convergindo em um mesmo desfecho. Pode-se contar ainda, com autores, pesquisadores que levam também a essa imagem, de que os combatentes brasileiros tiveram um comportamento bem aceito pela sociedade italiana.

Todavia, não podemos esquecer que se tratava de uma tropa que estava ali para apoiar a libertação da Itália. Também, se houvessem abusos sobre a população acolhida não seria tão calorosa, como explica em depoimento o senhor Aristides⁹³: “Éramos muito bem recebido pela população italiana, eles viam nós e diziam: “brasiliane, liberatori””.

Pode-se analisar que, conforme os depoimentos colhidos e demais informações pesquisadas, houve facilidades. Não se torna possível estimar a porcentagem exata para saber,

⁹¹ Aristides Saldanha Veges. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

⁹² ECKERT, José Edgar. **Memórias de um ex-combatente...** op. cit. p. 335.

⁹³ Aristides Saldanha Veges. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

com exatidão, a quantidade de militares que realizaram essas práticas ou se beneficiaram, uma vez que isso não se instaura entre os nossos objetivos. A intenção, aqui, consiste em trazer a luz do conhecimento o fato de terem existido tais práticas.

A readaptação foi difícil não só por causa dos acontecimentos traumáticos, mas também pelas facilidades que a guerra ofereceu e que não seriam possíveis em tempo de paz. Uma maioria de não-combatentes dificultava a criação de uma memória digna e cativa da FEB. Mesmo entre verdadeiros combatentes a guerra não é só combates, tem também lazer, turismo e diversões. E, face à dimensão traumática sempre se irá preferir lembrar dos momentos de não-combate. Revistos esses três fatores, ajudam a entender a dificuldade em se manter uma imagem positiva da FEB, em especial nos momentos de reivindicação dos direitos

CAPÍTULO 2

AS DIFICULDADES E CONSEQUÊNCIAS DA REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES

Iniciarei esse capítulo reportando-me às decepções e as novas batalhas que se desencadearam ante o processo de reintegração social e profissional, e de reconhecimento dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira. Abordarei as discriminações sofridas pelos os ex-combatentes e como muitos relutaram em voltar aos antigos lares de misérias e dificuldades.

No dia 18 de julho de 1945, chegou ao porto da cidade do Rio de Janeiro, retornando dos campos de batalha da Europa, o 1º escalão que compôs a Força Expedicionária Brasileira. A população acompanhou o desembarque dos ex-combatentes. Os pracinhas foram recebidos de forma entusiasmada. Nesse mesmo momento, procedimentos que ditariam os novos rumos dos expedicionários estavam sendo tomados pelas autoridades em relação à desmobilização da FEB.

Passadas as comemorações, em julho de 1945, ocorreu um episódio que, certamente, não era esperado pelos expedicionários: o efetivo toma conhecimento da desmobilização realizada ainda em solo italiano e, rapidamente, a força expedicionária é extinta. A portaria de número 8250 de 11 de maio de 1945 foi baixada pelo então Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, a qual pode ser considerada como um dos muitos golpes por parte do Ministério da Guerra contra a memória da FEB⁹⁴, conforme segue abaixo:

Em portaria nº 8250, ontem baixada pelo Ministro da Guerra, foram aprovadas as “Instruções a observar com os evacuados da FEB, isolados ou em grupo”. De acordo com esse regulamento todo militar que for evacuado da Força Expedicionária Brasileira, será recebido pelo Estado Maior da FEB no interior e encaminhado aos locais do primeiro destino. Tratando-se de doentes e feridos, esse trabalho será feito em ligação com a Diretoria de Saúde. A fim de prestar pronta assistência a todos os evacuados e resolver, no menor prazo possível, a situação de cada um. As referidas Instruções estabelecem normas para a adição de oficiais e inferiores às diversas Diretorias, e declaram que os uniformes usados pelos praças do Exército, na Itália, deverão ser restituídos urgentemente recebendo eles, em troca, outras peças. Só regressarão ao teatro de operações os que forem solicitados pelo Comandante da 1ª D.I.E, ou os que receberam ordem especial do Ministro da Guerra por intermédio do Chefe do Estado” Maior (FEB). Trata ainda das

⁹⁴ O ESTADO DE SÃO PAULO, 12 de maio de 1945, sábado. Artigo transcrito na íntegra, sem o nome do autor; (p. 18). BRASIL, Ministério da Guerra. Portaria N.º 8.250, publicada no Diário Oficial da União, em 11 de maio de 1945.

inspeções de saúde dos militares evacuados. Os definitivamente incapazes, desde que não tenham direito a reforma, serão licenciados e, para os possuidores desse direito, ser-lhes-ão aplicado o mesmo, isto é, a reforma. Os oficiais da reserva e os praças, ambos aptos, serão licenciados desde que não tenham a sua permanência assegurada por lei. Isso se dará, quanto aos primeiros, por indicação das Diretorias das Armas ou dos Serviços e, com relação aos demais, pelo Centro de Recompletamento de Pessoal da FEB, sendo-lhes fornecido um certificado provisório de reservista. As unidades administrativas a que estiverem adidos os citados militares compete estudar e encaminhar à repartição competente o que se relacionar com promoções e medalhas. Aos evacuados serão pagos, sem demora os vencimentos e vantagens que lhe forem devidos.

Uma das principais preocupações com esse efetivo, segundo as autoridades políticas do Brasil, era o contato que os ex-febianos haviam travado com as ideologias que pairavam pela Europa, as quais sejam norteavam os regimes totalitários. O Brasil, nesse momento, por ter prestado seu apoio aos países aliados, ficou contrário a esse tipo de política, temendo qualquer tipo de influência que pudesse representar a força expedicionária, sendo desmobilizada ainda em solo europeu, como abordado por Sirlei de Fátima Nass⁹⁵:

A Força Expedicionária Brasileira foi dissolvida em território italiano, onde os ex-combatentes receberam seus certificados provisórios de reservista impressos em uma tipografia de Milão. Esta ação foi uma garantia da instituição militar em desfazer a FEB, ainda na Itália, exatamente no dia em que o primeiro escalão expedicionário embarcava em Nápoles de volta para o Brasil.

Conforme afirmação realizada acima, torna-se perceptível a forma ágil e urgente acerca de como que foi tratada a dissolução da tropa expedicionária. A desmobilização deve ser rápida e eficiente, conforme ocorrido dentro dos EUA, onde esse processo foi agilizado, mas já havia um conjunto de leis e estrutura de apoio aos ex-combatentes. Os ex-combatentes mal começaram seu retorno e já não eram mais componentes do efetivo que representou o Brasil no cenário da Segunda Guerra Mundial.

Então, aos olhos dessas lideranças, os componentes da FEB passam a representar um perigo⁹⁶, pois o efetivo que voltou da guerra já não era mais aquele grupo que partiu totalmente despreparado para a guerra. Agora se tratava de um efetivo adestrado, com experiência em guerra. Nesse momento o próprio militar estava com sua auto-estima em alta e consciente de suas capacidades.

O governo, sabedor desse conjunto de novas características, temia que esse efetivo, principalmente aqueles que eram de carreira e tinham conhecimento do que se passava no

⁹⁵ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. p. 57.

⁹⁶ Idem. p. 57-59.

cenário político mundial, acabassem influenciando os demais militares que haviam permanecido no Brasil, tal como Sirlei de Fátima Nass⁹⁷:

A dissolução da FEB da maneira como foi feita confirmava a prevenção do Exército e do governo Vargas em evitar uma propalada rebelião contra a ordem constituída. De acordo com esta versão, ocorriam articulações, por parte dos expedicionários, para tal intento, o que não era verdade.

As lideranças brasileiras temiam que, se os componentes da FEB acabassem conseguindo grande influência dentre os demais militares das forças armadas, poderia estar se formando um forte grupo, que teriam possibilidades de tomar o poder através de um golpe militar.

Devido ao baixo nível educacional existente no efetivo da FEB, era pequena a parcela que tinha condições de debater sobre teorias, sejam elas quais fossem. Pois grande parte do efetivo febiano era analfabeta, característica essa que já havia imposto dificuldades desde a criação da FEB. Fato esse que minimizava extremamente a possibilidade de haver qualquer tipo de organização e agitação e deixava quase nula tais preocupações. O que poderia ocorrer era uma agitação dessa massa operacional e com experiência em guerra, por parte de interesses estratégicos de lideranças ocultas.

A forma como a Força Expedicionária foi desfeita, através de um ato imediatista, contrariava as próprias orientações norte-americanas. Os expedicionários representavam um efetivo que tinha experiência em situação real de combate e poderiam trazer inovações e adaptações práticas ao cenário brasileiro. Inclusive, juntamente com a modernização das Forças Armadas, que era um dos objetivos traçados pelo governo de Getúlio Vargas, propiciaria resultados mais positivos e até certa supremacia perante os países fronteiriços com o nosso país. Conquistaram destaque bélico e estratégico na América do Sul

Desfeita a FEB, trataram-se das questões práticas: aqueles que não eram de carreira tiveram a baixa, receberam a parte financeira a que cada um fazia “*jus*” e foram mandados o mais rápido possível para suas casas e famílias. Era como se não tivesse existido esse efetivo. Os mesmos foram tratados com grande descaso, como mostra Sirlei Nass⁹⁸. Houve uma desvalorização e desconsideração muito grande ante um desempenho altamente positivo apresentado pelos militares brasileiros.

Quanto aos que permaneceram dentro dos quartéis, dando continuidade na sua vida da caserna, a situação era outra. A decisão imediata tomada foi de espalhá-los para as mais

⁹⁷ Idem. Ibidem.

⁹⁸ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. p. 73-74.

diversas unidades militares existentes dentro do território brasileiro e, como explica Sirlei de Fátima Nass,⁹⁹ essa atitude acabou servindo como represália, “como uma forma de castigo.”¹⁰⁰ Tal atitude também é analisada pelo pesquisador Francisco Ferraz, pois aqueles militares desacreditados que embarcaram para a guerra, agora estavam retornando, carregados de glória e prestígio popular.¹⁰¹

Sendo assim, os militares que compuseram o efetivo da Divisão Expedicionária acabaram ficando isolados nos mais longínquos e dispersos quartéis localizados pelo território brasileiro. Aqueles que haviam permanecido no Brasil, não indo participar da campanha da Itália, evitavam contato com os ex-combatentes. Alguns por motivo de inveja e outros seguindo orientações,¹⁰² para que não sofressem nenhum tipo de influência. Havia agora uma diferença entre os militares componentes da Força Expedicionária, os quais trouxeram as características do exército norte-americano, onde a bravura impunha um respeito maior que postos e graduações, daqueles. Aqueles que permaneceram em solo brasileiro, integrantes do “Exército de Caxias”, mantinham-se inalterados dentro dos regulamentos militares, essa situação gerava grande conflito entre ambos os lados.

Cumprir frisar que a imagem de heróis de guerra foi, de um instante para outro, invertida, pois os mesmos passaram a serem vistos como vilões, turistas, aproveitadores, culpados de algo que não conseguiam entender. Ser um ex-integrante da FEB não era motivo de heroísmo, mas sim de desconfiança,¹⁰³ de desprezo.

Parte do efetivo de expedicionários, que dariam continuidade a vida militar, houve um mês de folga, tendo que se apresentar aos quartéis após esse período. Outra parcela dos militares, não suportando essa situação de perseguição, solicitou baixa, tal como analisa o senhor Eronides João da Cruz¹⁰⁴:

Depois que voltamos tínhamos um mês de licença, depois era pra se apresentar na base aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Porque era uma unidade que não existia. Essa unidade foi composta de um pouco de militares vindos de outras diversas unidades militares. Claro, tinham que arrumar um lugar pra colocar o grupo de aviação. Ai é que começou a nossa segunda guerra, ai tivemos início a

⁹⁹ Idem. p. 74-75.

¹⁰⁰ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe do estado-maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 521; DUMAGIN, P. Observações de um oficial de informações de batalhão. In: **Depoimento dos Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: [s.n], 1950. p. 309; BRAYNER, F de L. **A verdade sobre a FEB** (memórias de um chefe de Estado-Maior na Itália). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 309.

¹⁰¹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 167.

¹⁰² NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. p. 60-61.

¹⁰³ Idem, Ibidem.

¹⁰⁴ Eronides João da Cruz. Ex-combatente da Força Aérea Brasileira no Teatro de Operações da Itália. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR.

nossa peregrinação, começaram as indiretas, pois os militares que não eram da FEB, tinham inveja de nós. Todos queriam que nós fôssemos e não voltássemos. Começaram a perseguir o expedicionário, algum tempo depois solicitei minha baixa, não agüentei. Assim aconteceu com outros que eu conheci.

Os militares que permaneceram dentro das forças armadas e eram componentes do efetivo febiano, devido o desempenho nos campos de batalha da Itália, contavam com alto prestígio dentro da sociedade. Porém, isso acabou gerando dois tipos de sentimento entre aqueles que eram de carreira: inveja e medo. Inveja por que voltaram como heróis dos campos de batalha do continente europeu; e medo, por que pensavam que os febianos acabariam tendo vantagens, por terem participado da guerra e seriam privilegiados em suas carreiras, atrapalhando ou acendendo a cargos antecipadamente por méritos.

O momento era difícil tanto para os que eram de carreira, quanto para os que foram devolvidos para o seio da sociedade. Grandes obstáculos já se apresentaram logo que a FEB deixou de existir.

O reconhecimento dos componentes do efetivo da FEB ficou ainda mais comprometido devido à forma como foram tomadas as medidas administrativas de desincorporação dos mesmos. A própria utilização de uniformes, a qual foi proibida por aviso ministerial, era considerada como uma afronta pelos militares não expedicionários, compartilha dessa afirmação o pesquisador Francisco César Alves Ferraz. Nem os emblemas poderiam ser utilizados.¹⁰⁵

Além do uniforme, outros adereços também ficaram proibidos de serem utilizados a partir do oitavo dia após a chegada dos expedicionários em território brasileiro, conforme analisado por Sirlei de Fátima Nass¹⁰⁶: “ficaram ainda, proibidas também a utilização de qualquer tipo de medalhas e adereços, condecorações, que tivessem relação com a campanha da Itália, causando um grande descontentamento”.

A própria concessão de medalhas, que é um momento de extrema relevância, pois essas cerimônias são premiações aos esforços destacados, tanto individuais quanto coletivos, ficou muito restrita. Além de representar um prêmio, é no círculo militar, a representação da coragem, do destemor, que traz consigo a elevação do moral do combatente e também do grupo em que está inserido.

A partir de 1943, foi instituído pelas autoridades políticas brasileiras condecorações e medalhas para aqueles que haviam participado da guerra. A *Medalha de Guerra* foi concedida somente a oficiais e a civis que prestaram serviços relevantes para a campanha, excluindo de

¹⁰⁵ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 168.

¹⁰⁶ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião paranaense do expedicionário...** op. cit. p. 75.

forma injusta e irônica os “praças febianos”. A *Medalha de Campanha* foi distribuída a todos os militares da ativa e da reserva, que participaram da campanha da FEB. Esta medalha servia para diferenciar o veterano da FEB do ex-combatente não febiano. Com a *Medalha Cruz de Combate* foram condecorados aqueles que se distinguiram por atos de bravura e sacrifício em ação de combate: a de 1ª classe agraciou quem se destacou de maneira individual e a de 2ª classe destacou as ações coletivas. Por fim, a *Medalha de Sangue* do Brasil foi concedida aos feridos em combate contra o inimigo¹⁰⁷.

O governo brasileiro não autorizou o comandante da FEB a realizar a entrega de medalhas durante a guerra, na frente de combate, por padronização de procedimentos. Essas condecorações poderiam servir de estímulo, como era realizado por parte das demais tropas aliadas, as quais condecoravam inclusive o soldado brasileiro.¹⁰⁸ Como analisa Sirlei de Fátima Nass,¹⁰⁹ provavelmente por essa razão, as condecorações foram concedidas aos expedicionários no fim da guerra. Os feridos em combate, por exemplo, receberam suas merecidas medalhas após meses e, até mesmo, anos depois da guerra, nas seções das associações de ex-combatentes ou ainda em órgãos burocráticos do Exército.¹¹⁰

Como analisado acima, esses benefícios restringiam-se, em princípio, a quem havia participado da guerra de forma efetiva, ou seja, aquele que colocou em risco sua vida, o militar, o combatente. Porém, contrariando portarias e determinações, após o término da guerra, acabaram ocorrendo atos de “generosidade” na forma de suas agraciações, uma vez que passaram a ser distribuídas entre civis e militares que tiveram participação superficial no conflito ou que sequer tiveram qualquer tipo de participação ou colaboração na guerra. Como no caso do fornecedor dos uniformes de má qualidade usados pela DIE¹¹¹ que, no *front*, tiveram que ser substituídos por uniformes dos Aliados¹¹².

Dentro do oficialato ocorreu um número razoável de agraciamentos com medalhas, ainda na frente de combate pelo 5º Exército dos EUA. Situação oposta coube às praças. Sendo pequeno o número de condecorados, a grande maioria recebeu suas medalhas após o desembarque no porto da cidade do Rio de Janeiro. A forma como foram realizadas as condecorações, já em solo nacional, deixou uma imagem distorcida dos ex-combatentes

¹⁰⁷ MELLO, J. L. R. (Org.). **A legislação do ex-combatente**. Compilada e organizada pelo Conselho Nacional das Associações de Ex-Combatentes do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Expedicionário, 1983.

¹⁰⁸ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p. 245-47.

¹⁰⁹ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. p. 73-75.

¹¹⁰ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou** op. cit. p. 164-166.

¹¹¹ As letras tem o seguinte significado: Divisão de Infantaria Expedicionária.

¹¹² Idem, p. 73-75.

perante a própria sociedade brasileira. Muitos civis preferiram acreditar que os praças da FEB não haviam sido condecorados porque fizeram “turismo” na frente de combate.¹¹³

Com o passar do tempo, evidenciou-se o despreparo das autoridades e órgãos brasileiros responsáveis pela viabilização da Força Expedicionária quando do ato de reinserir o ex-combatente febianos junto à sociedade, pois ambos os lados não foram preparados para tal situação.

A mobilização da Força Expedicionária foi realizada pelo Estado e o correto seria o próprio Estado prever a realocação dessas pessoas dentro da sociedade. Eles deixaram seus meios de subsistência para lutar em uma guerra, e, quando do retorno, ficaram sem apoio da nação, passando pelas mais diversas dificuldades.

O ex-expedicionário José X. Góis de Andrade,¹¹⁴ aborda sobre as dificuldades passadas pelos ex-combatentes:

Muitos e muitos teriam de voltar às favelas, aos mocambos, às taperas de taipa, de sopapo, às casas de sapê por essas terras a fora sem água, sem saneamento, sem luz elétrica, sem estradas, sem transportes, no domínio das moscas e dos mosquitos, depois daquela abundância de tudo e até dos banhos quentes e frios dos acampamentos americanos [...]. (p. 51)

O depoimento acima confirma a tentativa dos ex-combatentes de evadirem-se da vida anterior, ou seja, aquela do interior, mesmo que passassem por uma infinidade de dificuldades nas cidades. Era inconcebível retornar para aquelas casas simples onde, até mesmo, inexistia a energia elétrica.

Se houvesse interesse por parte das autoridades, em buscar qualificar aqueles que não tinham instrução, o que representavam a maioria dos expedicionários, esses não ficariam desorientados, andando ao acaso ou em busca de um emprego, para o qual sequer estavam habilitados.¹¹⁵ Como esses combatentes foram retirados de seus lares e profissões para comporem o efetivo de expedicionários para participar da campanha da Segunda Guerra Mundial, o governo tinha como dever e compromisso organizar de forma ordenada uma capacitação profissional. Com tal atitude seriam minimizadas as mazelas causadas, como explica Leonércio Soares¹¹⁶:

¹¹³ SOARES, L. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira...** op. cit. p. 337-338.

¹¹⁴ José X. Góis de Andrade. **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB.** São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A., 1950 (p.51).

¹¹⁵ Sirlei de Fátima. **Legião paranaense do expedicionário...** op. cit. p. 73-75.

¹¹⁶ SOARES, L. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira...** op. cit. p. 344.

[...] procuraram se furtar de suas obrigações e na realidade o que foi era o “pracinha” modesto, que se deslumbrou na Europa. Viu um arsenal de guerra extraordinário, uma organização como jamais imaginou... esse homem quando voltou ao Brasil voltou iludido e foi mais iludido aqui, por promessas, então aqueles que não retornaram as suas atividades e deixaram-se encantar pelo Rio de Janeiro, compraram roupas que jamais usaram; esqueceram que teriam que voltar a uma realidade, voltar a enxada, a sua atividade anterior e acreditando naquelas promessas que foram novamente reeditadas, eles deixaram se iludir, ficando na expectativa de conseguir empregos e condições aos quais não estavam inclusive preparados intelectualmente, isso então resultou uma série de traumas que não foram absolutamente causados pela guerra.

Os traumas acabaram não se resumindo somente àqueles enfrentados da linha de combate. Os traumas obtidos aqui, logo na chegada no porto da cidade do Rio de Janeiro, foram ainda mais profundos. Nos campos de batalha os expedicionários sabiam que, se estivessem vivos, retornariam para a terra natal. Porém, agora que estavam em solo brasileiro, pra onde voltariam? Retomariam suas vidas interioranas? Grande parcela de ex-combatentes já não aceitava mais essa possibilidade.

Fica fácil perceber que o homem do campo e os trabalhadores das fábricas foram os mais prejudicados pela desorganização do Estado. Procedimentos como estes, acima abordados, criaram um sentimento de abandono e isolamento. O compromisso feito por parte do governo, no momento do embarque para a guerra, foi todo esquecido por ocasião do retorno, sendo essa a maior indignação dentro do grupo de ex-febianos até a atualidade.

Como se pode analisar, o Estado, autoridades políticas e militares, agiram de forma intencional, com interesse de manter a imagem da FEB ofuscada, desmoralizada no meio militar e no meio civil. Esse ponto é defendido pelos pesquisadores Sirlei de Fátima Nass¹¹⁷ e Francisco César Alves Ferraz¹¹⁸ sendo que, os depoimentos orais utilizados nessa pesquisa convergem na mesma direção de análise contribuindo com abordagens inéditas.

¹¹⁷ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. p. 78.

¹¹⁸ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 173.

2.1 O retorno e a receptividade da FEB

A Força Expedicionária Brasileira, que apresentou grande desempenho e superou todas as suas dificuldades para combater o tenaz tedesco, “combatente alemão”, ao término da guerra, encontrava-se estacionada¹¹⁹ próxima de Nápoles, desamparada e quase sem apoio. Já não contavam mais com a logística norte-americana e aguardavam o momento de embarcar para a terra natal, conforme abordagem de Joaquim Xavier da Silveira¹²⁰: “A região de Francolise era poeirenta, quente, de paisagem monótona, inconfortável, o lugar não oferecia nenhum lazer à tropa, já sem seu parque de viaturas e nenhuma missão a cumprir”.

A tropa, de maneira geral, apresentava anseios de retornar o mais rápido possível para suas casas e reencontrar aqueles que estavam a sua espera, como ainda nos confirma o Marechal Lima Brayner¹²¹: “Em meio àquele esquisito fim de festa, veio à tona com ansiedade o desejo de regressar. Tinham certeza, os concentrados de Francolise, que do outro lado do Atlântico uma apoteose os esperava, ao lado do aconchego da família”.

No dia 03 de julho de 1945, foi expedida uma Diretiva Geral, publicada no Boletim Interno nº 178, que regulamentava o retorno da FEB. A bordo do navio General Meiggs, o primeiro escalão embarcou em Nápoles no dia 06 de julho, chegando no dia 18 de julho do mesmo ano.

Os componentes da Força Expedicionária Brasileira poderiam permanecer expostos, aproveitando a viagem que durou 12 dias: dias que não passavam, dias de angústia frente à imensidão do oceano, a pressa de chegar e ir ao encontro de seus familiares e amigos, daqueles que sofreram juntos, mesmo estando longe.

Por ocasião do retorno, já não havia a apreensão de um ataque eminente. A viagem pode ser mais tranquila e melhor aproveitada, tal como mostra o senhor Aristides Saldanha Verges¹²²: “O retorno foi mais tranquilo, mais calmo [...]”.

A impaciência, a angústia de chegar logo, fazia com que com os componentes da FEB não conseguissem permanecer acomodados dentro do navio. Permaneciam, em sua grande maioria, no convés do navio. Estavam orgulhosos da participação, porém, nem imaginavam as

¹¹⁹ Dentro dos manuais militares a definição de “ESTACIONADO”, tem o significado de a tropa permanecer em um determinado lugar até que seja dado um destino para onde os militares devem se dirigir, no caso da FEB, aguardando ordens e disponibilidade de transporte para que fosse possível o início do retorno. p. 201.

¹²⁰ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p. 36.

¹²¹ BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB** op. cit. p. 513.

¹²² Aristides Saldanha Verges. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

novas lutas que teriam que enfrentar. Em suas mentes, nesse momento, havia somente espaço para o imaginário da chegada.

Após os doze dias em alto mar, avistou-se, ao longe, o porto do Rio de Janeiro e uma imensidão de pessoas, também ansiosas que aguardavam pela chegada de seus “heróis”. A chegada dos febianos foi motivo de grande festividade, como narrado em depoimento pelo senhor Lindolfo Guilherme Arendt¹²³: “a cidade nos recebeu em festa, quando descemos no porto da cidade do Rio de Janeiro, foi um tumulto, as pessoas querendo encontrar seus familiares, uma loucura, eu não tinha ninguém me esperando, mesmo assim as pessoas vinham nos abraçando como gesto de recepção”.

Foi preparada uma receptividade calorosa pela sociedade brasileira, principalmente pelos moradores da cidade do Rio de Janeiro, como aborda a ex-enfermeira da FEB, senhora Virginia Leite¹²⁴: “Eu nunca ouvi falar de uma festa tão grande no Brasil quanto à chegada dos pracinhas”.

A forma como foram recebidos foi realmente digna de quem havia representado muito bem o povo brasileiro, como explica o senhor Eronides João da Cruz¹²⁵: “Foi aquela recepção maravilhosa, com muito patriotismo, muito papel picado, tudo muito lindo, o dia todo andando pra lá e pra cá. O povo aplaudindo, nós tomando coca-cola, o que era novidade naquela época, é como de fosse dar champagne francês nos dias de hoje”.

O autor Francisco César Alves Ferraz¹²⁶ também abordou a questão da recepção, que ainda ocorreu em vários outros locais do país:

Em São Paulo, a Comissão Paulista de Recepção ao Expedicionário elaborou extensa programação. Entidades de natureza variada participaram dos preparativos, desde as associações comerciais e industriais da capital, até os sindicatos operários. Em outras cidades, havia também grande expectativa pelo retorno de seus jovens combatentes. Para os expedicionários nos navios e suas famílias, amigos ou apenas compatriotas, as horas que antecediam a chegada dos soldados da FEB pareciam intermináveis.

A citação acima demonstra como havia uma expectativa, não só por parte daqueles que estavam retornando dos campos de batalha, mas também por parte da sociedade. Encerradas as festividades, terminada a euforia, estavam por vir episódios que acabariam decepcionando os expedicionários. Ocorreu uma espécie de descaso para com aqueles que tinham arriscado suas vidas nos campos de batalha da Itália. Talvez pela falta de experiência

¹²³ Lindolfo Guilherme Arendt. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009.

¹²⁴ Virginia Leite. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

¹²⁵ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

¹²⁶ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p.156.

em participação em guerras, não se tinha uma organização correta para trabalhar a desmobilização.

Situações como essas vão proporcionar novas batalhas, que seriam travadas em tempo de paz e em solo brasileiro. Uma variedade de problemas sociais surgiu, fruto do desamparo do Estado. Esse assunto será tratado no próximo capítulo, a fim de buscar estabelecer uma conexão entre as formas de amparo criadas pelo Estado e como foi o processo deste que, na prática, tiveram os ex-combatentes.

As festividades organizadas no país, não passaram de um modo de melhorar a imagem populista de Vargas, ganhando mais créditos da população e dos próprios ex-combatentes, o que não ocorria em meio à oficialidade, que veio da Itália disposta a derrubar Vargas e seu regime ditatorial.

2.2 As decepções e as novas batalhas

Ao exporem suas vidas a riscos extremos, proporcionados no campo de batalha, os febianos esperavam reconhecimento e não somente uma comemoração, o que ainda trouxe à tona a frágil e desorganizada instituição militar brasileira, de acordo com a análise anterior. Em consonância com Sirlei de Fátima Nass,¹²⁷ em sua dissertação, a desvinculação e a tentativa de retornar a vida que levavam antes do episódio da guerra, seria uma tarefa tão difícil quanto os dias enfrentados em solo italiano, como ficou constatado através das declarações inéditas nos depoimentos colhidos para essa dissertação.

Com a dissolução do efetivo da Força Expedicionária, surgiram vários problemas sociais. Dentro da Caserna abriu-se um espaço onde os ex-febianos e os demais militares não conseguiam manter uma relação de comunicação, devido ao desprezo imputado aos combatentes. Mesmo com tantas dificuldades enfrentadas dentro da vida militar, esses ainda poderiam contar com um vencimento para receber, ainda tinham a carreira como uma espécie de refúgio, de amparo, conforme abordado em item anterior.

O soldado-cidadão, o voluntário, e ainda os que foram convocados, na sua grande maioria com condições financeiras restritas, vieram a sentir com toda profundidade as consequências da falta de organização estatal. Havia ainda aqueles que, saídos da vida

¹²⁷ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...**op. cit. p. 77.

citadina, após voltarem da Europa retomaram suas vidas em seus empregos, e acabaram não sofrendo tanto as consequências da participação no conflito.

É importante frisar que aqueles voluntários que haviam saído do interior, de uma realidade de subsistência e isolamento, quando finda a guerra, não queriam mais voltar a sua situação anterior, até porque haviam passado por transformação, em decorrência de tudo o que viveram no período de guerra, como descrito em depoimento da senhora Virginia Leite¹²⁸: “A maioria dos ex-combatentes saiu da “roça”, e quando retornam já não queriam mais voltar a trabalhar na lavoura. Criou-se um clima muito pesado, pois havia sido gerado um problema social”.

Sem pretensão de retomar para suas atividades na agricultura, permaneciam pe rambulando nos arredores das cidades em busca de emprego e melhores condições de vida, conforme abordagem anterior. Mas como conseguiriam emprego se não possuíam especialização em nenhuma atividade desempenhada dentro dos centros urbanos? Quem empregaria em um estabelecimento comercial uma pessoa que não sabia nem ler e escrever, completamente analfabeta? Quem disponibilizaria uma vaga para um ex-combatente recentemente chegado dos campos de batalha?

Além desse conjunto de problemas, ainda havia a questão da possível alteração no sistema psicológico, ocorrida devido à participação em combate. Os ex-febianos necessitavam de um acompanhamento para enfrentar os distúrbios no pós-guerra e não o receberam. Joaquim Xavier da Silveira¹²⁹ assim explica essa situação:

Toda tropa que se desmobiliza após uma guerra tem dois problemas fundamentais: a readaptação e o amparo psicossocial e material. Nada disso foi feito a tempo quando da desmobilização da FEB. O povo brasileiro não foi preparado adequadamente; o soldado não foi esclarecido de como deveria proceder para se readaptar ao dia-a-dia e o povo não foi informado como deveria recebê-lo.

Os expedicionários, na sua maioria, não esperavam nenhuma espécie de paternalismo por parte do país. Apenas desejavam ter o mínimo. Um amparo, pelo menos, para quem necessitasse de assistência psicológica ou médica para reparar distúrbios ou mazelas adquiridos nos campos de batalha e que não se recuperariam sozinhos.

De acordo com o depoimento pelo Senhor Eronides João da Cruz¹³⁰:

¹²⁸ Virginia Leite. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

¹²⁹ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p.235.

¹³⁰ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Após as festividades foi dado um fora de forma, para aqueles que não eram do Rio de Janeiro, tiveram que permanecer em bancos de praças, na sarjeta, pra no dia seguinte conseguir bilhetes de passagens, e ainda de segunda categoria, com banco de madeira, pra viajar por dois dias até chegar em casa, esse foi o primeiro prêmio que muitos ex-combatentes receberam, assim como eu. Quem falar algo contrário a isso é porque não tem coragem de dizer a verdade. Eu tinha uma reserva de dinheiro e procurei comprar uma passagem de primeira classe porque eu ficaria com vergonha de dizer para meus familiares que o governo tinha agido daquela forma. Porque naquele tempo era assim, soldado era comparado ao mais simples dos animais.

A maneira como se deu a desintegração da Força Expedicionária Brasileira, trouxe prejuízos sociais. Um prejuízo incalculável para a vida dos ex-combatentes e familiares, o que fez com que toda a sociedade sofresse as consequências deste ato.

As lutas perduraram por anos ou décadas, até incluir a totalidade dos ex-combatentes. Todavia, neste ínterim, muitas vidas já haviam se perdido, por ruas, becos e sarjetas. Heróis mortos como mendigos, sem o mínimo de recursos que assegurassem a sua subsistência, após terem colocado suas próprias vidas a disposição do país.

2.3 Reconhecimento

A divulgação sobre a participação dos expedicionários na Segunda Guerra iniciou-se antes mesmo da partida para Nápoles, dando a idéia da valorização da imagem dos expedicionários. Os meios de comunicação anunciavam o grande desempenho por parte dos soldados brasileiros no conflito. Infelizmente, eram poucas as pessoas que tinham acesso as informações positivas que circulavam na mídia. Aliás, o próprio governo brasileiro atuava contra essas reportagens, portanto, as homenagens foram limitadas. Comenta sobre isso o senhor Lindolfo Guilherme Arendt¹³¹:

O que vejo de reconhecimento, foi a forma como o povo nos recebeu, como foi noticiado em jornais, rádio e demais meios de comunicações. Essas coisas eu vejo como forma de reconhecimento. Não vi outros tipos de reconhecimento.

As homenagens de reconhecimento ocorreram mais de forma tempestiva, ou seja, com os jornais e outros meios de comunicação, os quais realizaram uma grande divulgação. A população carioca fez uma das maiores festas do país. O Rio de Janeiro foi o local onde

¹³¹ Lindolfo Guilherme Arendt. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009.

ocorreu a maior manifestação por parte da população, de acordo com análise de Sirlei Fátima Nass¹³²:

Através dos jornais, convocaram a sociedade brasileira para organização dos festejos. Por todo o país as pessoas mobilizaram-se na preparação das festas e cerimônias de recepção aos expedicionários que retornavam ao país. Tanto nas grandes cidades quanto nas de menor porte os preparativos foram intensos, sendo as principais ruas e avenidas enfeitadas com as cores do Brasil para receber os soldados febianos. As escolas prepararam seus alunos para as homenagens, as bandas ensaiaram números musicais para festejar os ex-combatentes.

Foi um dia de intensas e agitadas comemorações, algo que marcou todos que faziam parte do efetivo expedicionário, era o que todos esperavam. Nada de material, mas algo que demonstrava a gratidão de um povo por aqueles que os havia representado em uma guerra, conforme destaca Maria Helena Rolim Capellato¹³³:

O retorno dos ex-combatentes da FEB, como todas as datas nacionais brasileiras até então realizadas pelo governo Vargas foi comemorada em grande estilo, em um curto período de tempo, com a participação do povo empunhando suas flâmulas e bandeiras, legitimando a política de massas Varguista.

Passadas as grandes agitações daquele dia, a população voltou para suas casas, os jornais, emissoras de rádio e outros meios de comunicações existentes foram em busca de outras novidades para prender seus telespectadores e leitores. Tudo voltou à normalidade, mas, e aqueles que estiveram na guerra? Que guerra mesmo? Quem esteve onde? Ou seja, passadas as comemorações os expedicionários foram esquecidos. Não houve uma preocupação em criar mecanismos que mantivesse vivas as recordações sobre os feitos no episódio da Segunda Grande Guerra.

Não se pode culpar a sociedade pelo desfecho da participação brasileira na guerra, pois a imagem distorcida dos expedicionários surgiu da ação do próprio Estado. Esses atos criaram uma barreira entre os ex-combatentes e o povo brasileiro. Não houve uma divulgação para enaltecer a imagem dos febianos e isso foi essencial para que a população esquecesse rapidamente aqueles que representaram a sociedade brasileira em campo de batalha, lutando por ideologias que algumas camadas da sociedade acreditavam. Como tudo se processou, tornou-se difícil a consolidação de uma memória identitária, uma ligação entre a sociedade e os ex-combatentes febianos.

¹³² NASS, Sirlei de Fátima. **Legião paranaense do expedicionário...** op. cit. p.81.

¹³³ CAPELLATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Papirus, FAPESP, 1998. p. 47-61.

2.4 Ex-combatentes ou perturbados mentais: a discriminação

De acordo com a análise apresentada no item anterior, houve uma falta de reconhecimento da participação dos expedicionários no cenário da Segunda Guerra Mundial, e, ao que se pode verificar, isso aconteceu devido à aceleração no processo de desmobilização da FEB.

Criou-se uma mística dentro da sociedade de que aquele que participasse em condições de combate real, como aconteceu com os ex-integrantes da FEB, passaria, obrigatoriamente, a sofrer de distúrbios mentais. Esse modo de analisar os ex-combatentes os impedia de ser bem recebidos aonde chegavam, sendo que essa idéia foi se propagando de forma gradativa, por todo o país, como analisado por Joaquim Xavier da Silveira¹³⁴:

A desmobilização imediata não permitiu um planejamento adequado para tirar melhor proveito da nova força de trabalho que retornava ao mercado. Pelo contrário, a dispensa, como foi feita, veio criar problemas de toda ordem, sobretudo psíquicos, o que inutilizou muitos dos componentes desses contingentes, que passaram à condição de inadaptados à vida civil, transformando aqueles que seriam elementos de produção em ônus para a sociedade.

De certa forma, houve uma discriminação por parte da sociedade em relação aos ex-combatentes, pois a maneira como foram reintegrados dentro da sociedade, sem amparo e apoio psicológico, tanto para os ex-combatentes, quanto para a sociedade, favoreceu para esse quadro. Tal atitude ocorreu também por parte dos militares de carreira, como citado anteriormente.

A população olhava com ares de preocupação quando se tratava de empregar alguém que tinha participado de uma guerra. Criou-se um estigma, como abordado pelo senhor Ítalo Conti¹³⁵:

Eu era bem influente aqui no Estado do Paraná, e às vezes solicitava um emprego para os ex-integrantes da FEB, aí as pessoas me questionavam, poxa será que o Ítalo está me indicando pessoas perturbadas, meio loucas? Então de início tinha essa dificuldade de aceitação, mas isso com o tempo passou.

Outra passagem dessa natureza é narrada pelo senhor Lindolfo Guilherme Arendt¹³⁶:

¹³⁴ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado...** op. cit. p 225-235.

¹³⁵ Ítalo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

Conheço um ex-combatente daqui da cidade, Sr Dias, já falecido, ele sofreu com distúrbios, ele se julgava culpado pela morte do Capitão comandante da seção que procurava minas. Ele estava balizando um caminho onde tinha minas e não era pra passar, o capitão contrariou a orientação dele e passaram em cima de uma mina com um jipe, acabou morrendo, isso ficou na cabeça dele até o dia que ele morreu aqui na cidade.

Eles moravam na mesma cidade e Arendt o acompanhou até a “hora derradeira”. É apenas um exemplo dentre um número expressivo de pessoas que ficaram com esse tipo de distúrbio. Esses depoimentos trazem informações inéditas e vem somar com os demais estudos já realizados.

Alguns ex-combatentes, ao ouvirem qualquer estrondo, corriam e se jogavam em busca de abrigo, atitude incompreensível em situações normais. Contudo, em meio a uma guerra, onde esteja ocorrendo uma situação de fogo cruzado, acaba sendo um dos meios mais eficazes para se manter vivo. Conforme analisa Dennison de Oliveira¹³⁷: “Contudo, é comum que essa passividade seja também adotada como reação aprendida a uma ameaça iminente, numa atitude associada aos reflexos. Estes permanecem ativos entre os indivíduos mesmo após passada a guerra”. O autor descreve, ainda, em sua pesquisa, a passagem abaixo narrada pelo ex-combatente Fernando Piske¹³⁸:

(...) quando atravessávamos a Praça Tiradentes, dei o vexame. Havia ali uma parada de bondes. Ao passarmos pelo local, um deles foi saindo e quando o motorneiro solta o freio, há aquele chiao que todos conhecem. É muitíssimo parecido com o assobio de uma granada de morteiro de 88, dos alemães. Pois, meus reflexos ainda funcionavam perfeitamente. Distraído como ia, atento à pergunta de um dos repórteres, quando dei por mim estava agachado debaixo da carroceria de um caminhão... eu confundira o ruído do freio hidráulico com o sibilar de uma granada de morteiro 88.

Outros se tornaram agressivos, perdendo suas famílias. Houve aqueles que, para aliviar de suas mentes a imagem da guerra, de ver seu companheiro morrer ao seu lado sem nada poder fazer procuraram, como principal aliada, a bebida alcoólica, como um meio de amenizar sua dor. Somente para ilustrar a que ponto algumas situações chegaram, cito aqui o caso do senhor José Salvador de Quevedo¹³⁹, natural de Rio Brilhante – MS. Serviu como

¹³⁶ Lindolfo Guilherme Arendt. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009.

¹³⁷ OLIVEIRA, D. Poder Militar e identidade de grupo na Segunda Guerra Mundial: a experiência histórica da Psiquiatria Militar Brasileira. **História: Questões & Debates**, Curitiba, PR: Ed. da UFPR, v.18, n. 35, jul./dez. 2001. p. 141

¹³⁸ Idem, *ibidem*.

¹³⁹ José Salvador de Quevedo. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada nos dias 21 e 22 de janeiro de 2009, na cidade de Aquidauana – MS.

voluntário no 1º RI e, após o retorno da Itália, passou a residir na periferia da cidade de Campo Grande – MS. O referido ex-combatente tinha por hábito montar barricadas com sacos cheios de terra para se proteger das metralhadoras alemãs. As pessoas do bairro todo tinham conhecimento das atitudes tomadas pelo ex-combatente e se reportavam a ele como, “o louco que estava na guerra”.

Situações como essa, que não foi exceção, provavelmente seriam sanadas, ou pelo menos seriam em menor número, se houvesse uma preocupação e preparação para integrar os febianos em meio à sociedade.

As imagens da guerra são difíceis de ser apagadas, como explica o senhor Vítório Germano Giacomini¹⁴⁰, que esteve em linha de frente nos combates mais ardorosos nos quais participou a FEB: “As imagens do que eu passei no campo de batalha estão presentes até hoje na minha mente [...]”.

2.5 À volta para casa: Uma luta diária para sobreviver

O retorno para casa, algo tão desejado e esperado por todos, acabou não sendo tão apreciável por parte dos expedicionários, devido o desenrolar dos acontecimentos. Sentimento contrário era demonstrado pelos familiares que aguardavam para acolhê-los no seio da família. A atitude governamental leva os febianos a ter um entendimento de exclusão, como analisado por Leonércio Soares¹⁴¹: “Nós partimos do Brasil com promessas do então Presidente da República, que ainda a bordo de um dos navios disse: “A Pátria jamais os esquecerá” na realidade nada disso aconteceu”.

As promessas de emprego, proferidas na partida e, da mesma forma, no auge das festas de retorno, também foram esquecidas. A legislação, a qual será abordada em item específico, que dava garantias aos expedicionários quanto aos empregos, também não foi cumprida, pois os cargos de antes de partirem para a guerra agora estavam ocupados por outras pessoas.

¹⁴⁰ Vítório Germano Giacomini. Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2009.

¹⁴¹ SOARES, Leonércio. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira...** op. cit. p. 344.

O expedicionário baiano Didier de Souza Costa¹⁴², membro da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil e um dos dirigentes da seção de Salvador, em livro denúncia, sintetizou a situação em versos. Vejamos o primeiro verso:

O pracinha tudo imaginou,
 menos as rápidas dispensas.
 começou o sofrimento,
 com a falta de readaptação;
 promessas caíram no esquecimento,
 imperando a ingratidão.

Esse verso reforça a dura realidade imposta aos integrantes da FEB. Uma grande parcela dos ex-combatentes retornou às suas vidas interioranas, sem mesmo se indagar sobre qualquer direito que pudesse ter, tamanha era sua simplicidade e humildade, como explica Leonércio Soares¹⁴³:

(...) agora o que tinha de fazer era tratar de seus direitos. E foi quando Zé Inácio entendeu que daqueles mundos de direitos e vantagens, retumbantes, alvissareiros, anunciados para os ex-combatentes, não lhe sobrava nada de positivo. O pouco que poderia servir, nunca chegou a alcançar. No mais restavam umas quíteras,... já sem dinheiro, fez tentativas de trabalhar na sua profissão: tratou logo de arrumar emprego de pedreiro, coisa que sabia fazer, afinal das contas era disto que vivia antes da guerra.....-“ Guerra”?! – espantou-se ao lembrar que nem sabia que coisa era essa quando foi convocado... foi sem nada saber e sem nada pedir, ignorando tudo, inclusive que iria ter tantos direitos e tantas vantagens, como foram anunciados, ao voltar (...).

Há outro depoimento que demonstra o desleixo com que foram tratados os expedicionários, conforme depoimento da senhora Virginia Leite¹⁴⁴:

Teve um acontecimento, uma vez eu estava na estação ferroviária, ia para Irati, minha terra natal, acabei verificando sobre um expedicionário. Era um ferido de guerra com a perna inteira no gesso, foi dado a ele uma passagem fornecida pelo exército em um vagão de segunda, com bancos de madeira. Saiu do Rio de Janeiro, atravessou São Paulo, indo com destino aos confins do Rio Grande do Sul, lamentavelmente eu não tinha dinheiro para comprar uma passagem de primeira ou ainda para ajudar ele. Eu dei o que tinha, umas frutas, umas bolachas, mas aquilo me marcou profundamente. Ele era ferido de guerra e estava passando por uma situação tão triste.

¹⁴² COSTA, Didier de Souza. **2ª Guerra Mundial**: desprezo – Ouve lá, oh! Zé! , deixa-me dizer-te uma coisa!. Salvador: Federação Baiana de Escritores, [s.d.]. p. 53-55.

¹⁴³ Idem, p.8.

¹⁴⁴Virginia Leite. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Situações como essa, vivenciada pela senhora Virginia, falam por si. Houve, sem sombra de dúvida, um descaso com pessoas que necessitavam de uma assistência médica imediata. Esse é apenas um dos relatos: quantos outros ocorreram e ficaram ocultos? Às vezes, até mesmo pela localização, pela dispersão na vastidão de terras brasileiras, não chegaram à público.

Muitos ex-combatentes acabaram tendo suas vidas antecipadamente encerradas. O envolvimento com bebidas alcoólicas, situações de miséria com as quais alguns passaram a conviver, problemas psicológicos, e inúmeros outros direcionaram para esse quadro.

CAPÍTULO 3

ONDE ESTÃO MEUS DIREITOS?

Não demorou para que os óbitos de veteranos de guerra, em estado de indigência, começassem a aparecer. Os pedidos de reforma dos incapacitados encaixavam nas repartições militares ano após ano. Na maior parte das vezes a reforma era negada: consideravam-no capaz de prover sua subsistência. Em outros casos em que a reforma era concedida, o requerente já havia falecido na miséria extrema, na indigência. Foram-se muitos. Foram-se milhares. Calcula-se em mais de três mil os que morreram caídos nas calçadas, ruas, praças e terrenos baldios de todas as cidades do Brasil¹⁴⁵.

Analisarei, neste momento, a legislação criada para amparar os ex-combatentes. A mesma demorou para ser efetivada, vindo a beneficiar os pracinhas somente décadas após sua criação e acabando por abrir precedentes para os militares que não participaram da guerra, efetivamente. Ainda, mostrarei como foram criadas instituições para minimizar os problemas sociais dos expedicionários militares.

Os depoimentos colhidos através de ex-combatentes, apontam que as festividades que ocorreram no momento do retorno dos integrantes da FEB ao Brasil, foram realizadas para camuflar a debilidade, a fragilidade das instituições que tinham como obrigação organizar a volta desses ex-combatentes ao meio social. Estas são, de fato, afirmativas corretas e condizem com a realidade. No entanto, festividades, manifestações populares, eram características do governo getulista, como abordado anteriormente. O mesmo se utilizava desses momentos para fortalecer, ainda mais, sua imagem perante a sociedade, pois junto com as manifestações populares estavam representantes dos meios de comunicação. Então, as comemorações e os meios de comunicação formaram um conjunto dissimulador, afastando a visão da realidade.

Os autores Francisco Ferraz e Sirlei Nass abordam tais aspectos, em suas pesquisas sobre os problemas sociais ocorridos subsequente à Segunda Guerra Mundial, sendo que as entrevistas orais evidenciam esse aspecto através de seus relatos vivenciados na prática, somando em detalhes nesse ponto de vista. Um dos principais pontos destacados, sobretudo na pesquisa de Sirlei de Fátima Nass é a fragilidade dos órgãos responsáveis pela desmobilização. Porém, a fragilidade não se resume na criação de uma legislação que

¹⁴⁵ SOARES, Leonércio. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba, [s.n], 1985. p.347.

amparasse os ex-combatentes, já que esse conjunto de leis têm sua primeira implementação em 1946, com a concessão de alguns benefícios.

A grande problemática e o que levou ao agravamento da situação social dos ex-combatentes foi a falta de divulgação para que recebessem o que lhes era de direito, houve uma soma de desinformação e descumprimento do que estava previsto. Aqueles ex-integrantes da Força Expedicionária, que moravam em lugares isolados, passaram anos em estado de sobrevivência, sem saber da existência de benefícios que poderiam lhes minimizar as dificuldades.

A legislação brasileira que antecedia o episódio da Segunda Guerra Mundial trazia em seu contexto leis que amparavam alguns aspectos os militares, como por exemplo, assegurar o retorno ao antigo emprego para aqueles que tinham sido voluntários e estava exercendo qualquer que seja a profissão. Mesmo previsto em lei, isso não foi cumprido. Essas leis acabaram sendo burladas. Quando os ex-combatentes retornavam às empresas de onde haviam saído, deparavam-se com outras pessoas ocupando suas vagas, o que demonstra a falta de seriedade como era tratada a legislação.

Atitudes como essa agravavam ainda mais a situação da reintegração dos ex-combatentes, conforme abordagem realizada anteriormente. Quando se deu a chegada da Força Expedicionária, houve um visível descaso por parte das autoridades, pois os soldados cidadãos foram jogados ao convívio social, como se nada de muito importante tivesse acontecido. Perdidos, uns seguiram suas carreiras nas Forças Armadas, isolados, discriminados; outros recorriam aos familiares, procuravam retomar suas vidas de simplicidade.

Havia aqueles que, podendo contar apenas com o antigo trabalho, recorriam aos mesmos, resgatando-os como uma forma de sobrevivência, quando se deparavam com a humilhante situação de não mais poder voltar a exercer suas atividades, como mostra a análise acima. Parte desse efetivo, desiludido pelas falsas promessas proferidas por ocasião da partida dentro do navio, pelo Presidente Getúlio Vargas, e pela forma discriminatória como foram tratados, entregavam-se a vícios. Desistiam, conseqüentemente, de uma batalha que não tinha armas em seus combates, mas sim o descaso como principal opressor.

Não houve preocupações nem planejamentos antes da partida do efetivo Expedicionário, situação que pode até ser em parte compreendida pela própria falta de experiência em atividades de guerra. Porém, é inexplicável a inexistência de uma mobilização

por parte das autoridades político-militares e por parte da sociedade. Esses aspectos são perceptíveis na análise do historiador Francisco César Alves Ferraz¹⁴⁶:

Enquanto nas demais nações aliadas as tarefas de reconversão material e humana para os tempos de paz já eram estudadas desde o início da guerra, no Brasil praticamente nada havia sido feito de concreto, pelo menos até o início de 1945. Não encontrei, na documentação oficial consultada, qualquer referência ao planejamento da reintegração social e material dos ex-combatentes brasileiros.

São comuns, até a atualidade, críticas vindas dos ex-combatentes a respeito da forma como foram tratados pelas autoridades competentes. Acusam o Estado e as Forças Armadas de que, quando precisaram de voluntários para a guerra, estavam prontos para receber e no retorno não houve nenhuma preocupação em criar mecanismos para que ocorresse uma reinserção social, tal como comenta o ex-combatente J. Waldir Merçon¹⁴⁷: “tinha precisado de nós, nos fez soldados capazes de ganhar a guerra, nos transformou psicologicamente e nos lançou na vida civil sem que estivéssemos preparados para ela”.

Até mesmo foi deixado de lado qualquer tipo de exame mais detalhado com os ex-combatentes, no momento do retorno, situação contrária aos procedimentos tomados por ocasião da mobilização do efetivo, como explica em sua pesquisa Francisco César Alves Ferraz¹⁴⁸:

Outros expedicionários sublinharam que, para enviá-los, foram submetidos a exames rigorosos, de um nível nunca visto anteriormente no país, e que o fato de retorná-los ao país, sem sequer investigar se traziam consigo doenças ou traumatismos adquiridos quando estavam sob custódia do Exército, na campanha da Itália, pode revelar muito bem a falta de apreço do Exército para com aqueles que lhes pagaram um caro tributo de sangue pela pátria.

Essas citações acima servem para ilustrar a forma como foram recepcionados os ex-integrantes do efetivo febianos. Tais atitudes de descaso sacrificaram o cotidiano de grande parcela de ex-combatentes. Muito desses encerraram a vida de maneira prematura e, a maioria, passou a viver a sombra da sociedade, isolados, e em estado de abandono, como constatado em informações colhidas nas entrevistas orais.

¹⁴⁶ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 183.

¹⁴⁷ MERÇON, J. Waldir. **A minha guerra**. Brasília: Thesaurus, 1985. p. 141.

¹⁴⁸ Idem, p. 184.

3.1 As Legislações

As poucas leis existentes de amparo aos militares, não especificamente a quem tivesse participado para uma guerra, estabeleciam direitos, como, por exemplo, de retornar ao serviço a que estava empregado antes de enfileirar as colunas das Forças Armadas. Isso já era previsto antes da participação do Brasil, no contexto da Segunda Guerra Mundial, conforme análise supracitada.

Esse amparo previsto em lei, editado em Constituição no Decreto lei nº 4902-31/10/1942, juntamente com o Decreto lei nº 5689-22/07/1943¹⁴⁹, dispõe sobre a garantia de lugar e sobre a remuneração dos brasileiros convocados para qualquer encargo de natureza militar. No entanto, acabou sendo burlado ou ainda ignorado.

Os voluntários e os engajados, após sua participação no contexto da guerra, foram desincorporado do efetivo de expedicionários e do efetivo das Forças Armadas, sendo direcionados a retornarem as suas vidas. Ao chegar ao lugar onde havia deixado sua vaga, a mesma estava preenchida por outra pessoa, como já nos referimos anteriormente. Fatos como esse deixam transparente que as promessas, mesmo aquelas asseguradas em legislações, não foram cumpridas, colaborando para a geração de conflitos sociais, como mostram as análises de Sirlei de Fátima Nass¹⁵⁰ e Francisco Ferraz¹⁵¹.

Os primeiros amparos para a Força Expedicionária Brasileira pós-guerra surgiram tardiamente. A primeira legislação apareceu no ano de 1946, e com alguns poucos benefícios. Atendia em um primeiro momento aqueles ex-combatentes, que voltaram com mazelas visíveis, como perda de audição, perda de visão ou, ainda, algum ferimento causado por algum artifício bélico no campo de batalha. Não assistia aqueles que tinham ficado com problemas de saúde invisíveis, como no caso distúrbios emocionais e problemas psicológicos de toda ordem.

Em junho de 1948, houve complementações, assim como em anos subsequentes, de modo que a legislação sofreu interferências, conforme destaca o Marechal Floriano de Lima Brayner¹⁵²:

[...] a definição exata da recompensa e do amparo dos que haviam participado da FEB só apareceu em junho de 1948, com a lei nº 288, votada pelo Congresso Nacional, e que foi, logo a seguir, generalizada, com escândalo, com os nomes de

¹⁴⁹ MELLO, J. L. R. (Org.). **A legislação do ex-combatente**. Compilada e organizada pelo Conselho Nacional das Associações de Ex-Combatentes do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Expedicionário, 1983. p. 149-153.

¹⁵⁰ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião paranaense do expedicionário...** op. cit. p. 78-83.

¹⁵¹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 179-186.

¹⁵² BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB...** op. cit. 1968. p.521.

Lei da Praia, Lei Comunista, Lei Integralista, Remanescentes de Canudos e do Contestado, etc. etc., para favorecer os que não haviam ido à guerra.

Na realidade, essa era a segunda legislação criada após o retorno dos ex-combatentes. A primeira surgia no início de 1946, como abordou-se acima. A grande problemática gerada, no momento de votação sobre qualquer lei que trazia benefícios aos ex-componentes da Força Expedicionária, é que todos os militares da ativa queriam que fossem estendidos os mesmos direitos a eles também.

A lei 288 foi a qual acabou contemplando um grande efetivo que nada tinha a ver com guerra. Bastava que o militar tivesse prestado serviço militar no período da guerra em uma das localidades atendidas. A abrangência territorial era extensa, prolongava-se pelo litoral, rios navegáveis e os estados do sul ficavam de uma forma geral inclusos.

No caso a Marinha Mercante encontrava-se amparada desde 1952, com a Lei nº 1.756, que estendia as vantagens da Lei nº 288, de 1948, àquele que, a partir de 22 de março de 1941, tivesse realizado ao menos duas viagens nas zonas de ataques de submarinos, como explicado pelo pesquisador Francisco César Alves Ferraz¹⁵³:

Na Marinha Mercante, podia ser o tripulante de navio de transporte de tropa ou abastecimento (o que incluía, então, praticamente toda viagem da frota mercante brasileira entre 1942 e 1945 na zona delimitada de guerra, que se constituía em todo o litoral brasileiro e mais os caminhos fluviais), quanto o “prático”, profissional que recebe o comando dos navios na entrada dos portos e os atraca ao cais.

Além do surgimento tardio de leis que traziam amparos específicos para os ex-combatentes, surge, concomitantemente, a idéia do favorecimento na tentativa de efetivar um desvio da objetividade e a finalidade que se propunha. As votações dessas legislações eram verdadeiras batalhas, interesses de toda natureza circundavam a volta. Essas leis acabavam não chegando ao conhecimento de todos, conforme abordagem anterior e relato da senhora Virginia Leite¹⁵⁴:

Olha, as leis foram importantes, só que tinham que ser feitas antes da guerra, aqueles que moravam no interior, distante de tudo, foram ficar sabendo só muitos anos depois, já tinham passado por tantos sacrifícios. Alguns nem tiveram tempo de saber que existiam direitos, morreram sem nenhum apoio.

Somado à demora para a elaboração e votação desses amparos vinha a falta de interesse para a divulgação. Na maioria das vezes os beneficiados eram os militares da ativa.

¹⁵³ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. 2003. p. 223-224.

¹⁵⁴ Virginia Leite. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

Dessa forma, distanciavam-se, ainda mais, a mobilização para realizar uma divulgação rápida e eficaz, procurando atender aqueles que realmente necessitavam desses amparos, os ex-combatentes.

Leis surgiram subsequentemente, como o Decreto-Lei nº 8.795, de 23 de janeiro de 1946; Lei nº 288, de 08 de junho de 1948; Lei nº 616 (Lei da Praia), de 02 de fevereiro de 1949; Lei nº 2.378, de 24 de dezembro de 1954; Lei nº 2.579, de 23 de agosto de 1955; Lei nº 3.596, de 29 de julho de 1959; Lei nº 4.862, de 29 de novembro de 1965; Lei nº 5.315, de 12 de setembro de 1967; e Lei nº 8.059, de 04 de julho de 1990, complementando as já existentes e contemplando militares e civis que haviam realizado algum tipo de participação, direta ou indiretamente, no período da guerra.

Alguns desses amparos contemplavam benefícios fiscais, como por exemplo, a isenção de imposto de renda. Os dependentes dos ex-combatentes, também foram amparados, passando a ter direitos, como assistência a saúde e educação para a família. Mas uma grande parcela dos ex-combatentes vai ter seu amparo na prática somente na década de 1980, ou seja, quase 40 anos depois do retorno dos campos de batalha, como analisa o senhor Eronides João da Cruz¹⁵⁵:

A guerra que nós enfrentamos aqui foi muito pior que a guerra enfrentada nos campos de batalha. Pois aqui quem nos ignorava eram nossos próprios compatriotas. Foi percorrido um longo tempo até que começassem a ser reparadas algumas injustiças feitas até naquele momento. Tremendas decepções.

Esses amparos esperados, por parte dos ex-combatentes, serviriam de apoio para amenizar as mazelas adquiridas na guerra, as quais foram expostos quando decidiram ser voluntários da guerra ou quando foram convocados para a mesma. A guerra deixa marcas visíveis e invisíveis, e estas têm um teor de gravidade mais profundo, pois interferem diretamente no psicológico do ser humano, alterando suas concepções de vida, conforme abordagem realizada anteriormente.

Já na década de 1980, quando foi promulgada a Constituição de 1988, grande parte dos benefícios foi consolidada em um único artigo, conforme segue abaixo¹⁵⁶:

Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: Art. 53. Ao ex-combatente que tenha efetivamente participado de operações bélicas durante a Segunda Guerra Mundial, nos termos da Lei nº 5.315, de 12 de setembro de 1967, serão assegurados os seguintes direitos:

¹⁵⁵ Eronides João da Cruz. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009.

¹⁵⁶ **Constituição Federal de 1988.** Artigo 53, Título IX - Das Disposições Constitucionais Gerais. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. p. 49.

- I - aproveitamento no serviço público, sem a exigência de concurso, com estabilidade;
 - II - pensão especial correspondente à deixada por segundo-tenente das Forças Armadas, que poderá ser requerida a qualquer tempo, sendo inacumulável com quaisquer rendimentos recebidos dos cofres públicos, exceto os benefícios previdenciários, ressalvado o direito de opção;
 - III - em caso de morte, pensão à viúva ou companheira ou dependente, de forma proporcional, de valor igual à do inciso anterior;
 - IV - assistência médica, hospitalar e educacional gratuita, extensiva aos dependentes;
 - V - aposentadoria com proventos integrais aos vinte e cinco anos de serviço efetivo, em qualquer regime jurídico;
 - VI - prioridade na aquisição da casa própria, para os que não a possuam ou para suas viúvas ou companheiras.
- Parágrafo único. A concessão da pensão especial do inciso II substitui, para todos os efeitos legais, qualquer outra pensão já concedida ao ex-combatente.

Nesse período, correspondente aos fins da década de 1980, aqueles que se mantiveram vivos, foram assistidos pelas leis. Foi ordenado que as próprias unidades militares procurassem localizar os ex-combatentes, aqueles que tinham direito adquirido, que haviam participado efetivamente da guerra, para auxiliar no encaminhamento do processo de reforma.

No entanto, leis como assistência a saúde, não foram colocadas em prática, pois os ex-combatentes não tinham o direito de utilizar-se do sistema FUSEX¹⁵⁷, tendo que recorrer ao sistema único de saúde (SUS) ou, ainda, aos planos de saúde particulares.

A evolução acelerada dos meios de comunicação nas décadas de 1970 e 1980 foi a grande responsável pelo fato de informações atingirem aqueles ex-combatentes que se encontravam mais afastados dos centros populacionais. Esses souberam de seus direitos já no transcorrer da década de 1980, como observa o ex-combatente, senhor Lindolfo Guilherme Arendt¹⁵⁸: “Eu fui saber que tinha direito, já era passado do ano de 1980, isso porque encontrei um amigo que tinha ficado sabendo através de notícia em uma estação de rádio, daí foi lá no interior falar pra eu procurar um quartel, daí fiquei sabendo. Assim aconteceu com um monte de gente”.

Valendo-se do depoimento acima é possível se ter uma noção da dificuldade ao acesso a essas informações por parte dos ex-combatentes que estavam dando continuidade em suas vidas de simplicidades em regiões de difícil acesso. Essa situação, somada com a falta de interesse das autoridades em fazer chegar até esses lugares propiciaram, ao que se pode analisar, para que não recebessem os benefícios previstos e amparados em legislação específica.

¹⁵⁷ Fundo de Saúde do Exército.

¹⁵⁸ Lindolfo Guilherme Arendt. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009.

Além das leis federais houve também leis criadas por estados e municípios, em que cada órgão legislador concedia benefícios para os ex-combatentes residentes em suas áreas competentes. Aqui pode ser citado, somente como ilustração, uma lei editada na cidade de Pelotas/RS, que trazia o seguinte teor¹⁵⁹:

O DOUTOR JOAQUIM DUVAL, Prefeito de Pelotas/RS.

Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - É isento do imposto predial o militar ou civil que tenha servido como “praça de pré” nas fileiras da Força Expedicionária Brasileira e que mantenha essa situação ou haja passado para a reserva.

§ único - Esta isenção será concedida, quando o beneficiado provar que possui um único prédio e que esteja sendo utilizado para a sua moradia.

Art. 2º - As provas de haver servido como “praça de pré” nas fileiras da F.E.B., serão feitas mediante certificados, com firma reconhecida, fornecido pelos Serviços Militares competentes.

Art. 3º - No caso de falecimento de beneficiado, os favores concedidos por esta lei serão extensivos aos herdeiros que viviam as suas expensas.

§ único - No caso deste artigo, os herdeiros deverão provar que não possuem meios para atender ao pagamento dos impostos respectivos.

Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Da mesma forma ocorreu em outras regiões, como no estado do Paraná, em que a Lei Estadual n.º 1095, de 7 de janeiro de 1953, aprovada pela Assembléia Legislativa da Câmara Estadual, já concedia vantagens a viúvas e filhos de expedicionários naturais do Estado. Antecipando-se à Lei Federal n.º 3633, a qual concedia as mesmas vantagens, aprovada somente em 17 de setembro de 1959, conforme abordagem de Sirlei de Fátima Nass¹⁶⁰ em sua pesquisa.

Os pesquisadores Francisco Ferraz¹⁶¹ e Sirlei Nass¹⁶² abordam a questão das legislações como uma solução para criar benefícios aos ex-combatentes e ao mesmo tempo como uma problemática, pois, ao criarem regras para amparar os ex-combatentes e seus familiares, logo em seguida os mesmos benefícios eram requeridos pelos militares da ativa. Essas solicitações acabavam gerando muitas discussões e polêmica, o que acaba retardando ainda mais o lento processo legislativo.

De forma contrária ocorria quando era imputado algum tipo de prejuízo, como já citado anteriormente. Esses aspectos negativos passariam a valer somente para quem

¹⁵⁹ Lei Municipal editada na cidade de Pelotas/RS, em 2 de setembro de 1948.

¹⁶⁰ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. 2005. p. 79.

¹⁶¹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. 2003.

¹⁶² NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit. 2005.

compusesse o efetivo da Força Expedicionária, ou seja, quando se tratava de algo bom era pra todos, como a lei Nº 4.297 acabavam por premiar indivíduos que não foram para a Guerra.

Diante do exposto, torna-se claro que o principal causador das consequências indesejadas e infelizes aos ex-expedicionários foi a falta de uma legislação específica, que trouxesse amparo para os ex-combatentes sem abrir precedentes para interferências externas. Com leis centradas e direcionadas, os ex-febianos estariam amparados e da mesma forma seus familiares, minimizando significativamente o quadro social desse grupo.

3.2 As Entidades

Uma das formas encontradas pelo Estado e por ex-integrantes da FEB com melhores condições financeiras e, até mesmo por pessoas que comovidas pela dura realidade que enfrentavam os ex-combatentes febianos, foi a criação de instituições que visavam realizar um amparo social, desempenhando um papel de assistência, amenizando a exclusão social na qual estavam inseridos os ex-expedicionários.

Parte desse grupo, aqueles que haviam sido dispensados logo após o retorno do Teatro de Operações da Itália, passou a enfrentar uma difícil realidade, situação essa inesperada, pois haviam lutado bravamente, superado dificuldades e se transformaram em heróis. Todo esse cenário que se desenvolveu no período posterior à Segunda Guerra Mundial fez com que aqueles que não dispunham de uma situação financeira confortável, passassem a viver em situação precária e, para piorar, ignorados e abandonados pelos seus.

Essas condições levaram alguns ex-combatentes a levar uma vida marginalizada, aqueles que foram heróis combatendo em campo de batalha, acabaram indo a óbito no anonimato como explicado em passagem abaixo¹⁶³:

.Impossível seria citar tantas ocorrências... mas ao acaso uma notícia publicada em jornal. Na cidade de Olímpia, no Estado de São Paulo, alguém encontrou num terreno baldio... o corpo de um indigente. Dentro de um saco plástico, o corpo baixou à sepultura nº 4382, da quadra 19, destinada, exclusivamente, a indigentes. Na guia de sepultamento não constou nome, nem outros dados que o identificassem, constando apenas a palavra brasileiro. Ser brasileiro era tudo que se sabia do infeliz cadáver. Meses depois a polícia encontrou os pertences do morto e os relacionou: “um saco de farrapos, dentro do qual, envolvidos em jornais

¹⁶³ Revista da Legião Paranaense do Expedicionário. NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...**op. cit. 2005, p. 83. FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. 2003, p. 218

velhos e amarrados com barbante, estavam as coisas que o identificavam: uma foto da pessoa em tela; uma foto da embarcação SS. Mariposa; uma medalha de combatente da FEB; uma plaqueta de identificação de combatente da II Guerra Mundial; um emblema de condecoração; dois emblemas da FEB; dois certificados de nº 08612 e 2916161...”

E o nome? Não! Respeitemos, pelo menos, o nome. Porque para morrer assim, tão desgraçadamente, é preferível permanecer no anonimato.

A passagem transcrita ilustra, de forma perceptível as condições que parcela desse grupo se encontrava. Não podiam contar com o Estado para procurar um amparo. A sociedade que os havia solicitado a ir para a guerra lhes ignorava. Restava, como última solução, viver do resto dos outros, como fica perceptível nas informações coletadas por aqueles que sentiram na prática esses efeitos, através das entrevistas orais.

As instituições que vieram a ser criadas tinham um papel importantíssimo perante essa parcela do grupo, pois apresentavam a responsabilidade de auxiliar no resgate da auto-estima, recuperá-los, auxiliando-os para que houvesse uma reabilitação social e profissional.

3.3 A Legião Brasileira de Assistência

Alguns anos mais tarde, a partir de 1945, no período pós- Segunda Guerra Mundial, alguns países passaram a desenvolver políticas públicas para prestar atendimento aos necessitados, criando o chamado “estado de bem-estar social”.

O Brasil, nessa época, instituiu uma legislação própria, como a Lei de Declaração de Utilidade Pública (1935), que regulava a colaboração do Governo junto às instituições filantrópicas. Neste período, pela própria característica do governo Vargas, houve uma atenção maior à parcela da sociedade civil, composta por trabalhadores sem carteira assinada, informais e desempregados, dando continuidade à política de caridade cristã, tentando proteger parte da população.

Outra criação deste período foi a fundação, em 1942, da Legião Brasileira de Assistência (LBA), primeiro órgão de assistência ao combatente brasileiro, presidida sempre por primeiras-damas. Antes da participação do Brasil, no cenário da Segunda Guerra Mundial, essa instituição tinha por finalidade assistir as famílias necessitadas, a parcela mais carente da sociedade.

A atitude do Estado era, portanto, de cooperação, pois criava uma série de incentivos para que a sociedade civil e as instituições privadas assumissem parte do atendimento às

necessidades emergenciais da população. Durante toda esta fase, a caridade foi o principal regulador das ações voluntárias e filantrópicas, como analisado por I. Rizzini¹⁶⁴:

No ano seguinte (1942), cria-se a *Legião Brasileira de Assistência - a LBA*, voltada para a Assistência Social às famílias dos brasileiros convocados na guerra, mas estendendo seu amparo aos mais diversos objetivos, como a melhoria do nível de vida dos trabalhadores, a educação popular, a saúde do "*povo brasileiro*" e o "*reajustamento das pessoas, moral ou economicamente desajustadas*".

A LBA foi uma instituição civil fundada na capital do país pela primeira-dama Darcy Vargas, e que visava assistir, inicialmente, as famílias carentes. Como se mencionou acima, teve sua criação antes mesmo de ser decretado que o Brasil participaria da guerra de forma ativa com tropas militares. No período de guerra e pós-guerra, ficou direcionada para a assistência das famílias dos soldados enviados ao Teatro de Operações na Itália, passou a prestar amparo a famílias dos ex-combatentes e outras necessidades de pessoas carentes em geral.

Esse órgão tinha como finalidade realizar arrecadações junto à iniciativa privada, contemplando todo o território nacional. A Legião pode contar com o apoio da iniciativa privada através das Associações Comerciais e da Confederação Nacional da Indústria.

Seu caráter estritamente social esteve ligado à iniciativa voluntária, às campanhas de arrecadação de fundos e donativos em favor do “esforço de guerra” brasileiro e aliado¹⁶⁵. Por conseguir abranger, de uma forma geral, todo território nacional, com sub-sedes por todo país, foi considerada como a primeira instituição de assistência social de âmbito nacional, como explicado por Sirlei,¹⁶⁶ em sua dissertação.

Com as sub-sedes¹⁶⁷ por todo o país¹⁶⁸ envolveu diretamente os governos estaduais, interventores federais e prefeitos, por meio de suas respectivas primeiras-damas¹⁶⁹. No mesmo ano em que foi fundada a LBA nacional, instalou-se uma sub-sede na capital paranaense,

¹⁶⁴ RIZZINI, I. Levantamento bibliográfico da produção científica sobre a infância pobre no Brasil. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1988. p. 138. (Série de Estudos, n. 3).

¹⁶⁵ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário** op. cit, 2005. p. 88-90.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Fundação Legião Brasileira de Assistência. **As origens da LBA**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1977. Faz parte do Acervo da Biblioteca Pública do Paraná – seção Paranaense.

¹⁶⁸ Em pouco tempo a LBA passou a existir em todo território nacional, tendo representantes em 1562 municípios dos 1740 existentes em todo país. Segundo os registros e informações, contidos nos arquivos da instituição, o Corpo de Voluntárias atingiu cerca de 1 milhão de inscritas, numa população de 20 milhões de mulheres no Brasil no período.

¹⁶⁹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. p. 197-200.

Curitiba. A Associação Comercial fez parte da mesma desde a sua fundação, contribuindo, sobremaneira, na assistência de convocados.¹⁷⁰

Além das entidades nacionais que participavam arrecadando contribuições junto aos industriais, comerciantes e sociedade civil em geral, havia o apoio das mulheres curitibanas¹⁷¹. As voluntárias desenvolviam atividades de divulgação como palestras, dando informações sobre os ex-combatentes. Realizavam, também, a distribuição de alimentos e brinquedos para as famílias dos ex-combatentes, na perspectiva de minimizar a situação difícil das famílias dos soldados.¹⁷²

As voluntárias curitibanas assumiram com responsabilidade os trabalhos desenvolvidos, como abordado por Sirlei de Fátima Nass¹⁷³: a campanha de auxílio ao esforço de guerra através da venda do bônus de guerra¹⁷⁴, as campanhas de coleta de materiais estratégicos para as Campanhas da Borracha e outras que formaram o conjunto de atividades desenvolvidas pela LBA.

Essas atividades tinham como finalidade angariar fundos para prestar assistência aos ex-expedicionários mais necessitados. A Legião Brasileira de Assistência também prestava assistência a hospitais, onde se encontravam enfermos alguns febianos, bem como no momento do retorno esteve envolvida na organização dos festejos da chegada dos ex-combatentes, vindos da Itália.

Da forma como estava organizada a LBA, inserida nas pequenas e grandes cidades, havia como prestar uma assistência próxima das famílias e dos ex-combatentes. Porém, com o final da guerra, passa a seguir a política assistencialista do governo de Getúlio Vargas,

¹⁷⁰ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit, 2005. p. 90-91.

¹⁷¹ Fundação Legião Brasileira de Assistência. **As origens da LBA**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1977. Faz parte do Acervo da Biblioteca Pública do Paraná – seção Paranaense; BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. O Cotidiano de Curitiba durante a segunda guerra mundial. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba. v. 22, n. 107, out. 1995. p. 20-30.

¹⁷² Idem, (p. 89-92)

¹⁷³ Idem, Ibidem

¹⁷⁴ BOSCHILIA, R. **O cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial**. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 107, out. 1995. Em função das despesas com a Segurança Nacional a Presidência da República decretou a emissão de títulos da Dívida Pública, denominados Obrigações de Guerra. Eram títulos ao portador, com valores nominais que variavam entre 100 e 5.000 cruzeiros, cujo resgate seria fixado no final da guerra, já com os acordos de paz. Segundo o governo Vargas, a contribuição de guerra era um dever que se impunha a todos os brasileiros e estrangeiros amigos do Brasil, não sendo visto como um sacrifício, pois resultava em economia para o subscritor, rendendo juros de 6% ao ano, sendo pago semestralmente. A subscrição compulsória atingia a todos os cidadãos, de acordo com as faixas salariais, ficando isento apenas aqueles que recebiam menos de 250 cruzeiros mensais. No Paraná foi lançada em junho de 1942, subsidiada pela Interventoria Federal e a Associação Comercial. A campanha contou com o amplo apoio de estudantes universitários que saíram às ruas em passeata recomendando a aquisição dos bônus de guerra e das voluntárias da LBA.

atendendo as famílias mais carentes e necessitadas, relegando a um segundo plano os ex-combatentes.

A Legião Brasileira de Assistência acabou não contribuindo para a reinserção social dos ex-combatentes da forma como era desejado, tendo estes que buscar, através de iniciativa própria, outra alternativa de auxílio, que foram as associações de ex-combatentes. Desde sua criação houve muitas mudanças na sua estrutura. E isso ajudava a limitar o trabalho desenvolvido.

3.4 A Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas

Em 1942, ano que o Brasil tomou a decisão de apoiar os países aliados na luta contra os regimes totalitários, não havia, dentro das Forças Armadas, nenhuma experiência em combate de campanha. Não estavam preparados para participar de um conflito armado das proporções de uma Segunda Guerra Mundial, como se mencionou em outros momentos do texto. Além do despreparo, as Forças Armadas estavam sucateadas, não possuíam experiência em guerra e nem material. Dessa forma, o Brasil foi um dos países que participou do contexto da guerra sem o devido preparo antes da mesma e, nem depois, para receber aqueles que retornariam dos campos de batalha.

Até janeiro de 1945 não havia nenhum estudo a respeito da forma como seria organizada e aplicada uma política de desmobilização, o modo como seriam readaptados os ex-combatentes e reinseridos dentro da sociedade. No mês de janeiro de 1945, por meio do Decreto lei Nº 7.270, 25 de janeiro de 1945¹⁷⁵, o governo de Getúlio Vargas regulou os casos de invalidez e de incapacidade física para o serviço militar dos oficiais da reserva de 2ª classe, praças, taifeiros da Aeronáutica, grumetes e soldados, quando convocados, em estágio ou incorporados às Forças Armadas ativas. Criou, assim, a Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas (CRIFA).

Esta instituição tinha como objetivo, além de resolver os problemas dos militares incapacitados, leia-se, oficiais e praças, também devolvê-los à sociedade, capacitados e em condições de prover seus meios de subsistência, por meio de uma readaptação técnico-profissional. Esse foi um importante órgão, subordinado ao Presidente da República, o qual

¹⁷⁵ MELLO, J. L. R. (Org.). *A legislação do ex-combatente...* op. cit, 1983. p.150

tinha como meta principal auxiliar na reintegração social dos ex-febianos. Ele contava com representantes de diversos Ministérios, como explica Sirlei de Fátima Nass¹⁷⁶:

A comissão era composta por representantes dos Ministérios da Aeronáutica, Educação e Saúde, da Guerra, da Marinha, do Trabalho, da Indústria e Comércio e do Departamento do Serviço Público. A CRIFA podia utilizar os serviços públicos médico hospitalar, de readaptação e também de serviços particulares de natureza técnica ou médico hospitalar indispensável ao seu funcionamento, mediante indenização pelo Estado.

Mesmo contando com a possibilidade de usufruir dos diversos serviços públicos, médico e readaptação, sendo totalmente indenizável pelo Estado, e contando com recursos financeiros ilimitados, a CRIFA acabou não alcançando os objetivos para os quais havia sido criada. Para M. T. Castello Branco¹⁷⁷, o motivo de tal insucesso estaria na falta de interesse por parte dos ex-combatentes internados, que estavam em tratamento e na falta de ânimo para retornar às atividades normais¹⁷⁸. Questões como essas fizeram com que, apenas uma minoria, se readaptasse a vida civil.

Na opinião do historiador Francisco César Alves Ferraz, “a CRIFA poderia ter se tornado um *lugar de memória* da FEB, sua estrutura, seus arquivos e documentos são o primeiro depositário da história e da memória do pessoal que compôs a FEB.”¹⁷⁹

Segundo a pesquisadora Sirlei de Fátima Nass, “o Serviço Especial da FEB¹⁸⁰, cujas funções eram orientar consultas para obter informações sobre os expedicionários, expedir atestados e certidões; emitir pareceres sobre os direitos e benefícios requeridos, procurou dar assistência aos ex-combatentes na sua reinserção social, independente destes serem incapacitados ou sem seqüelas comprometedoras para o desempenho profissional.”¹⁸¹

Devido à impossibilidade de desempenhar suas atividades de acordo como estava previsto, seu papel de reinserir os ex-combatentes da FEB passou a sofrer árduas críticas. Sendo assim, a CRIFA foi extinta, através do artigo 81, itens III e V, da Constituição Federal,

¹⁷⁶ NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit, 2005. p. 92.

¹⁷⁷ Foi Oficial de Comunicações do 1º Regimento de Infantaria da FEB tenente-coronel Manoel Thomaz Castello BRANCO.

¹⁷⁸ BRANCO, M. T. C. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960. (p. 540)

¹⁷⁹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit, 2002. p. 193-194.

¹⁸⁰ FERRAZ, Francisco César Alves, p. 196-197, MELLO, J. L. R. (Org.). **A legislação do ex-combatente**. Compilada e organizada pelo Conselho Nacional das Associações de Ex-Combatentes do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Expedicionário, 1983. p. 169/174 e 181/184; BRANCO, M. T. C. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. p. 541.

¹⁸¹ Idem. p. 93.

e artigos 145 e 146 do Decreto - lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967, alterado pelo de nº 900, de 29 de setembro de 1969, na data de 22 de outubro de 1975.¹⁸²

A entidade acima analisada foi criada com o objetivo de assistir os ex-combatentes e suas famílias, fato que ajudou a amenizar as dificuldades sociais que estavam sendo enfrentadas, como analisa o ex-combatente Ítalo Conti:¹⁸³

A Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas e a Legião Brasileira de Assistência, foram instituições criadas com seu objetivo de recapacitar, de recuperar os militares que tivessem ficado com algum tipo de seqüela. Elas desempenharam um papel importante, tanto para as famílias, quanto para os ex-combatentes. Aqui em Curitiba houve uma grande mobilização por parte da sociedade. Mas aqueles que estavam afastados das cidades, já tocando suas vidas, acabaram não recebendo esse tipo de amparo.

A CRIFA tinha como meta um assistencialismo objetivo, mas a forma desorganizada como foi administrada acabou desenvolvendo um modo de dependência, deixando de haver a recuperação. Era visto, por aqueles que necessitavam de ajuda, como sua própria residência. De um modo geral, os pesquisadores Francisco César Alves Ferraz¹⁸⁴ e Sirlei de Fátima Nass,¹⁸⁵ compartilham desse mesmo ponto de vista, pois em suas análises abordam o aspecto do descaso de tal instituição, que poderia ter desenvolvido um trabalho mais representativo junto aos ex-combatentes. O funcionamento da CRIFA constitui uma das páginas mais obscuras da história dos expedicionários no pós-guerra¹⁸⁶.

¹⁸²MELLO, J. L. R. (Org.). **A legislação do ex-combatente...** op. cit, 1983. p. 46.

¹⁸³Ítalo Conti. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009.

¹⁸⁴FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou...** op. cit. 2002. p. 186-188.

¹⁸⁵NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário...** op. cit, 2005. p. 92-94.

¹⁸⁶Idem. p. 187.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os conflitos armados representam, para a sociedade, um cenário catastrófico. Perdas que não ficam limitadas somente às tropas militares e também não se resumem somente aos prejuízos materiais bélicos. Os prejuízos são incalculáveis. Os meios econômicos são direcionados exclusivamente para a confecção do material empregado nas guerras. Os territórios, nos quais passam a se desenvolver as batalhas propriamente ditas, em que fica delineado o Teatro de Operações, sofrem com a destruição. Nos centros urbanos as cidades são destruídas; nas áreas rurais ficam afetados os meios de produção agrícola.

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida devido à tentativa de imposição de ideologias totalitárias, trouxe para as sociedades do mundo grande sofrimento, pela maciça perda de combatentes e da mesma forma civis, pela perseguição racial e, principalmente, pela miséria que se abateu devido à escassez dos meios de produção.

Porém, além do cenário caótico que se apresentou no momento da guerra, seus problemas não findaram ao serem depostas as armas. As consequências do pós-guerra apresentam uma face ainda mais dolorosa. Os meios de produção já não conseguem alimentar toda população, doenças se proliferam devido à falta de meios básicos de higiene, parte daqueles que estavam em campo de batalha, se não morreram tornaram-se inválidos, incapacitados, apresentando-se como mais um problema social.

Nas posições geográficas, onde aconteceram às batalhas, a destruição ocorrida trouxe de forma mais agravada suas mazelas e dificuldades, existindo, além das perdas materiais, prejuízos culturais, os quais comprometeram a própria identidade dessas sociedades. Mas as consequências e dificuldades acabam não ficando limitadas somente aos locais onde se desenvolveram as batalhas. Pode-se afirmar que não existem barreiras de contenção e esse quadro se alastrou por todos os continentes.

Todos os países que tiveram seus filhos enviados aos campos de batalha da Europa, antecipadamente, apresentavam planejamentos para uma readaptação social, por ocasião do retorno da guerra. Procedimento contrário ocorreu com o único país sul-americano participante no cenário da Segunda Guerra Mundial. A falta de providências tomadas, possivelmente, decorreu devido à inexperiência do país em conflitos armados e, até mesmo, em virtude da pouca importância atribuída por parte das autoridades civis e militares.

Os expedicionários foram selecionados de maneira desorganizada e passaram a compor um efetivo de origens civis, vindos de locais de difícil acesso das diversas regiões do país. Alguns desses componentes não sabiam nem ler e escrever; outros apresentavam

problemas de saúde básicos, o que impedia, de certa forma a participação nos campos de batalha. Esse conjunto de falhas somaria, de forma relevante, para o aumento das dificuldades na adaptação aos campos de batalha na Itália.

Esses expedicionários deixaram para trás família, amigos, sua terra natal, para oferecer suas vidas por ideologias das quais, na sua maciça maioria, nem sabiam o que pregavam. Os inexperientes componentes da FEB enfrentaram ao grande número de obstáculos e dificuldades que se apresentavam. Adaptaram-se, rapidamente, às adversidades climáticas que lhes foram impostas em território europeu, aos novos uniformes e equipamentos. Aprenderam a empregar novas doutrinas de combate, inovadoras e adequadas para aquele momento e utilizar novos armamentos. Demonstraram interesse e capacidade de superação, o que configurou o valor do soldado brasileiro, além de conseguir causar admiração perante às tropas estrangeiras que compunham o conjunto dos países aliados.

Os expedicionários mostraram-se capazes de conseguir improvisar e minimizar as dificuldades apresentadas em uma situação em que poderiam ser visualizadas somente dificuldades e desafios à frente. Improvisações essas que, em determinados momentos, eram copiadas até mesmo pelas forças militares que detinham as tecnologias de guerra mais avançadas do momento. Afirmativa essa que foi constatada nas entrevistas apresentadas nessa pesquisa, pois conseguiram grandes feitos em batalhas como as de Monte Castello, Castelnuovo, Montese e Fornovo. Elevaram o prestígio e nome do povo e da nação, atuaram como verdadeiros heróis.

Assim que se declarou encerrado o episódio da Segunda Guerra Mundial, com a derrota dos países do eixo, pulsava no peito desses expedicionários brasileiros a vontade de retornar para seu país. Em suas esperanças vislumbravam receber reconhecimento e gratidão, uma acolhida calorosa por parte de seu povo e um amparo pelas autoridades responsáveis pela sua mobilização, por meio do efetivo de que foi composta a FEB.

As autoridades brasileiras, receosas de que seus expedicionários retornassem influenciados pelas ideologias totalitárias, das quais partilhavam o Japão, Itália e Alemanha, países componentes do eixo, contrariam as orientações norte-americanas de manter o efetivo e utilizar o mesmo para adestrar as tropas brasileiras. Nessa perspectiva, tomaram a decisão de dissolver a FEB, no mês de maio de 1945, ainda em território italiano. Um duro golpe que, silente, já definia os destinos daqueles que ofereceram suas próprias vidas no cenário da Segunda Guerra Mundial.

Os expedicionários chegam ao Brasil no mês de julho do mesmo ano (1945), transportados por navio norte-americano. Foram recepcionados calorosamente na cidade do

Rio de Janeiro. Ocorreu manifestação pública, organizada por entidades civis e por pessoas voluntárias, existindo, ainda, forte participação por parte de entidades organizadas pelas autoridades políticas e militares. Tudo foi como um dia de magia, envolvido por aplausos, flores, honras de todos os tipos. Organizou-se um desfile, em que o orgulho fazia o ex-combatente se deslocar com garbo e soberania, portando-se como verdadeiros heróis que, por justiça, reconhecemos que de fato foram.

Ao retornarem para os quartéis, ao findar das festividades, receberam como consolo o acerto de seus soldos e a demissão. Aqueles que eram apenas convocados, receberam a ordem de “fora de forma, marche” e foram ordenados a regressar aos lugares de onde haviam saído. A outra parcela de ex-combatentes, aqueles que seguiam a carreira militar, acabaram sendo transferidos para as mais diversas unidades militares. Todos esses aspectos convergiram para uma estratégica e rápida desmobilização, com o propósito de dificultar a aglomeração de militares que haviam integrado o efetivo da Força Expedicionária.

Esse procedimento acelerado desencadeou uma página triste na vida dos componentes do efetivo da FEB. Foi um momento inesperado por parte de todos aqueles que tinham arriscado suas vidas em guerra. O Estado Novo, regime político existente nesse período, cerceava os direitos de uma forma geral, efetivando alguns direitos como uma maneira de consentimento.

Uma batalha, pior que aquela enfrentada pelos ex-combatentes na participação da Segunda Guerra Mundial estava se desencadeando, pois se instaurava uma luta diária, numa tentativa de conseguir se restabelecer dentro da sociedade. Esta, por sua vez, também não havia sido preparada para esse procedimento.

Devido a forma como foi organizada a FEB, desestruturada e sem ser dada a importância que merecia, junto da forma ágil como foi desmobilizada, a qual deixou a sociedade alheia a esse processo, no momento do retorno eram grandes as possibilidades da nação receber seus filhos com uma visão distorcida. Uma discriminação social se estabeleceu, o que dificultou e agravou a situação dos ex-combatentes.

As próprias autoridades norte-americanas procuraram orientar como poderia ser realizado o aproveitamento desses ex-combatentes. Como poderiam ser utilizados pra adestrar as tropas brasileiras que haviam permanecido em solo pátrio. Porém, essas orientações foram desprezadas e ignoradas, não avaliando o ganho em qualidade profissional que poderia representar e o impacto social que representaria, tanto para os militares quanto para a própria sociedade.

Logo após os acertos financeiros, uma parte dos ex-combatentes dispensados iniciou o seu retorno para seus lugares de origem, na tentativa de buscar um convívio normal, dentro das possibilidades de quem havia participado de uma guerra. Outra parcela de ex-febianos, permanecem ou na cidade do Rio de Janeiro, ou em outros grandes centros, gastando os seus poucos recursos financeiros.

Não demorou muito e, grande número desses que permaneceram gastando, sem trabalhar, começam passar por problemas de ordem financeira. Passam a viver de favores, sobrevivendo como pedintes. Mesmo diante a essas dificuldades, não aceitavam retornar para suas vidas interioranas ornadas de simplicidade, pois já haviam experimentado as facilidades oferecidas pelos grandes centros.

Esses, somados a um grande número de outros febianos, que retornaram com ferimentos, deficiência auditiva ou visual, passam a compor um conjunto de pessoas que acabariam enfrentando as consequências de procedimentos tomados de forma irresponsável e desorganizada, o que culminou em uma grande soma de problemas sociais. Aqueles que haviam retomado suas vidas anteriores, seja em seus antigos empregos, seja em suas vidas campestres, não deixaram de passar por algum tipo de problema social.

Os combatentes brasileiros, assim como os demais que participaram de um teatro de operações de guerra, acabaram voltando, em sua grande maioria, com seu sistema psicológico afetado. Voltaram mudados, sentindo dificuldades em retornar as suas relações familiares e sociais. Dessa forma, as consequências não ficaram isoladas somente aos ex-combatentes, pois as pessoas próximas e os familiares passaram a dividir e a vivenciar essas problemáticas.

Mesmo despreparados, familiares e ex-componentes da FEB, tiveram que encontrar formas para uma adaptabilidade delicada e dificultosa. Determinado número de ex-combatentes, não aceitando a situação de descaso como foram tratados pelos órgãos responsáveis pela mobilização e desmobilização do efetivo febiano, revoltavam-se. Isso acabava refletindo nos relacionamentos sociais, familiares e demais pessoas que com eles mantinham contatos próximos.

As próprias escleroses e resquícios dos campos de batalha, que não foram acompanhadas por especialistas, devido a pouca atenção demonstrada por parte das autoridades político-militares como trataram seus soldados, ocasionaram prejuízos irreversíveis. Aqueles que haviam saído da vida interiorana, já não aceitavam mais o retorno a sua condição social anterior. Essa insatisfação, associada a uma reinserção que inexistiu, culminou em situações degradantes, levando heróis de guerra a sobreviver e até mesmo morrer em situações de plena miséria.

Somente no ano de 1946, inicia-se o lento processo para amparar os ex-combatentes, com uma legislação específica que, inicialmente, atendia principalmente aqueles ex-combatentes que apresentavam algum tipo de ferimento ou, ainda, apresentasse perda de audição ou visão. Com o passar dos anos, novas leis surgiram, procurando trazer um amparo mais abrangente. Em algumas dessas leis, ficavam amparados, também, os familiares, possibilitando um apoio que abrangia educação, saúde e moradia.

Porém, o que tornava difícil a criação de leis e gerava polêmica é que sempre havia o interesse de se estender esses benefícios aos militares da ativa, que não tinham nada a ver com o episódio da guerra. Essas disputas por benefícios acabavam por paralisar o sistema, deixar a situação dos ex-combatentes cada vez mais caótica e causar danos que apresentariam grandes obstáculos para serem contornados por aqueles que, ainda, tivessem essa possibilidade. Por outro lado, um grande número de militares das Forças Armadas que estavam na ativa, acumulavam em suas folhas de pagamento valores conquistados através dos benefícios concedidos a quem tivesse participado efetivamente da guerra.

As décadas que seguiram, após as primeiras leis criadas, especificamente visando prestar amparo aos ex-combatentes e familiares na década de 40, aprimoravam os amparos e procuravam trazer os merecidos benefícios aos ex-componentes febianos e seus familiares. De uma forma geral, essas legislações amenizaram a situação financeira daqueles que estavam vivos e tinham acesso as informações. Porém, essa legislação evidência o lento processo de esquecimento e desvalorização do papel histórico dos expedicionários.

Essa mudança na condição social dos ex-combatentes ocorria no sentido financeiro. Por muito tempo, ainda, a memória da FEB junto da sociedade, permaneceu encoberta, pois havia um abismo entre ambos os lados. Ao que se pode analisar, não existiu por um longo período de tempo preocupação das autoridades em realizar um trabalho de divulgação, procurando aproximar a sociedade de seus heróis de guerra.

Mesmo com os tardios esforços e inúmeras leis criadas, uma parcela de veteranos permanecia sem saber da existência das mesmas. Aqueles que haviam retornado para seus antigos lares, nas longínquas localidades interioranas, viviam isolados, com poucas informações do que se passava além das fronteiras de suas pequenas propriedades rurais.

Esses recorriam de seus direitos quando ficavam sabendo por terceiros. Essa situação foi modificada, principalmente na década de 1980, com a constituição de 1988, uma vez que todos amparos, referentes a militares que haviam participado em situações de guerra, ficaram resumidos no Art.53, o qual trata sobre os “Ato das Disposições Constitucionais Transitórias”. De maneira conjunta, é determinado que os quartéis pesquisassem, em suas

áreas de responsabilidades, sobre a existência de ex-combatentes e, se houvesse, os mesmos deveriam ser procurados e informados de seus direitos.

As leis que trazem amparo aos ex-combatentes estão organizadas em duas coletâneas pelas seções da AECB, de Santa Catarina (1954), e Rio de Janeiro (1986). Na maioria das seções de votação dessas leis, ocorriam discussões intensas entre os parlamentares antes de serem sancionadas. Havia interesses por parte daqueles que não participaram do episódio da Segunda Guerra Mundial, em que esses procuravam se valer dos benefícios designados aos ex-combatentes.

As consequências dessa desmobilização acelerada seguem até a atualidade. No meio social ainda há falta de uma divulgação maior sobre esse assunto. Trabalhos de pesquisa desenvolvidos por Dennison de Oliveira, Francisco César Alves Ferraz, Sirlei de Fátima Nass, além de outros pesquisadores, não menos importantes, fazem parte de um processo de esclarecimento da FEB e procuram diminuir o abismo existente nesse momento histórico, porém, não esgotam o assunto. Essa pesquisa vem somar com esses estudos, trazendo informações inéditas coletadas daqueles que sentiram e vivenciaram esse capítulo triste da historiografia brasileira, possibilitando lançar novos olhares sobre essa questão, trazendo novas informações. Mesmo com a tentativa de criar amparos, a memória da FEB permanecia afetada, não conseguindo um resgate.

Em fins da década de 1970 e décadas posteriores, inicia-se o processo de solicitação da presença dos ex-combatentes em formaturas dentro dos quartéis, conforme afirmações prestadas nas entrevistas com veteranos de guerra. Esse procedimento ajudou a divulgar, tardiamente, os feitos dos ex-combatentes, levando essas informações, de uma forma lenta para o meio social. Essas participações em formaturas perduram até a atualidade, nas quais são realizadas homenagens, sendo ordenado sempre que há presença de um ex-combatente, que seja dado o toque a clarim de: “*ex-combatente presente*”.

Esse procedimento participativo, dentro dos quartéis, pode ser alvo de uma pesquisa futura, a qual vise buscar uma compreensão sobre a tentativa de aproximar a sociedade dos soldados que representaram o país em campo de batalha e em que aspecto isso contribui no processo de preservação da historiografia da FEB. Esse novo foco poderia possibilitar um resgate da memória da Força Expedicionária, uma vez que, na atualidade, há uma grande preocupação por parte das autoridades militares em levar a sociedade para dentro dos quartéis, e realizar uma divulgação das atividades desempenhadas pelas Forças Armadas. Essa abertura ao público externo tem como finalidade estreitar os laços entre o meio social e o meio militar.

Grande parte dos acervos históricos, que preservam a memória da FEB, encontram-se em pequenos museus montados dentro dos quartéis. O contato da sociedade com esses pequenos espaços desperta interesse por parte daqueles que desconhecem esse momento histórico. Possibilita que sejam estimuladas leituras de obras que abordem essa historiografia. Esses espaços têm uma concentração de maior acervo dentro das unidades que participaram do contexto da Segunda Guerra, como o 1º RI, 6º RI, 11º RI, o Batalhão de Engenharia, hoje com outras denominações, porém como as mesmas localizações.

A problemática social, gerada dentro da nação brasileira, no transcurso da Segunda Guerra Mundial, por meio do surgimento da Força Expedicionária Brasileira e participação efetiva no Teatro de Operações da Itália, com sua desmobilização acelerada foi, tal como se pode analisar, conduzida por atitudes tendenciosas pelos órgãos responsáveis, sejam de cunho militar ou político.

Provavelmente existiram falhas, principalmente por parte das autoridades competentes em não haver planejado o retorno da FEB. Porém, esse fato ainda não é um dos pontos mais críticos, dentro de nossa compreensão. Houve uma legislação que foi criada a partir de 1946, com muitos entraves, empecilhos, mas a mesma oferecia um amparo que minimizava, de uma forma profunda, as dificuldades dos ex-combatentes. Acreditamos que o maior problema foi o descaso em fazer esses amparos chegar ao conhecimento de quem tinha direito. Foi esse aspecto que fez com que, por muitos anos ainda, grande parte dos expedicionários convivessem com a miséria, jogados a margem da sociedade.

O estudo da questão social é infundável. Essa pesquisa aborda alguns pequenos detalhes e são esses pequenos fragmentos que nos levam a compreensão de um todo. Há um espaço vasto para que novas pesquisas surjam e auxiliem no preenchimento dessa lacuna. Isso permitirá que a sociedade se integre e passe a ter um melhor conhecimento do que foi esse processo histórico, no qual esta inserida a Força Expedicionária Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Maria do Carmo. **O museu do expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, 2001
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República: de 1930 a 1960**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- BRANDI, Paulo. **Vargas: da vida para a história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BONALUME NETO, R. **A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate (1942-45)**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.
- BOSCHILIA, R. **O cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial**. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 107, out. 1995.
- CASTELO BRANCO, Manuel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
- CABRAL, F. **Um batalhão no Monte Castelo**. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1982.
- COSTA, Didier de Souza. **2ª Guerra Mundial: desprezo – Ouve lá, oh! Zé! , deixa-me dizer-te uma coisa!** Salvador: Federação Baiana de Escritores, [s.d.].
- CAPELLATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Papirus: FAPESP, 1998.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Edusp, 2000.
- EICKHOFF, Renato. **A Força Expedicionária Brasileira e os seus veteranos**. 2005. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005
- FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945–2000)**. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **O Brasil na guerra: um estudo de memória escolar**. Comunicação apresentada no IV Encontro Perspectiva do Ensino de História. Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto, 24 de abril de 2001. Anais da ANPOC.
- GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.

LINS, M de L. F. **A Força Expedicionária Brasileira**: uma tentativa de interpretação. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo, 1972.

MAXIMIANO, César Campiani. **Trincheiras da memória**: brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945. 2004. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004

McCANN, Frank D. **Aliança Brasil - Estados Unidos (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

NASS, Sirlei de Fátima. **Legião paranaense do expedicionário**: indagações sobre a reintegração social dos Febianos Paranaenses (1943-1951). 2005. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

NEVES, L. F. da S. **A Força Expedicionária Brasileira**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro

OLIVEIRA, Dennison. de Poder Militar e identidade de grupo na Segunda Guerra Mundial: a experiência histórica da Psiquiatria Militar Brasileira. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v.18, n. 35, jul./dez. 2001.

OLIVEIRA, Dennison. **Os soldados brasileiros de Hitler**. Curitiba: Juruá, 2008.

OLIVEIRA, Dennison. **Os soldados alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2008.

OLIVEIRA, Dennison. **História e memória entre ex-combatentes: o caso da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. XXIII Simpósio Nacional de História - História: guerra e paz. Londrina : Editorial Mídia, 2005. p. 180-181.

RIBEIRO, P. da S. **As batalhas da memória**: uma história da memória dos ex-combatentes brasileiros. 1999. Dissertação (Mestrado em História): Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

RIGGONI, Carmen Lúcia. **“La Forza di Spedizione Brasiliana” (FEB) – Memória e História na Monumentalística Italiana**. 2003. Dissertação, (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

RIZZINI, I. **Levantamento bibliográfico da produção científica sobre a infância pobre no Brasil**. Série de Estudos n. 3. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1988.

SALUM, A. O. **Zé Carioca vai à Guerra**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1996.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e Justiça**: a política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1985.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. 3. ed. Barueri, SP: Mamole, 2003.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes brancas**: diário de um pracinha. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

SOARES, Leonércio. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba, [s.n], 1985.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em surdina**: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DOCUMENTOS/ DEPOIMENTOS PUBLICADOS

Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial S.A.ed, 1950.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Artigo 53, Título IX - Das Disposições Constitucionais Gerais. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, 1988.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB -** memórias de um chefe de Estado-Maior na Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ECKERT, José Edgar. **Memórias de um ex-combatente:** Relato de um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Florianópolis: Insular, 2000.

FUNDAÇÃO LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA. **As origens da LBA.** Rio de Janeiro: [s.ed.], 1977. Faz parte do Acervo da Biblioteca Pública do Paraná – seção Paranaense; BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. O Cotidiano de Curitiba durante a segunda guerra mundial. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba. v. 22, n. 107, out. 1995.

FUNDAÇÃO LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA. **Memórias, relatos, histórias institucionais:** as origens da L. B. A. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1977.

MELLO, J. L. R. (Org.). **A legislação do ex-combatente.** Compilada e organizada pelo Conselho Nacional das Associações de Ex-Combatentes do Brasil. Rio de Janeiro: Expedicionário, 1983.

MERÇON, J. Waldir. **A minha guerra.** Brasília: Thesaurus, 1985.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. v. 416.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 12 de maio de 1945, sábado; Artigo transcrito na íntegra, sem o nome do autor; (p. 18). BRASIL, Ministério da Guerra. Portaria N.º 8.250, publicada no Diário Oficial da União em 11 de maio de 1945.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Lei Municipal editada na cidade de Pelotas/RS,** em 2 de setembro de 1948.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

ENTREVISTADOS: A realização das entrevistas foi organizada pelo pesquisador

Aristides Saldanha Verges. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR.

Eronides João da Cruz. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR.

Italo Conti. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR.

Lindolfo Guilherme Arendt. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2009, na cidade de São Miguel do Oeste – SC.

Virginia Leite. Ex-enfermeira da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – PR.

Vitorio Germano Giacomini. Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2009, na cidade de Coronel Freitas – SC.

ENTREVISTAS ORAIS

Entrevista realizada dia 12 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – Paraná às 09h20min.

01) Qual seu nome completo?

Aristides Saldanha Verges.

02) Qual sua idade?

88 anos

03) Nasceu em que cidade?

Curitiba - PR

04) Qual é a sua descendência?

Meu Pai é francês e mãe brasileira

05) Foi voluntário para compor o efetivo da FEB?

Na verdade eu fui sorteado, em janeiro de 1943. Eu era filho único e não tinha intenção de ir para guerra, queria ficar próximo da minha mãe. Mas não teve jeito, tive que ir. Eu fiquei dividido, pois sempre tive vontade de ser militar. Cia Cmdo do 3º batalhão, do 6º RI.

06) O que motivou sua voluntariado ?

Fui meio obrigado.

07) A qual unidade militar integrante da FEB pertenceu?

Incorporei em 01 de dezembro de 1943 no 23º BI. Em fim de março de 1944, ocorrendo tudo meio surpresa, recebi a designação para viajar, só que eu não sabia pra onde. Você foi transferido, pode entregar teu material. Ai fiquei sabendo que ia para o Rio de Janeiro e seria incorporado ao 6º RI. A sede dele era em Caçapava, mas já estava deslocado para a cidade do Rio de Janeiro. Iniciamos treinamentos em diversos lugares na cidade, nos preparando para a Guerra. Todos militares viviam fazendo apronto operacional, ou seja, sempre inspecionando o material que deveria ser conduzido no saco A e no saco B. o treinamento ocorria o mais próximo da realidade, rastejava com tiro real por cima de nossas cabeças. Treinamento de como embarcar no navio, no pátio do aquartelamento, patrulhas, marchas longas, isso foi importante por que fortaleceu um pouco o preparo físico.

08) Quem foi seu Comandante de fração?

Ten Silvio Miscov

09) Quem foi o Comandante da Companhia?

Do 6º RI, Cel João Segadas Viana, do Batalhão, Cap Antonio Barcellos.

10) Como os alemães eram tratados antes da decisão do Brasil apoiar os países aliados?

Havia um bom relacionamento, tudo era muito tranquilo, os alemães eram pessoas que contribuíram muito com seu trabalho.

11) Houve alguma mudança de tratamento com os alemães após a decisão?

Houve uma mudança sim, principalmente, por que haviam aqueles que se manifestavam, esses sofreram ainda mais. Inclusive uma firma que eu trabalhava, uma vidraçaria chamada “Vidraçaria Vitro”, aqui da cidade de Curitiba na rua Marechal Deodoro, os proprietários eram de origem alemã. Portanto quando foi declarada a guerra com Alemanha e Itália, a firma foi depredada, toda quebrada, pela população civil. Porém eles pertenciam ao grupo dos integralistas.

12) Como se apresentava a política antes da decisão de apoiar os países aliados e como se apresentou após a decisão de oferecer apoio?

Não tenho muito conhecimento pra falar, por que só tinha conhecimento os estudiosos, não sei como falar.

13) Como foi a seleção dos integrantes da FEB?

Eu fiz a minha inspeção, mas não foi muito rigorosa, foi feito um geral. Chegaram alguns com problemas de saúde na Itália, pela simplicidade como foi feita a inspeção aqui no Brasil. Tinha um da minha companhia que de vez em quando apresentava problemas que pareciam mentais, ficava meio estranho, o pessoal tinha medo dele. Chegaram muitos que tinham doença venérea.

14) Presenciou algum tipo de facilidade para que determinado militar não participasse do efetivo?

Bom, eu pessoalmente não presenciei nada nesse sentido, mas ouvi uma vez, pelos corredores, que havia um oficial incentivando militares para que fugissem do quartel para não ir à Itália.

15) Como foi a partida da FEB e como foi a chegada na Itália?

No dia 24 de junho de 1944, nesta noite já embarcou um batalhão nos trens, dêis locando para o porto e nós embarcamos no dia 30 de junho, lá pelas 11h00min, entramos no navio, era o “General Man”. Ficamos em torno de dois dias dentro do navio parado, no terceiro dia o navio começou a se mexer e soou um apito, estávamos partindo. Uma hora depois, quando foi autorizada a nossa subida para o convés, vimos a cidade já bem distante, mas também não sabia para onde nós íamos. O primeiro escalão foi assim, imaginávamos que poderia estar indo para África, devido ao clima ser semelhante. Depois de uns 12 dias de viagem, na

entrada do Mar Mediterrâneo, anunciaram que nós estávamos indo para a Itália. Depois de 12 dias ficamos sabendo o nosso destino. Na viagem eram duas refeições por dia, tive companheiros que passaram a base de duas maçãs e companheiros acabaram enfraquecendo, debilitados, a comida era diferente, tivemos que nos adaptar.

Dia 16 de julho de 1944, que desembarcamos em Nápoles, na Itália, os italianos falavam “tedesco, tedesco”, achando que nós éramos alemães, devido ao nosso uniforme ser muito parecido com a dos alemães, depois perceberam que se tratava de brasileiros.

16) O material empregado pelo exercito brasileiro foi utilizado nos campos de batalhas europeus?

O treinamento, de uma forma geral foi realizado com material que nós tínhamos dentro do Brasil, não era material norte-americano ainda. Era obsoleto, houve necessidade de adaptação na Itália aos novos materiais que seriam empregados.

17) Ouseram dificuldades nos campos de batalha de adaptação, como foram as superações?

Depois da nossa chegada em uma estação de trem, partimos para uma região metropolitana, em Bagnole, e fomos acampar em um velho vulcão, por uns 15 dias, ainda estava quente. Depois dos 15 dias fomos de trem, mais próximo de Roma e fomos ate Tarquinea e ficamos acampados em um plantação de oliveiras, era um vale, nem pensamos em chuva, naquela noite choveu e foi gente correndo pra que não se molhasse tudo. Foi lá que recebemos armamento, farda e materiais individuais, todo material dos norte-americanos. Fomos daí para Vada, e lá sim, fomos apresentados ao general em 25 de agosto, ao Gen. Mark Clark, realizamos treinamentos e em 15 de setembro, foi recolhido todos pertences particulares, e fomos encaminhados para o combate. Éramos muito bem recebido pela população italiana, eles viam nós e dizia, “brasiliane, liberatori”.

Aqueles que tinham vindo do norte, no mês de outubro, começaram a sentir por causa do frio. Fomos direcionados para o vale do Serchio, onde conquistamos Monte Prano, a cidade de Camaiore. A hora que mais sentimos medo, foi quando substituímos a tropa norte-americana, era a noite, não sabíamos onde estávamos, não conhecia aquele terreno, se um galho de árvore caia a gente já ficava antenado.

18) Que tipos de facilidades foram proporcionadas nos campos de batalha da Itália. Existia algum tipo de turismo ou algum outro aspecto?

Haviam sim dias de folga que se dava como prêmio, ai os militares poderiam sair e conhecer alguns lugares diferentes.

Na frente onde eu estava era meio difícil de acontecer atos como a troca de sexo por algum tipo de material, por exemplo, chocolate, cigarro, mas tinha uma mulher, de uns 50 anos, mais ou menos, e a gente ia lá pra fazer as trocas, mas ela inspecionava bem a gente, era meio difícil de pegar doença com ela. Ela mesma fazia os exames. Passaram umas três meninas, e outros companheiros acabaram conseguindo trocar sexo por escatuleta, uma espécie de barra de chocolate. Mas quem se deu bem nesse sentido foram as pessoas que trabalhavam com os alimentos, eles eram procurados para negociar. Nos sempre levávamos a ração C e a ração K, tinha bolacha, café solúvel, tudo em lata e pratico. A cozinha sempre funcionava fora da área da artilharia inimiga. Nos sempre recebia o café com pão e começou

faltar manteiga, aí as pessoas se perguntavam mas cadê a manteiga? O que houve será? Tinha um cabo escrevente da companhia, ele fazia o boletim, e então criou um jornalzinho chamado “Veneno”, ali escrevia coisas do Front, um dia colocou assim “gratifica-se quem descobrir o paradeiro da manteiga da companhia”. Aí os superiores foram atrás pra ver por que não tinha manteiga, foram ver com os cozinheiros e descobriram que eles trocavam com as mulheres por “favores”, então eles estavam com tudo. O pessoal do depósito de pessoal também teve essas oportunidades.

Quando já tinha findado os combates, nós guardávamos os chocolates durante a semana para trocar por favores femininos nos finais de semana.

19) Como foi o retorno de volta para o Brasil e como foi a receptividade?

Retornamos para Nápoles, em Francolise, ali perto desse local tinha um mato, umas árvores, e os militares iam lá pra fazer fila. Tinham três meninas que ficavam lá, esperando o pessoal pra negociar. Quando elas chegavam, os militares já gritavam, olha a fila, olha a fila, não sei como elas agüentavam. Ficamos alguns dias nesse lugar.

O retorno foi mais tranqüilo, mais calmo, quando chegamos no Rio de Janeiro foi a coisa mais inesquecível, que já vi, muito bem recebidos. A população nos agarrava, uma festa muito bacana. Depois fomos para o quartel e ficamos meio perdidos, nos deixaram lá, não sabíamos o que fazer ao certo.

Até que depois alguém veio e fez os acertos com nós, ganhamos um valor bem alto até. Recebemos, fomos pegar trem e partimos para nossas casas, fomos todos desligados aqui no Brasil.

20) Houveram dificuldades de reintegração junto a sociedade na volta dos campos de batalha da Itália? Quais?

Pra mim foi tudo normal, não tive problema pra me reintegrar. Retornei para meu antigo trabalho.

21) Houveram decepções daqueles que participaram do efetivo da FEB?

A gente queria sair, já tínhamos feito a nossa parte, depois mais tarde alguns diziam que poderiam ter ficado no exército.

22) Quais foram as novas batalhas travadas, agora em solo brasileiro?

Particularmente não, voltei para meu trabalho e realizei algumas coisas com o valor recebido.

23) Houve algum tipo de promessa para quem compusesse o efetivo da FEB?

Não tinha nenhum tipo de promessa.

24) Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?

Não teve muito reconhecimento, não valorizaram como deveriam ter valorizado.

25) Recorda-se de algum tipo de discriminação praticado pela sociedade? Por exemplo, considerado com distúrbios ou perturbados, devidos aos treinamentos para guerra e até mesmo a participação em combate?

O que aconteceu é que tinham muitos que eram do interior e não queriam voltar pra casa, para aquela vida, daí começavam a beber, coisas desse tipo.

26) Lembra-se de algo que seja interessante, que marcou sua vida nessa época?

Acho que no meu ver, é um orgulho, fiquei feliz de participar da FEB, queria ser um soldado e fui além, conheci lugares diferentes e fiz minha parte.

27) Como foi sua adaptação após seu retorno?

Foi tranqüila, tudo normal.

28) Gostaria de deixar aqui registrado mais algum detalhe?

Não tenho mais nada a deixar registrado, encerrada a entrevista dia 12 de novembro de 2009, às 10h30min.

Curitiba – Paraná, 12 de novembro de 2009.

ARISTIDES SALDANHA VERGES

Entrevista com Ex-combatente da FEB

Entrevista realizada dia 09 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – Paraná às 15h35min.

01) Qual seu nome completo?

Eronides João da Cruz

02) Qual sua idade?

87 anos

03) Nasceu em que cidade?

Aracaju - SE

04) Qual é a sua descendência?

Brasileiro (Miscigenação de negros, índios e portugueses)

05) Foi voluntário para compor o efetivo da FEB?

Fui voluntário, sim.

06) O que motivou sua voluntariado ?

Olha o que me motivou, de repente nem foi tanto por patriotismo mais por ideologia. Vontade de conhecer novos mundos, outras pessoas, outros países, isso que me motivou a ir, eu já estava servindo e isso ajudou a me decidir ser voluntário.

07) A qual unidade militar integrante da FEB pertenceu?

Primeiro grupo de aviação de caça.

08) Quem foi seu Comandante de fração?

Ten Prado.

09) Quem foi o Comandante do Grupo?

Nero Moura

10) Como os alemães eram tratados antes da decisão do Brasil apoiar os países aliados?

Pra mim, na verdade, essa pergunta é meio difícil de responder, por que eu não fui criado em nenhum Estado do sul, me criei no nordeste, mas o pouco que sei e que pude acompanhar é que, antes eles eram desbravadores, trouxeram tecnologia, montaram indústria, ajudaram a desenvolver o país com sua mão-de-obra, com seu trabalho, suas lavouras.

11) Houve alguma mudança de tratamento com os alemães após a decisão?

Agora depois que teve o conflito, houve a interferência da política e toda situação mudou, a forma como eles eram tratados mudou. Primeiro eles eram grandes trabalhadores, depois passam a ser vistos como traidores. Agora tinha que acabar com tudo que eles tinham feito, acabar com seus clubes, isso eu sei perfeitamente, pois a minha esposa é curitibana e descendente de italianos. Eles sofreram tudo isso, não podiam mais falar a língua deles, poderiam se comunicar somente em português.

12) Como se apresentava a política antes da decisão de apoiar os países aliados e como se apresentou após a decisão de oferecer apoio?**13) Como foi a seleção dos integrantes da FEB?**

Olha vou até usar uma linguagem meio fora de uso, “foi feito nas coxas”, por que naquele tempo não se tinha material, nós não tínhamos nada. Por que as nossas técnicas eram vindas ainda da Primeira Guerra Mundial. Utilizava-se a doutrina francesa no exército. Não havia critérios para selecionar quem comporia a FEB, basta ver a quantidade de analfabetos que saíram das lavouras, do interior e compuseram o efetivo.

Naquela época, dentro dos quartéis já existia a chamada escola regimental, criada para alfabetizar aqueles militares que não sabiam ler e escrever. Ai aconteceu que foram para a Itália, para a guerra pessoas que necessitavam até mesmo de cuidados básicos, como por exemplo, cuidar de dentes, foram despreparados para enfrentar o melhor soldado do mundo, por que queiram ou não, eles eram os melhores soldados do mundo.

14) Presenciou algum tipo de facilidade para que determinado militar não participasse do efetivo?

Bom, acontece o seguinte, quem solicitou que o Brasil participasse da guerra, quem foi as ruas pedir e gritar, esses foram os primeiros a não se voluntariar, nem 10% destes foram, são os falsos patriotas. Muitos fingiam doenças e outras desculpas, tudo para não ir, comprando autoridades pra dar certificado falso pra não ir pra guerra. Procurando padrinhos.

15) Como foi a partida da FEB e como foi a chegada na Itália?

Sempre o que eu falar, vai ser me baseando no grupo de caça, o Brasil sempre primo pela desorganização, até hoje ele é desorganizado, agora faça idéia naquela época. Foi sempre feito na base do improvisado. Eu não posso me queixar, por que nosso grupo era pequeno, era mais fácil de manejar. O trabalho do exército no Brasil foi só o de movimentar os homens aqui dentro do país e mandar para a Itália. Quando chegava nas mãos dos norte-americanos tudo funcionava, tudo andava corretamente, quem dizer algo ao contrário esta faltando com a verdade.

16) O material empregado pelo exercito brasileiro foi utilizado nos campos de batalhas europeus?

Não, não tinha nada pra levar de bom, era tudo material obsoleto. Não tínhamos armamento, não tínhamos aviação. Simplesmente tínhamos fuzis para treinamento, eram ainda da Primeira Guerra Mundial, carregados pela boca. Foi tudo americanizado, o que foi utilizado do Brasil, somente o homem, o restante tudo dos EUA.

17) Ooveram dificuldades nos campos de batalha de adaptação, como foram as superações?

Houveram muitas dificuldades, pra se adaptar ao frio, muitas dificuldades, mas o brasileiro tem essa graça de se adaptar com facilidade, de querer ser o melhor, isso não foi para nós nem um empecilho que não pudesse ser superado, como foram superadas todas as dificuldades. Algumas vezes os norte-americanos vinham copiar dos brasileiros as invenções. Queriam saber por que nós não estávamos tendo muito problema de congelamento dos membros inferiores. O “combat boot”, coturno utilizado e de fabricação norte-americana, acabava apertando as pernas e dificultava a circulação sanguínea, os brasileiros fizeram modificações e utilizavam palha de feno, com jornal, mantendo os pés e pernas mais secos e com melhor circulação, evitando as gangrenas, quando se estava dentro dos “Fox holes”, ou seja, as trincheiras.

18) Que tipos de facilidades foram proporcionadas nos campos de batalha da Itália. Existia algum tipo de turismo ou algum outro aspecto?

Nós todos tínhamos algo chamado de “Day off”, quer dizer um dia fora, um dia livre, pra poder respirar, aliviar a cabeça. Assim como nós da força aérea tínhamos esse tempo livre o pessoal do exército tinha seu tempo livre também. A guerra é a maior desgraça, por que quem sofre mais é a população civil, que não tem nada a ver com a situação, isso acaba gerando um situação de miséria tal que a prostituição vira um meio de sobrevivência, onde o próprio pai acaba negociando a filha. Como eu tive oportunidade de falar para um pai, mas essas são suas filhas, o senhor veio aqui negociar elas, e o pai me respondeu, sim e vamos fazer o que, morrer de fome. As mulheres eram de 12 a 60 anos, todas idades, eu jamais me aproveitei de qualquer mulher que seja, mas vi muitos que se aproveitavam dessa situação. Se trocava sexo por chocolate mesmo.

19) Como foi o retorno de volta para o Brasil e como foi a receptividade?

Embarcamos para o Brasil em 06 de julho de 1945, levamos em torno de doze dias de viagem, chegando dia 18 de julho de julho de 1945 no porto na cidade do Rio de Janeiro. O grupo de aviação brasileira veio junto com primeiro escalão, que retornou da Itália. Foi aquela recepção maravilhosa, com muito patriotismo, muito papel picado, tudo muito lindo, o dia todo andando pra lá e pra cá. O povo aplaudindo, nós tomando coca-cola, o que era novidade naquela época, é como de fosse dar champagne Frances nos dias de hoje.

Após as festividades foi dado um fora de forma, e como eu já disse antes, estávamos em um país super organizado, para aqueles que não eram do Rio de Janeiro, tiveram que permanecer em bancos de praças, na sarjeta, pra no dia seguinte conseguir bilhetes de

passagens, e ainda de segunda categoria, com banco de madeira, pra viajar por dois dias até chegar em casa, esse foi o primeiro prêmio que muitos ex-combatentes receberam, assim como eu. Quem falar algo contrário a isso é por que não tem coragem de dizer a verdade. Eu tinha uma reserva de dinheiro e procurei comprar uma passagem de primeira classe por que eu ficaria com vergonha de dizer para meus familiares que o governo tinha agido daquela forma. Por que naquele tempo era assim, soldado era comparado ao mais simples dos animais.

20) Houveram dificuldades de reintegração junto a sociedade na volta dos campos de batalha da Itália? Quais?

Depois que voltamos tínhamos um mês de licença, depois era pra se apresentar na base aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Por que era uma unidade que não existia. Essa unidade foi composta de um pouco de militares vindos de outras diversas unidades militares. Claro, tinham que arrumas um lugar pra colocar o grupo de aviação. Ai é que começou a nossa segunda guerra, ai tivemos inicio a nossa peregrinação, começaram as indiretas, pois os militares que não eram da FEB, tinham inveja de nós. Todos queriam que nós fôssemos e não voltássemos. Começaram a perseguir o expedicionário, tanta dentro dos quartéis, quanto dentro da sociedade.

21) Houveram decepções daqueles que participaram do efetivo da FEB?

A guerra que nós enfrentamos aqui, foi muito pior que a guerra enfrentada nos campos de batalha. Pois aqui quem nos ignorava eram nossos próprios compatriotas. Foi percorrido mais de 40 anos até que começassem a ser reparadas algumas injustiças feitas até naquele momento. Tremendas decepções.

22) Quais foram as novas batalhas travadas, agora em solo brasileiro?

Convivi com as decepções, com as discriminações por muito anos, aconteceu certa vez, que fui convidado para uma festa de casamento de um conhecido meu, em lá chegando ele foi me apresentar a um amigo dele, dizendo: quero apresentar aqui meu amigo Eronides,, meu amigo, ele esteve na guerra, é um expedicionário, sabe o que ele respondeu, um cara que nunca tinha vista na minha frente? Há, então você é um daqueles que foi passear na Itália.

Ai na mesma hora deu vontade de revidar ao insulto com uns tabefes, mas contei até dez e me controlei, e respondi da seguinte forma: O senhor tem razão, de fato eu sou um daqueles que foi passear na Itália, mas uma coisa vou dizer para o senhor, eu fui voluntário, a pátria nem precisou me chamar, por que a maioria dos heróis como o senhor ficaram tremendo de medo de ter que participar, virando de costa e não dando mais conversa.

23) Houve algum tipo de promessa para quem compusesse o efetivo da FEB?

Não, que eu saiba não.

24) Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?

Nenhum.

25) Recorda-se de algum tipo de discriminação praticado pela sociedade? Por exemplo, considerado com distúrbios ou perturbados, devidos aos treinamentos para guerra e até mesmo a participação em combate?

Sim, como eu já havia falado antes, antes de ir pra guerra fomos chamados pela sociedade, éramos bons, serviríamos para algo e depois ficamos todos esquecidos em meio à sociedade.

26) Lembra-se de algo que seja interessante, que marcou sua vida nessa época?

O que eu pude fazer por bem eu fiz, pro bem do meu próximo, não interessa a origem dele, o que eu pude fazer eu fiz. A pouco tempo agora, é que se procurou valorizar nós que estamos em extinção, em valorizar o desempenho nos campos de batalha que nós tivemos.

27) Como foi sua adaptação após seu retorno?

Eu praticamente já falei, foi terrível, foi horrível, eu sei precisava trabalhar e não tinha emprego. Não tinha poder aquisitivo, não foi nada interessante, agora , por exemplo, não posso me queixar, depois da década de 80 fomos assistidos, pelo menos vamos morrer com dignidade.

28) Gostaria de deixar aqui registrado mais algum detalhe?

Não tenho mais nada a deixar registrado, encerrada a entrevista dia 02 de setembro de 2009, as 16:30

Curitiba – Paraná, 09 de novembro de 2009.

ERONIDES JOÃO DA CRUZ

Entrevista com Ex-combatente da FEB

Entrevista realizada dia 12 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba – Paraná às 16h35min.

01) Qual seu nome completo?

Italo Conti

02) Qual sua idade?

94 anos

03) Nasceu em que cidade?

Malet - PR

04) Qual é a sua descendência?

Italiano

05) Foi voluntário para compor o efetivo da FEB?

Após a declaração de guerra do Brasil contra as nações do eixo, todos oficiais receberam do ministro um telegrama, solicitando que compuséssemos o efetivo da FEB, o qual eu fiz prontamente.

06) O que motivou sua voluntariado ?

Foi devido o julgamento do governo brasileiro de que o Brasil devia reagir contra os ataques covardes que haviam ocorrido contra navios brasileiros, afetando dessa forma a soberania do país. Acreditamos que estando enfrentando o inimigo no campo de batalha, estaríamos também recuperando o respeito e a moral do povo brasileiro.

A 5ª coluna composta por brasileiros e alemães, espalhava boatos de que os nossos navios haviam sido afundados por navios norte-americanos.

07) A qual unidade militar integrante da FEB pertenceu?

1º grupo de Artilharia em apoio ao 11º RI

08) Quem foi seu Comandante de fração?

Valdemar Levi Cardoso, comandante do 1º grupo de artilharia. Eu tinha função de oficial de ligação, era capitão naquela oportunidade.

10) Como os alemães eram tratados antes da decisão do Brasil apoiar os países aliados?

Houve uma mudança sim. Por que todos nós sabemos da contribuição dos colonizadores alemães em benefício ao desenvolvimento da economia brasileira e do progresso do Brasil, principalmente na indústria. Na lavoura também, mas o grande destaque foi na área industrial. Aqui em Curitiba, tinham três sociedades alemãs, que era muito freqüentada pela alta

sociedade, havia uma confraternização muito grande, realmente eles eram um pouco mais fechados, porem eram respeitados de uma forma geral

11) Houve alguma mudança de tratamento com os alemães após a decisão?

Apartir do dia em que ocorreu o afundamento dos navios brasileiros ocorreu uma mudança na opinião social. Inclusive eu estava em Cachoeira, no Rio Grande do Sul, quando ocorreu os afundamentos dos navios, o quebra-quebra foi violento. O que era pertencente a alemães foi tudo quebrado, indústria, casas, clubes, comercio. Isso ocorreu de forma mais agressiva no Rio Grande do Sul e Paraná, já em Santa Catarina foi de uma forma mais acentuada. Algumas casas no Rio de Janeiro, de qualquer forma, era a opinião publica mostrando sua revolta contra o que havia acontecido, o que não impediu que muitos filhos de alemães compusessem o efetivo da FEB. Temos como símbolo da coragem da FEB, o sargento Max Wolf Filho, filho de alemães. Eu convivi com esse sargento, por que ele pertencia ao batalhão que nos dávamos apoio. Apoiei por diversas vezes as patrulhas deles por fogos e tive a oportunidade de testemunhar a frieza dele, a coragem dele, a liderança que ele tinha perante os soldados dele. O primeiro componente da FEB a tombar foi Constantino Mariock, vários descendentes alemães foram condecorados com medalha de bravura. Possuíam um sentimento brasileiro, não apresentavam sentimento alemão, a pátria deles era o Brasil.

12) Como se apresentava a política antes da decisão de apoiar os países aliados e como se apresentou após a decisão de oferecer apoio?

Realmente era admirável a forma da política alemã, e Getulio Vargas fez um discurso muito ambíguo, dizendo que forças novas estavam surgindo no mundo, realmente dava a entender que estava com pensamento a apoiar as ideologias alemãs, as quais estavam sendo vitoriosas. Mas no instante que virou a opinião publica do Brasil, inclusive a simpatia do exercito brasileiro que tinha pelo exercito alemão, virou em 24 horas.

No momento em que se deu o ataque de Pearl Harbol, eu estava no Rio Grande do Sul inclusive, no dia 07 de dezembro de 1941, estávamos em uma olimpíada, quando veio a noticia de que os japoneses tinham efetivado esse ataque. Precisava ver como modificou de imediato a nossa opinião, que éramos simpáticos a Alemanha e virou imediatamente para os EUA.

13) Como foi a seleção dos integrantes da FEB?

Em primeiro lugar abriu voluntariado, depois começou as convocações, em torno de 80% foram voluntários (sic), o restante foi convocado. Não tenho certeza, estatisticamente, mas foi por ai.

14) Presenciou algum tipo de facilidade para que determinado militar não participasse do efetivo?

Teve muito caso, isso houve gente que pegou doença venérea, pra ser licenciado na hora da inspeção de saúde, outros que inventaram doença, mas foram casos esporádicos, na minha unidade não me lembro de isso ter acontecido.

15) Como foi a partida da FEB e como foi a chegada na Itália?

Nos estávamos nos preparando no Rio de Janeiro, sempre orientados pelos norte-americanos e num determinado dia o comandante nos alertou, quem tiver família aqui mande embora, que a hora esta chegando. Num determinado instante, em 24 horas foi determinado que nos iríamos para o navio, fomos, entramos no navio, cada um sabia, pra onde deveria ir e o lugar a ocupar. Embarcamos, havia uma disciplina rigorosa, não se podia jogar nada no mar, nem uma bituca de cigarro, o que nos dava medo era a situação do navio ser atacado. Quando soava o alarme saia todo mundo correndo, quando chegávamos nas posições, mandavam retornar, pois era só treinamento. Isso por 12 dias, depois chegamos à Itália e de la fomos para Livorno.

16) O material empregado pelo exercito brasileiro foi utilizado nos campos de batalhas europeus?

Nenhum material pertencia ao exercito brasileiro, todo material era dos norte-americanos, a FEB foi americanizada, os nosso calçados não resistiam ao frio. Recebemos toda roupa, tudo que se tem pra usar, armamento e equipamentos.

17) Oouveram dificuldades nos campos de batalha de adaptação, como foram as superações?

A FEB teve dificuldade em se adaptar a nova doutrina aplicada pelos norte-americanos, pois vínhamos da pratica da doutrina francesa, que era de defensiva, algo totalmente diferente do que era ensinado pelos EUA.

A grande dificuldade foi substituir a divisão norte-americana de imediato, toamos meia dúzia de tiros e corremos, pois desconhecíamos todas as técnicas básicas de combate.

Os treinamentos aqui no Rio foram feitos todos com material norte-americano, porém nos faltou um pouco mais de treinamentos, para que tivéssemos tido um êxito maior e melhor, embora o que a FEB apresentou nos campos de batalha da Itália, foi alvo de se elogiar. Pois conseguiu mostrar o valor do soldado brasileiro.

18) Que tipos de facilidades foram proporcionadas nos campos de batalha da Itália. Existia algum tipo de turismo ou algum outro aspecto?

Nós tínhamos essa possibilidade, a isso nós chamávamos de “Tocha”, quando íamos para um momento de folga. Tínhamos centros de recreações, em Firenze era para os soldados, para os oficiais era em Roma. Cada seis meses na frente de combate o indivíduo ficava uma semana de folga nesses campos.

A respeito da prostituição, existia mesmo a troca de barra de chocolate por sexo, mas não era coisa generalizada, era casos esporádicos e que não eram de chamar a atenção.

19) Como foi o retorno de volta para o Brasil e como foi a receptividade?

Eu como não tinha comando, não estava comandando nenhuma fração, eu era oficial de ligação, componente do segundo escalão, eu vim de avião. Os oficiais que não tinham comando, retraíram de avião. Passamos por diversos lugares e fomos parar na base aérea de Natal – RN. Ai eu fui para o Rio de Janeiro, aguardar a chegada dos outros componentes da FEB. Foi um verdadeiro delírio, uma coisa impressionante, um milhão de pessoas aguardando a FEB, uma grande festividade.

20) Houveram dificuldades de reintegração junto a sociedade na volta dos campos de batalha da Itália? Quais?

Todos foram desligados aqui no Brasil, a única coisa que houve mesmo é que o brasileiro não tinha tradição de estar em guerra. A solução foi dissolver a FEB, cada um voltou para suas origens, isso ocasionou uma tragédia muito grande. Por que como eu vim normal, vários vieram com trauma, tendo problemas sérios, inclusive aqui no Paraná, na casa do Expedicionário, tratamos de muitos. Foram mandados sem apoio nenhum, tempos depois que começaram a ser lentamente assistidos pelo Estado, 15 anos depois do final da guerra, teve uma lei do General Andrade Cerpa, que todo soldado deveria ter o soldo de segundo tenente. Foi um período terrível, muito critico, devido a grande falta de experiência.

21) Houveram decepções daqueles que participaram do efetivo da FEB?

Sentiram-se completamente abandonados.

22) Quais foram as novas batalhas travadas, agora em solo brasileiro?

A sociedade via meio com desconfiança, aqueles que retornaram dos campo de batalha.

23) Houve algum tipo de promessa para quem compusesse o efetivo da FEB?

Não houve nenhum tipo de promessa.

24) Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?

Havia, no meu caso e de meu irmão, que éramos do mesmo grupo de artilharia, quando viemos, nós fomos apresentados na nossa cidade, as pessoas tinham orgulho de nós e até mesmo dentro da caserna. Éramos convidados para palestrar nas escolas, muitas vezes.

25) Recordar-se de algum tipo de discriminação praticado pela sociedade? Por exemplo, considerado com distúrbios ou perturbados, devidos aos treinamentos para guerra e até mesmo a participação em combate?

Eu era bem influente aqui no Estado do Paraná, e as vezes solicitava um emprego para os ex-integrantes da FEB, aí as pessoas me questionavam, poxa será que o Italo está me indicando pessoas perturbadas, meio loucas. Então de início tinha essa dificuldade de aceitação, mas isso com o tempo passou.

26) Lembra-se de algo que seja interessante, que marcou sua vida nessa época?

O que marcou a minha vida foi o seguinte, cheguei em julho e meu filho nasceu em janeiro, fui conhecer meu filho já com sete meses, isso me marcou muito.

27) Como foi sua adaptação após seu retorno?

Foi tranquila, não tive nenhum tipo de problema, voltei a praticar o que gostava.

28) Como o senhor viu as legislações após a guerra, de que forma elas contribuíram para melhorar as condições dos ex-combatentes?

As leis foram fundamentais, para amparar os ex-combatentes, infelizmente acabaram surgindo tarde e demorou a atingir todos ex-combatentes, alguns encontravam-se em áreas mais isoladas.

29) E sobre a CRIFA e a LBA?

A Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas e a Legião Brasileira de Assistência, foram instituições criadas com seu objetivo de recapacitar, de recuperar os militares que tivessem ficado com algum tipo de seqüela. Elas desempenharam um papel importante, tanto para as famílias, quanto para os ex-combatentes. Aqui em Curitiba houve uma grande mobilização por parte da sociedade. Mas aqueles que estavam afastados das cidades, já tocando suas vidas acabou não recebendo esse tipo de amparo.

30) Gostaria de deixar aqui registrado mais algum detalhe?

Para nós a FEB constitui a nossa vida, nós fomos para a Itália, lutamos e nunca esperamos benefícios, nunca esperamos reverências, a única coisa que nós queremos é não sermos esquecidos.

Encerrada a entrevista dia 12 de novembro de 2009, às 17h20min

Curitiba – Paraná, 12 de novembro de 2009.

ITALO CONTI

Entrevista com Ex-combatente da FEB

Entrevista realizada dia 26 de outubro de 2009, na cidade de São Miguel do Oeste - SC as 16:05 horas

01) Qual seu nome completo?

Lindolfo Guilherme Arendt

02) Qual sua idade?

89 anos

03) Nasceu em que cidade?

São Pedro do Sul - RS

04) Qual é a sua descendência?

Alemães

05) Foi voluntário para compor o efetivo da FEB?

Sim. O Regimento onde eu servia foi escolhido à ponta de dedo.

06) O que motivou sua voluntariado ?

No ano de 1939 prestou serviço militar obrigatório por dois anos, houve rápida adaptação à vida na caserna, motivo pelo qual foi voluntário. Foi licenciado em 1941, sendo convocado novamente em outubro de 1942, prestando serviço até dezembro de 1945. De 1942 à 1944 permaneceu em unidade militar desempenhando funções normais da vida na caserna, sem treinamentos específicos para entrar em combate

07) A qual unidade militar integrante da FEB pertenceu?

Antes de partir efetivamente para a guerra, pertenceu ao 3^o Pel. 7^o Batalhão de Infantaria, o qual ficou fixado em diversas instalações na cidade de Santa Cruz do Sul – RS, embarcando para Santa Maria, onde foi formado um contingente de todo o Rio Grande do Sul, partindo daí para o Rio de Janeiro em 25 de dezembro de 1944, chegando lá dia 01 de janeiro de 1945. Compuseram o efetivo de 96 militares, sendo 1 Sgt, 14 Cbs e 81 Sds. Sendo dividido esse efetivo entre as diversas frações que partiriam para a Itália compor o Depósito de Pessoal em Stafler. Não receberam nenhum tipo de treinamento, somente rigorosa inspeção de saúde, permanecendo até o dia 28 de janeiro de 1945, data em que se deu a partida do 3 escalão com destino ao depósito de pessoal na Itália, devido a baixa ocorrida em 12 dezembro nas tentativas da tomada de monte castelo.

08) Quem foi seu Comandante de fração?

Sargento Candido Miloski

09) Quem foi seu Comandante de Pelotão?

Comandante da companhia no Rio de Janeiro foi Capitão Tinoco

10) Como os alemães eram tratados antes da decisão do Brasil apoiar os países aliados?

Bem. Todos eram bem tratados, podiam se reunir, falar a nossa língua, não havia nenhum tipo de perseguição.

11) Houve alguma mudança de tratamento com os alemães após a decisão?

Com certeza. Iniciou perseguição, nas cidades haviam inspetores de quarteirão(rua), os quais queriam mostrar serviço. Haviam famílias de descendentes de italianos e alemães que não falavam uma palavra em português, isso passa a não ser mais permitido.

12) Como se apresentava a política antes da decisão de apoiar os países aliados e como se apresentou após a decisão de oferecer apoio?

Antes do Brasil tomar a decisão de apoiar os países aliados estava tudo tranqüilo, mas após a decisão, por exemplo em Santa Maria – RS, houve quebra-quebra contra estabelecimentos onde os proprietários eram de origem alemã.

13) Como foi a seleção dos integrantes da FEB?

Aqui em Porto Alegre, nessa região, foi rígida, pois não era permitido que partisse ninguém que tivesse por exemplo um dente cariado, por que um combatente com dor de dente não tem condições.

14) Presenciei algum tipo de facilidade para que determinado militar não participasse do efetivo?

Não presenciei em nenhum momento qualquer tipo de facilidade, em um treinamento, que estávamos realizando foi presenciado a figura de um Aspirante, que tinha sido enviado pelo seu pai, que era comandante de uma Organização Militar em Mato Grosso, contra sua vontade reclamava que só estava ali por vontade de seu pai.

15) Como foi a partida da FEB e como foi a chegada na Itália?

A partida foi muito tranqüila, com despedida do Sr presidente Getulio Vargas, já na chegada em Nápoles, a visão que tínhamos era desoladora, os norte-americanos já tinham tomado conta. O próprio porto de Nápoles, era uma imagem de miséria, pessoas maltrapilhas, pedindo comida, fiquei desesperado e pensei, será que tudo é assim aqui, eram as conseqüências da guerra né.

16) O material empregado pelo exercito brasileiro foi utilizado nos campos de batalhas europeus?

Não, o material do exército não foi empregado, recebíamos material e armamento dos norte-americanos, lá se aprendia atirar, tinha algumas horas de treinamentos e ia pra frente de combate executar o que aprendeu.

17) Oouveram dificuldades nos campos de batalha de adaptação, como foram as superações?

Eu não estivesse em combate, fiquei na parte administrativa no deposito, o deposito era composto por 16 companhias, sendo eu cada companhia era composta por 400 ou 500 homens.

O brasileiro não estava preparado para nada, levou somente a coragem.

18) Que tipos de facilidades foram proporcionadas nos campos de batalha da Itália. Existia algum tipo de turismo ou algum outro aspecto?

Sim, sim, havia possibilidades de conhecer outros lugares sim. Por exemplo, uma determinada frente de combate, possuía 4 batalhões, 3 ficavam na linha de combate e 1 ficava na reserva a retaguarda, os soldados pegavam um jipe em 4 ou mais e como se dizia lá “acediam a tocha”, termo utilizado pelos brasileiros para se referir as viagens turísticas. Eu me encontrei em Roma com gente da frente de combate, Vaticano e outros lugares que eram turísticos. Outra coisa que era muito comum de se presenciar era a troca de sexo por uma carteira de cigarro, uma barra de chocolate, até dava pena de se ver aquelas meninas de 11, 12 e 13 e 14 anos se oferecendo pra sexo, essa é uma verdade. Onde os alemães pernoitavam com suas tropas nas cidades, eles reuniam todas as mulheres daquela comunidade e forçavam elas a fazer sexo com todos os soldados. Essas coisas as tropas brasileiras não faziam de modo algum. No depósito não se lavava roupa, haviam as lavadeiras, que vinham la mesmo e apanhavam as roupas, em troca de material de higiene. O respeito no Depósito de pessoal era mantido, se houvesse interesse por parte de algum militar por alguma lavadeira, marcava-se encontro na sua própria casa ou em algum outro lugar longe do Depósito. “Fora do deposito todos tinham seus relacionamentos”. Muitos militares acabaram casando com italianas que vieram para o Brasil posteriormente.

19) Como foi o retorno de volta para o Brasil e como foi a receptividade?

Foi muito tranqüila, estávamos ansiosos para vir pra casa, a cidade onde nós estávamos, antes de partir da Itália chamávamos de “poeirolandia” a cidade nos recebeu em festa, quando descemos no porto da cidade do Rio de Janeiro, foi um tumulto, as pessoas querendo encontrar seus familiares, uma loucura, eu não tinha ninguém me esperando, mesmo assim as pessoas vinham nos abraçando como gesto de recepção. O navio chegava pender para o lado, todos nós estávamos em um lado do navio.

20) Houveram dificuldades de reintegração junto a sociedade na volta dos campos de batalha da Itália? Quais?

Eu não tive dificuldades de voltar a vida civil, não tinha participado efetivamente dos combates, não ficaram seqüelas psicológicas. Aconteceu sim, com outros companheiros de estar com ferimentos de guerra, estilhaços, furo de projétil, lembranças do campo de batalha, psicológico alterado.

21) Houveram decepções daqueles que participaram do efetivo da FEB?

Logo quando nós chegamos tivemos que fazer uma limpeza, não estávamos mais acostumados a comer moscas, na Itália havia uma higiene muito superior. Aqui no Brasil não havia essa preocupação, havia um relaxamento.

Não convivi com pessoas que se decepcionaram. Havia alguns casos, sim, eu mesmo queria seguir carreira dentro do exército.

22) Quais foram as novas batalhas travadas, agora em solo brasileiro?

Não soube responder.

23) Houve algum tipo de promessa para quem compusesse o efetivo da FEB?

Não houve promessa nenhuma, pelo menos pra nosso efetivo não.

24) Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?

O que vejo de reconhecimento, foi a forma como o povo nos recebeu, como foi noticiado em jornais, rádio. Essas coisas eu vejo como forma de reconhecimento. Não vi outros tipos de reconhecimento.

25) Recorda-se de algum tipo de discriminação praticado pela sociedade? Por exemplo, considerado com distúrbios ou perturbados, devidos aos treinamentos para guerra e até mesmo a participação em combate?

Conheço um ex-combatente daqui da cidade Sr Dias, já falecido, ele sofreu com distúrbios, ele se julgava culpado pela morte do Capitão comandante da seção que procurava minas. Ele estava balizando um caminho onde tinha minas e não era pra passar, o capitão contrariou a orientação dele e passaram em cima de uma mina com um jipe, acabou morrendo, isso ficou na cabeça dele até o dia que ele morreu aqui na cidade.

26) Lembra-se de algo que seja interessante, que marcou sua vida nessa época?

Não, nada mais de marcante.

27) Como foi sua adaptação após seu retorno?

Voltei pra minha cidade, em Santa Cruz no RS, retomei minhas atividades trabalhei muito tempo e comprei um pedacinho de terra, nessa região, aqui próximo da cidade de São Miguel do Oeste, foi tudo muito sofrido mas valeu a pena, foi divertido.

28) Como o senhor viu as legislações após a guerra, de que forma elas contribuíram para melhorar as condições dos ex-combatentes?

Eu fui saber que tinha direito, já era passado do ano de 1980, isso por que encontrei um amigo que tinha ficado sabendo, daí foi La no interior falar pra eu procurar um quartel, daí fiquei sabendo. Assim aconteceu com um monte de gente.

29) E sobre a CRIFA e a LBA?

Foram entidades importantes, mas acabou que não atendeu a todos, foram poucos os soldados que se beneficiaram.

30) Gostaria de deixar aqui registrado mais algum detalhe?

Não tenho mais nada a deixar registrado, encerrada a entrevista dia 28 de agosto de 2009, as 17:26

São Miguel do Oeste – SC, 26 de outubro de 2009

LINDOLFO GUILHERME ARENDT

Entrevistado

Entrevista com Ex-combatente da FEB

Entrevista realizada dia 02 de setembro de 2009, na cidade de Coronel Freitas/Santa Catarina as 10:10 horas

01) Qual seu nome completo?

Vitório Germano Giacomin

02) Qual sua idade?

88 anos

03) Nasceu em que cidade?

Bento Gonçalves - RS

04) Qual é a sua descendência?

Italianos

05) Foi voluntário para compor o efetivo da FEB?

Bom, eu prestei serviço militar em um Tiro de Guerra na cidade de Bom retiro, hoje Luzerna. Prestei o serviço militar por 1 ano, como voluntário, dei baixa nesse mesmo ano e fui trabalhar em uma serraria normalmente. Recebi uma correspondência no local, onde eu trabalhava, eu não era voluntário para ir para a guerra.

Gostava muito de usar a farda mas não queria ir para os campos de batalha. Na carta que recebi estava escrito: “Ilmo Sr Vitório Germano Giacomin, deverá se apresentar no 13 BC em Joinvile, até 06 de dezembro de 1942. Aquele que não se apresentar será considerado desertor de guerra, se preso poderá ser fuzilado”.

06) O que motivou sua voluntariado ?

Fui convocado, não era voluntário para ir para a guerra.

07) A qual unidade militar integrante da FEB pertenceu?

Antes de partir efetivamente para a guerra, pertenceu ao 13º BC e, Joinvile, onde permaneci por uns 2 ou 3 meses, sendo transferido para Itajaí, servindo lá 1 ano e pouco, depois fui pra Curitiba, fiquei um tempo lá, depois pra São Paulo, em Casapava, onde permaneci por 10 meses, sendo transferido depois para o 11º Batalhão de Infantaria no Rio de janeiro, onde fiquei mais uns 6 meses, que seguiu no 2º escalão. Em todos quartéis que passei eu já ia fazendo treinamentos para a guerra. Esses treinamentos eram direcionados para combater mesmo, as vezes com munição de festin (munição que contenha somente pólvora) e também com munição real.

08) Quem foi seu Comandante de fração?

Não Lembro.

09) Quem foi seu Comandante de Pelotão?

Não Lembro.

10) Como os alemães eram tratados antes da decisão do Brasil apoiar os países aliados?

Não lembro disso de perseguição.

11) Houve alguma mudança de tratamento com os alemães após a decisão?

Não lembro.

12) Como se apresentava a política antes da decisão de apoiar os países aliados e como se apresentou após a decisão de oferecer apoio?

Eu sou meio analfabeto, não sei o que dizer a respeito.

13) Como foi a seleção dos integrantes da FEB?

Olha, sempre que eu chegava nos quartéis, sempre era realizado um exame pra ver como estava minha saúde, mas isso em todas organizações militares. Mas sobre a seleção no Rio de Janeiro, só foram os que estavam em boas condições de saúde.

14) Presenciou algum tipo de facilidade para que determinado militar não participasse do efetivo?

Não presenciei nada.

15) Como foi a partida da FEB e como foi a chegada na Itália?

Olha, nós sabia que ia pra guerra, estava treinando pra isso, mas nunca sabia se era treinamento ou se era real, pois não tinha data certa para nossa partida. Um daí saímos para um treinamento e não voltamos mais, 15 dias e 15 noites sem ver terra, chegamos numa manhã no porto em Nápoles. Subimos na parte de cima do barco e pensei: não vamos mais voltar daqui, não se via um prédio, uma casa, sem que tivesse um estilhaço. Tudo destruído, acabado. Depois, de Nápoles fomos para Piza, lá ficamos em um campo da aviação, dentro de pequenas barracas, cada um tinha meia barraca. Depois que passou a guerra passamos até em Roma.

16) O material empregado pelo exercito brasileiro foi utilizado nos campos de batalhas europeus?

Nosso material era todo dos norte-americanos e recebemos ainda no Rio de Janeiro, antes de partir para Itália. Não, o material do exército não foi empregado, recebíamos material e armamento dos norte-americanos, lá se aprendia atirar, tinha algumas horas de treinamentos e ia pra frente de combate executar o que aprendeu.

17) Ouderam dificuldades nos campos de batalha de adaptação, como foram as superações?

Eu estivesse em combate, participei dos combates de Montese, monte castelo. Nós tínhamos muita dificuldade, fazia tempo que os alemães estavam lá. “E nós de baixo do morro não conseguia chegar até eles lá”. Então começaram a largar bomba dia e noite, sem dar trégua. Os alemães não conseguiam nem comer e nem tomar água. Quando tomamos Monte Castelo, nem recorde muito por que tomamos e fomos pra frente. Uma das maiores dificuldades que eu encontrei como soldado, foi a realização de patrulhas, pois quando menos se esperava se estava em cima do inimigo. Os alemães tinham uma metralhadora que nós chamávamos de “lurdinha”. Eu vi muitos companheiros morrer, a neve que tanta dificultava nossa vida lá, evitava que aqueles que morressem em combate viessem a apodrecer, pois ficavam lá congelados. Depois que os alemães abandonaram suas posições daí voltamos para recolher os corpos. O frio também castigou nós, no inverno nunca acabou o gelo. Teve um companheiro meu que estava próximo de mim combatendo e levou uma rajada de metralhadora na barriga e caiu, levantou e tentou correr para traz procurando socorro só que quando ele levantou levou outra rajada no rosto e caiu ali morto.

18) Que tipos de facilidades foram proporcionadas nos campos de batalha da Itália. Existia algum tipo de turismo ou algum outro aspecto?

Sim, sim, havia possibilidades de conhecer outros lugares sim. Por exemplo, uma determinada frente de combate, possuía 4 batalhões, 3 ficavam na linha de combate e 1 ficava na reserva a retaguarda, eu, por exemplo, tive a oportunidade de estar em Roma, assim como outros companheiros estiveram em outros lugares também.

Presenciei também a troca que acontecia com as meninas e mulheres da Itália, se prostituíam em troca de uma barra de chocolate, de carteira de cigarro, eu mesmo nunca tive coragem de ficar com nenhuma daquelas mulheres, imagina homem de DEUS, as doenças, gonorréia. Eu já era casado e não queria levar doenças pra família.

19) Como foi o retorno de volta para o Brasil e como foi a receptividade?

Foi muito tranqüilo, fomos com 15 dias e para voltar, retornamos em doze dias, viemos direto para o Rio de Janeiro, o porto estava cheio de pessoas nos esperando. Estávamos felizes, por poder participar e principalmente por voltar vivo de volta pra casa.

20) Houveram dificuldades de reintegração junto a sociedade na volta dos campos de batalha da Itália? Quais?

Não tive dificuldades de me adaptar a vida que levava antes

21) Houveram decepções daqueles que participaram do efetivo da FEB?

Olha única coisa que sinto, é de não poder ter seguido carreira militar

22) Quais foram as novas batalhas travadas, agora em solo brasileiro?

Não respondeu.

23) Houve algum tipo de promessa para quem compusesse o efetivo da FEB?

Não houve nenhum tipo de promessa

24) Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?

Não percebi nem um tipo de reconhecimento, nem lembro de nenhum que possa ter acontecido.

25) Recorda-se de algum tipo de discriminação praticado pela sociedade? Por exemplo, considerado com distúrbios ou perturbados, devidos aos treinamentos para guerra e até mesmo a participação em combate?

As imagens do que eu passei no campo de batalha esta presente até hoje na minha mente, mas nunca presenciei nenhum tipo de discriminação.

26) Lembra-se de algo que seja interessante, que marcou sua vida nessa época?

Não.

27) Como foi sua adaptação após seu retorno?

Me adaptei normalmente, sem ter maiores problemas e me sinto muito orgulhoso de ter participado da guerra e ter representado o país.

28) Gostaria de deixar aqui registrado mais algum detalhe?

Não tenho mais nada a deixar registrado, encerrada a entrevista dia 02 de setembro de 2009, as 11:05

Coronel Freitas – Santa Catarina, 02 de setembro de 2009.

Vitório Germano Giacomini

Entrevista com Ex-combatente da FEB

Entrevista realizada dia 09 de novembro de 2009, na cidade de Curitiba - Paraná as 13h05min.

01) Qual seu nome completo?

Virginia Leite

02) Qual sua idade?

93 anos

03) Nasceu em que cidade?

Irati - PR

04) Qual é a sua descendência?

Luso - Brasileira

05) Foi voluntário para compor o efetivo da FEB?

Todas as enfermeiras foram voluntárias. Aqui no Paraná eu fui a primeira voluntária para fazer o estágio militar

06) O que motivou sua voluntariado ?

A Cruz vermelha criou em várias cidades um curso de enfermagem para que o exército pudesse compor um corpo de saúde de enfermeiras. A gente ouvia pelo rádio o horror que estava tomando a Europa, com a Alemanha tomando territórios.

07) A qual unidade militar integrante da FEB pertenceu?

Ao corpo de saúde da FEB. Nós não fizemos parte de nenhum escalão, as primeiras foram antes do primeiro escalão. Eu fui no terceiro grupo. Saímos do Rio de Janeiro e fomos para Natal/RN. Depois fomos para a África, e depois fomos para Itália e desembarcamos do avião em Nápoles. Chegamos depois do segundo escalão.

08) Quem foi seu Comandante de fração?

Sadi Ficher

09) Como os alemães eram tratados antes da decisão do Brasil apoiar os países aliados?

No Brasil houveram as coisas mais absurdas que se possa imaginar, por que aqui mesmo em Curitiba, as lojas que eram dos alemães, italianos e japoneses, foram depredadas e os donos eram presos, o brasileiro “pintou e bordou”, com os imigrantes e descendentes. Quem estava aqui não tinha nada a ver, foi até um absurdo, mas guerra é guerra.

10) Houve alguma mudança de tratamento com os alemães após a decisão?

Com certeza, não há duvida, como eu falei anteriormente.

11) Como se apresentava a política antes da decisão de apoiar os países aliados e como se apresentou após a decisão de oferecer apoio?

Bom, antes do apoio aos norte-americanos era um tratamento cordial com os imigrantes e descendentes e depois não há dúvida, mudou muito o tratamento, foi o inverso. Foram perseguidos.

12) Como foi a seleção dos integrantes da FEB?

Na verdade não fomos selecionadas, todas nós fomos voluntárias. Passamos por inspeções de saúde, nada de muito rigoroso.

13) Presenciou algum tipo de facilidade para que determinado militar não participasse do efetivo?

Olha, era só ter dinheiro que ele sempre valeu né. Comentavam, eu nunca presenciei, mas se eu presenciasse eu reclamaria, se eu mulher estava pronta para servir o Brasil, por que o soldado tinha que ficar aqui. Aconteceu muito disso, não tenho dúvida, os “filhinho de papai”, claro que não de um modo geral, acabavam se valendo de influências e poder aquisitivo. Tinha o bom elemento e o mau elemento.

14) Como foi a partida da FEB e como foi a chegada na Itália?

Olha, eu ouvia os comentários, pois os brasileiros saíram daqui pra ser bucha de canhão, e os norte-americanos e ingleses, diziam que se tivesse outra guerra iriam ao Brasil buscar os brasileiros para combater, ante o desempenho que realizaram nos campos de batalha, por que não tem soldado como o soldado brasileiro. Isso eu escutei e com certeza tem por ai escrito. O soldado brasileiro foi extraordinário e no hospital onde eu trabalhei, os soldados feridos alemães diziam: os melhores soldados do mundo são os alemães e depois os brasileiros.

Outro aspecto que eu considero muito importante, eu ficava apavorada, pois os militares feridos fugiam dos leitos, onde estavam baixados, mas não pra fugir da guerra e sim para ir ao campo de batalha onde estavam seus companheiros. Teve muitos casos assim, me lembro muito bem disso.

15) O material empregado pelo exército brasileiro foi utilizado nos campos de batalhas europeus?

O material que era do exército nem saiu daqui, o que foi utilizado era todo dos norte-americanos.

16) Ouveram dificuldades nos campos de batalha de adaptação, como foram as superações?

As primeiras de nós, não eram nem oficiais, nem praças, não tinham pensado nesse sentido, então para que nós convivêssemos em um ambiente de respeito foi solicitado que nós tivéssemos um posto, ai sim, nos promoveram a segundo tenente.

Eu ouvia os comentários dos soldados, que logo que chegaram eles foram jogados ao relento, com poucos materiais para até mesmo dormir.

17) Que tipos de facilidades foram proporcionadas nos campos de batalha da Itália. Existia algum tipo de turismo ou algum outro aspecto?

Sim, eu ouvia os soldados falando a respeito de passeios que realizavam, sim. Claro que quem estava em frente de combate jamais poderia fazer algo assim, mas quem estava descansando acabava indo para alguns lugares, dentro da Itália, não podiam sair do país. Mas eles tinham essa possibilidade sim.

18) Como foi o retorno de volta para o Brasil e como foi a receptividade?

Eu nunca ouvi falar de uma festa tão grande no Brasil quanto à chegada dos pracinhas. Só que eles chegaram a uma festa muito grande e posterior a isso foram esquecidos. Na verdade leis existiam, mas quando eles chegam de volta da Itália elas foram esquecidas também.

19) Houveram dificuldades de reintegração junto a sociedade na volta dos campos de batalha da Itália? Quais?

O brasileiro gostava de contar vantagens sobre o expedicionário, mas na realidade não apoiou nem um pouquinho. Por que ninguém dava trabalho para o expedicionário, por que eles eram considerados loucos. A maioria dos ex-combatentes saiu da “roça”, e quando retornam já não queriam mais voltar a trabalhar na lavoura. Criou-se um clima muito pesado, pois havia sido gerado um problema social.

20) Houveram decepções daqueles que participaram do efetivo da FEB?

Não há duvida que sim, pois foram para a guerra e depois ficaram discriminados dentro da própria sociedade que solicitou que fossem combater. Antes da guerra, dizia-se que os febianos serviriam de bucha de canhão, mas quando voltam, até mesmo dentro dos quartéis acabam sendo discriminados, pelo grande desempenho que tiveram.

21) Quais foram as novas batalhas travadas, agora em solo brasileiro?

Olha, quem tinha boas condições financeiras acabou voltando a vida normal, mas a grande maioria, que eram pessoas de baixa renda acabaram sofrendo muito, passando por muitos sacrifícios, pois como foram esquecidos, abandonados e discriminados, tanto dentro da sociedade quanto no próprio meio militar, acabaram travando imensas batalhas para ganhar, conquistar um espaço dentro da sociedade.

22) Houve algum tipo de promessa para quem compusesse o efetivo da FEB?

Essa mágoa eu carrego comigo, pois quando os pracinhas foram partir para Itália, para combater, Getulio Vargas disse aos componentes da FEB, que as famílias seriam amparadas. Ai quando eles voltaram da guerra acabaram ficando, como já falei antes, esquecidos. Muitos voltaram com problemas sérios de saúde, ninguém prestava apoio, ninguém lembrava que haviam voltado de uma guerra. Poucos foram os que tiveram sorte.

23) Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?

Que eu saiba não. Teve um acontecimento, uma vez eu estava na estação ferroviária, ia para Irati, minha terra natal, acabei verificando sobre um expedicionário. Era um ferido de guerra com a perna inteira no gesso, foi dado a ele uma passagem fornecida pelo exército em um vagão de segunda, com bancos de madeira. Saiu do Rio de Janeiro, atravessou São Paulo, indo com destino aos confins do Rio Grande do Sul, lamentavelmente eu não tinha dinheiro para comprar uma passagem de primeira ou ainda para ajudar ele. Eu dei o que tinha, umas frutas, umas bolachas, mas aquilo me marcou profundamente. Ele era ferido de guerra e estava passando por uma situação tão triste.

24) Recorda-se de algum tipo de discriminação praticado pela sociedade? Por exemplo, considerado com distúrbios ou perturbados, devidos aos treinamentos para guerra e até mesmo a participação em combate?

Teve muito, muito mesmo, nem sei qualificar o gesto do povo brasileiro. Não sei em outros países, mas aqui no Brasil aconteceu muito, principalmente com aqueles que ficaram alguns ferimentos da guerra. A guerra mexe com as pessoas, alguns ficaram com conseqüências terríveis e ficaram abandonados.

25) Lembra-se de algo que seja interessante, que marcou sua vida nessa época?

La aconteceu o seguinte, eu trabalhava no horário normal que tinha que se trabalhar, as outras pessoas acabavam tirando um tempinho pra fazer algo diferente, cinema, jogar, enfim, eu por falta de pensar um pouco pensava, como vou sair do ambiente do hospital, da zona hospitalar se o pobre do ferido esta sentindo dor. A cabeça já não estava boa né. Até que um dia meu chefe de enfermaria falou: “já tivemos caso de enfermeiras que não agüentou e teve que voltar e você esta nessa lista também. Eu falei, mas eu? Por que, o que eu fiz? Ai ele responde: você não faz nada que sirva de válvula de escape, você precisa de um cinema, de um teatro, precisa de um clube, por que só esse ambiente de guerra estoura qualquer cabeça, ai eu chorei.

26) Como foi sua adaptação após seu retorno?

Tive uma adaptação tranqüila, eu era professora antes de ir como voluntária, voltei a ser professora. Se bem que no principio, logo depois do retorno, eu tive um problema devido ao sistema nervoso abalado. Tive um problema de coluna, devido a uma queda, ficando por 9 meses internada em um hospital.

27) Como a senhora viu as legislações após a guerra, de que forma elas contribuíram para melhorar as condições dos ex-combatentes?

Olha, as leis foram importantes, só que tinham que ser feitas antes da guerra, aqueles que moravam no interior, distante de tudo, foram ficar sabendo só muitos anos depois, já tinham passado por tantos sacrifícios. Alguns nem tiveram tempo de saber que existiam direitos, morreram sem nenhum apoio.

28) E sobre a CRIFA e a LBA?

Foram entidades importantes, mas acabou que não atendeu a todos, foram poucos os soldados que se beneficiaram.

29) Gostaria de deixar aqui registrado mais algum detalhe?

Não tenho mais nada a deixar registrado, encerrada a entrevista dia 09 de novembro de 2009, às 13h46min

Curitiba – Paraná, 09 de novembro de 2009.

VIRGINIA LEITE